



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**EMANUEL DE JESUS ANTUNES MACHADO**

**O Rosto da Ecologia Integral**  
**Contributos para o despertar**  
**da consciência ecológica**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Professora Doutora Maria Isabel Varanda

**Braga**  
**2016**



## RESUMO

Esta dissertação visa a aproximação a uma das temáticas da atualidade social e religiosa, a sustentabilidade daquilo que é comum, a terra, os recursos, o ambiente. Fruto de práticas irresponsáveis do ser humano, a deterioração dos ecossistemas tem agravado com o decorrer dos anos. Ao mesmo tempo, o indivíduo parece desprezar as consequências nocivas dos seus comportamentos desregrados para o planeta.

A criação tem sofrido com uma exploração galopante devido a um progresso científico e tecnológico vertiginoso, diante do qual o sujeito não dispõe de tempo para ponderar os efeitos, nem tão pouco para controlar a sucessão dos acontecimentos. A autossuficiência é o grande motor deste círculo vicioso.

Assim, ao longo dos três capítulos deste trabalho pretende-se despertar para uma melhor consciência ecológica. Para isso, procura-se compreender a origem da imprecisão humana e, refletindo acerca das principais intervenções do magistério da Igreja sobre a questão em causa, enunciar modos de promover a sustentabilidade da criação e a dignidade das criaturas. Procurar o bem comum é respeitar os dinamismos de cada ser, assumindo-os como parte constituinte dos ecossistemas, e não fazendo deles nossa propriedade. Aí reside a autêntica conversão ecológica.

**Palavras-chave:** Ecologia, Progresso, Despotismo, Terra, Criaturas, Casa-Comum, Cuidar, Sustentabilidade, Conversão, Compromisso, Teodiceia.

## **ABSTRACT**

This dissertation aims to approach one of the most relevant social and religious themes today: the sustainability of what is common - the land, the resources, and the environment. As a result of irresponsible practices of human beings, the deterioration of the ecosystems has worsened in recent years. At the same time, the individual seems to despise the harmful consequences of their unruly behaviour against the planet.

Creation has suffered a rampant exploitation due to scientific and technological progress, and the subject does not have time to consider the effects nor control the sequence of events. Self-sufficiency is the great engine of this vicious circle.

Thus, over the three chapters of this essay we intend to awaken a better ecological conscience. For this, we seek to understand the origin of such human imprecision; at the same time we reflect about the main interventions of the teachings of the Church on the matter. We try to enhance the promotion of the sustainability of the creation and the dignity of creatures. Finding the common good is to respect the dynamics of each being, taking them as a constituent part of the ecosystem, and not making them our property. Therein lies the true ecological conversion.

**Keywords:** Ecology, Progress, Despotism, Earth, Creatures, House Common, Care, Sustainability, Conversion, Commitment, Theodicy.

## INTRODUÇÃO

“Nós somos aquilo que fazemos repetidamente. Excelência, então, não é um modo de agir, mas um hábito”, alegou Aristóteles um dia. A humanidade vive camuflada de uma parca erudição, e que oportunamente se dissipa na complexidade das verdades. O que são o erro, o bem-estar, a afeição e a fé? O que é o ser humano e a sociedade? O que representam e qual o sentido das discussões colossais do nosso tempo, que, no entanto, perturbam a humanidade desde sempre? Será capaz, o ser humano, de abarcar as dificuldades contemporâneas e, particularmente a questão ecológica, ou coloca de parte a resolução das grandes incógnitas do século XXI?

A Pós-Modernidade, impregnada de uma motivação industrial, científica e tecnológica, deixou-se conduzir por propósitos e finalidades desde sempre contraproducentes para o humano, em virtude das suas versões contraditórias. Não será por acaso que assistimos a um incremento da inteligência, estribado ingenuamente em cálculos que elevam principal intento cotações, *ranking* de tarefas e execução de objetivos? A técnica superou o humano e todo o sistema axiológico foi subvertido. Mais que o como (*How*) e porquê (*Why*) importa, nos nossos dias, o *know-how*, ou seja, o conhecimento tácito para deliberar sobre equações que incrementem valores financeiros maiores. Embora este princípio seja oportuno, ele tem levado o sujeito a esvaziar-se do sentido essencial conferido às suas ações, ao implicar caminhos especulativos e contrários à reta finalidade.

Não obstante os grandes avanços e progressos atuais, observamos entraves no desenvolvimento de uma consciência ecológica, solidária e reta. O bem-estar e o bem comum, colocados à margem, afiguram-se sem força e o terreno confortável que anteriormente ocupavam é agora preenchido pelas visões despóticas de homens e

mulheres que se julgam donos e donas de uma casa comum e, por isso, que a todos deve albergar, sem discriminação nem marginalização.

Vivemos períodos conturbados, podendo observar-se uma autofagia aplicável aos valores e princípios que, no passado, eram vistos como normas éticas. Esta moléstia acarreta consequências deploráveis para a nossa sociedade: supressão da natureza, escravização da humanidade pela técnica, extermínio de vidas humanas, anulação de opiniões individuais, *grosso modo*, práticas e ameaças lançando o perigo e pânico por toda a esfera planetária. Há uma nostalgia do tempo em que qualquer cidadão largava as suas propriedades, sabendo que nada de prejudicial lhe iria acontecer, nem tão pouco iriam atentar contra a sua dignidade e integridade.

Todavia, a humanidade de hoje e, particularmente, os filhos da futuridade vivem num alvoroço, numa inconstância de um único esboço de felicidade, a que poderíamos chamar o ápice das incertezas. Estão criadas as condições propícias para um clima de precipitação, de impasse, tensão e suspeita. Esta é a sociedade de uma crescente esquizofrenia, onde o inesperado suscita desvio, em virtude dos descontrolos emotivos e das depressões. Grande parte dos casos sarcásticos entrem-nos em casa pela imprensa: seres humanos partindo produtos domésticos por alguma perda ou derrota.

Nos nossos dias, há a necessidade de restabelecer, preventivamente, o equilíbrio do ser humano com o ser humano e com o mundo, até porque na relação com o que nos rodeia somos interpelados quotidianamente. Por isso, as nossas condutas devem ser reguladas de acordo com as normas éticas e morais. Este mundo que não é nosso mas que, não raras vezes, tomamos enquanto tal, merece da nossa parte um respeito capaz. Somos mais do que um mero sujeito pensante, somos uma totalidade de ser que se reflete na inteligência de uma multiplicidade de dimensões.

Pelo contrário, o anseio por um planeta enobrecido pela sua sumptuosidade, repleto de serenidade e bem-estar, parece, para o indivíduo hodierno, um ideal inatingível e desadequado da realidade mundial. Mais, a esperança encetada, severamente protelada por instituições deste ramo, parece ter-se tornado mera utopia, onde a Terra brada pela sua proteção e luta pela subsistência, e onde os seres humanos coabitam na dualidade, entre o auxílio e o prejuízo praticado.

Proliferam eventos e episódios, espontâneos ou mesmo fortuitos, que apoquentam a realidade de uma natureza graciosa aos nossos sentidos. Uma natureza exígua e indefesa perante atentados desgovernados. Um problema ecológico com proporções assimétricas para a humanidade e estruturas criadas, com marcas inapagáveis para a economia, política, cultura e justiça.

Para os crentes, este problema tem um valor superior. Na verdade, o rumo atual exige-lhes uma mutação interior, porventura uma conversão, porque mais do que refletirmos sobre procedimentos, será preciso olhar as causas e consequências a partir da essência humana. Com efeito, trata-se de perspetivar uma provável crise no interior da Criatura (homem e mulher), uma crise na estrutura de valores.

Toda a ecologia surge como um ponto convergente de práticas e valores morais, daí a sua pertinência. No entanto, a este nível, não podemos esquecer uma futura apropriação do conteúdo ecológico na relação passível de ser articulada com as perspetivas teológicas, pois ao atender às agruras que afetam a humanidade, a Teologia tem uma palavra a proclamar no âmbito ecológico. Veja-se que o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26), hospedou graciosamente toda a criação como dádiva, como graça de amor, mas, contrariando o compromisso assumido, não a tem acolhido de forma responsável e muito menos sustentável.

Deste modo, com o presente estudo, pretende-se contribuir para uma reflexão abrangente e enquadrar num horizonte multidisciplinar a questão ecológica. O cerne desta investigação será, mais do que acompanhar a evolução do pensamento do Magistério da Igreja, abordar os impactos das ações humanas e/ou naturais e sua relação com a Doutrina da Criação. No seguimento, resultará a perceção da responsabilidade humana.

Em termos práticos, o primeiro capítulo trata o tema da ecologia nas suas diferentes manifestações. Começaremos por ter presente as suas definição e extensões para, de seguida, propor o desenvolvimento de uma ecologia Humana a uma ecologia Integral. Assim, terminaremos este capítulo focalizando o lugar de Deus e da Criação. Com que finalidade Deus terá criado o ser humano e Mundo? Qual o lugar do homem e da mulher na história da Criação? Que responsabilidade tem o ser humano na ecologia?

No segundo capítulo, aborda-se as principais intervenções do Magistério da Igreja a partir do século XX. Antes deste período só se falava de uma sabedoria ecológica. Com efeito, no decorrer do Concílio Vaticano II começa-se a problematizar pela primeira vez a questão ecológica. Assim, iniciaremos uma abordagem ao Magistério do Papa Paulo VI, passaremos pelos documentos de João Paulo II e de Bento XVI, acrescentando ulteriormente ao nosso esboço as iniciativas levadas a cabo pelo Papa Francisco. Qual a evolução do pensamento ecológico no seio eclesial? Que práticas e normas plausíveis podem ser consumadas pela Criatura inquieta? Quais os sinais e ressonâncias sacramentais presentes na ecologia?

Por último, no debate entre ciência, fé e teologia, será possível refletir sobre a questão proeminente da viragem do século XX? Até que ponto podemos reclamar uma educação e espiritualidade, desenvolvimento e solidariedade ecológicas? Este terceiro capítulo pretende ser um percurso único e espontâneo que vá de encontro à delimitação de uma teodiceia ecológica, particularmente, de uma Ecoteologia.

Teofania de uma reciprocidade entre Criador e Criação, este trabalho visa ser balanço e estudo provocador, quiçá interpelador, de uma sociedade esperançosa e dócil, propondo critérios e contributos para um desenvolvimento da consciência ecológica. Na verdade, “ancorados no ápice fundante”, encararemos o mundo com nascentes criativas e simbólicas, capaz de trazer a serenidade e pautar o seu ritmo pelo equilíbrio (Cf. Gn 1.28).



# **Ecologia - Estado da Questão Capítulo I**

“Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra,  
que nos sustenta e governa,  
e produz variados frutos, com flores coloridas e verduras.”

(São Francisco de Assis)



## 1. Terminologia de ecologia

O ser humano preocupou-se continuamente com a ecologia, embora em determinados intervalos da história humana esse interesse não fosse tão notório. Já o *homo erectus*, para resistir às adversidades e necessidades de subsistência, logrou alcançar um saber fulcral para o desenvolvimento no meio, seja através das relações que tecia com o ambiente, seja pelo domínio das resistências da natureza, das plantas e dos animais que o circundavam. Graças a esse conhecimento, o sujeito pôde auxiliar-se de díspares instrumentos, um deles o próprio fogo, a fim de assegurar as condições de sobrevivência, nem que para isso fosse preciso alterar os padrões que serviam de regimento à ordem natural do ambiente<sup>1</sup>.

Ao longo dos séculos, ninguém se arredou de um discernimento, mais ou menos consistente, sobre o *habitat*, sobretudo nos últimos tempos em que esta ponderação se torna obrigatória. Se é verdade que os preceitos da natureza foram estabelecidos escrupulosamente na *origem bíblica*, não é menos verdade que o aumento da população e a possibilidade de uma autoridade superior, exteriorizada no sujeito, determinou a alteração constante do ambiente. De *per si*, a complexa civilização viu-se, ao longo do tempo, confrontada com efeitos decorrentes da ação humana, em tantas ocasiões extremista e esquizofrénica.

Todos estes procedimentos e emolduramentos delimitaram âmbitos de estudo, focaram aspetos de conhecimento, aprimoraram conceitos e teorias que vêm sendo refletidos. Nesse sentido, podemos garantir que a ilustração ecológica disfrutou de um progresso gradativo, embora limitado. Procedentes da cultura helénica, já filósofos como Hipócrates e Aristóteles revelavam uma profunda preocupação com os princípios que

---

<sup>1</sup> Cf. Eugene ODUM, *Fundamentos da Ecologia*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2001, pág. 4.

presidiavam à natureza<sup>2</sup>. Por essa altura, já a reflexão acerca da mãe natureza não deixava de ser diversa, embora os conceitos ainda não permanecessem evidentemente enunciados, uma vez que os juízos e os pareceres ecológicos só seriam formulados posteriormente. Mas sem esta cogitação inicial, não seria viável um aprofundamento do vulto que a ecologia detinha e detém na moldura da civilização humana, bem como da sua indispensável correspondência com as restantes ciências.

Desse modo, a sensibilidade sobre as questões ecológicas foi sendo apurada e refinada ao longo dos tempos, procurando ir ao encontro das necessidades e reptos disseminados nas mais diversas áreas. Com o progresso ininterrupto do pensamento e metodologias humanas, foi possível observar uma evolução do horizonte em estudo. Assim, a ecologia foi ganhando dimensão, conquistando a sua problematização, alcançando o seu espaço como saber de saberes, isto é, despontando não já mais como uma coleção de opiniões soltas, mas como ciência com suporte empírico e regular.

Daí decorreu um notável avanço. Compreendida e considerada como disciplina, irrompeu no meio académico até a encontramos sob um prisma de investigações de cariz social, cultural, ambiental e humano. Questionada, a ecologia expôs-se com uma enorme resistência às síncries austeras e que delimitaram a sua certificação, fruto também da autoridade numa dedutiva beneficiação para a qualidade de vida da comunidade internacional. Aliás, foram os ensaios que permitiram o método, a aplicação e o *standard* de abordagem enquanto instrumento de estudo, perspicazes na deteção remota e solvência dos desacertos perniciosos ao nível ecológico.

No entanto, notemos que o vocábulo «ecologia» é de aquisição recente e foi grafado pela primeira vez pelo biólogo alemão Ernest Haeckel, em 1869<sup>3</sup>. Antes, já havia

---

<sup>2</sup> Cf. Eugene ODUM, *Fundamentos da Ecologia*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2001, pág. 3

<sup>3</sup> Cf. Isabel VARANDA, *Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador*, «Theologica» 38 (2003) pág. 288.

um enorme contributo de biólogos do século XVIII e XIX, muito embora a palavra «ecologia» não fosse equacionada. Um deles, “Aston van Leeuwenhoek, [...] pioneiro do estudo das cadeias alimentares e da regulação da população”<sup>4</sup>, foi inovador por enunciar a salvaguarda dos ambientes vitais face a uma deterioração dos recursos e bens, apelando à criação de estatutos que balizassem as condutas humanas de exploração, por forma a minimizar os estragos praticados nesses meios.

Por sua vez, a ecologia conquistaria o seu espaço epistemológico mais tarde, nos inícios do século XX, recorrendo como tema nuclear nos discursos e conferências na sociedade política e civil e refletida pelo Magistério da Igreja desde o Concílio Vaticano II. Aos poucos conquistou uma extensão ímpar, de modo que no último quartel do século XX fazia parte da nomenclatura universal. Nos nossos dias, é consensual a pertinência das ciências ambientais enquanto ferramenta para fomentar e sustentar a essência valorativa da vida humana. A ecologia tem-se volvido velozmente como um ramal pretensiosíssimo, insubstituível por conceber propostas que aumentem a qualidade de vida no dia-a-dia do ser humano e de todas as configurações de vida na Terra.

Neste contexto, vejamos que a palavra «ecologia» agrega dois termos de origem grega. É um vocábulo composto: *οἶκος*, que significa «casa» ou «lugar onde se vive», e *λόγος*, que designa «estudo», «discurso» ou «tratado». Em definitivo, a ecologia é o estudo dos organismos na sua casa, nesse lugar onde coexistem e estabelecem relações com o meio<sup>5</sup>. Por isso, e no seio da biologia, ouvimos vulgarmente defini-la como o estudo dos encadeamentos entre organismos ou conjuntos de organismos em redor do seu *habitat*, ou ainda o elemento epistemológico que abarca as inter-relações entre os seres vivos e o ambiente onde se estabelecem e reproduzem. Podemos deduzir que a ecologia

---

<sup>4</sup> Eugene ODUM, *Fundamentos da Ecologia*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2001, pág. 3 - 4

<sup>5</sup> AA.VV., *Ecologia*, in Academia das Ciências de Lisboa – Fundação Calouste Gulbenkian, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Vol. 1º, pág. 1326.

diz respeito à “ciência que estuda as relações dos seres vivos entre si e com o ambiente em que se inserem”<sup>6</sup>.

Embrenhados na etimologia e conteúdo conceptual, podemos assegurar que a casa (*oἶκος*) é lugar de afinidade e afetação, onde os diversos componentes constitutivos coabitam como estirpe familiar e estabelecem cómodos laços entre si, seja de menor ou maior intensidade, de inferior ou superior proximidade<sup>7</sup>. De novo, atestamos que a aceção de ecologia prepara para uma investigação arguta das relações entre os seres vivos e entre estes e a atmosfera envolvente que os une.

Em virtude de a ecologia se ocupar da biologia dos ecossistemas compostos por criaturas e examinar a sua sustentabilidade no planeta Terra, seja no solo, água marinha ou doce, a conceção categorial está latente à moderna significação que encara a ecologia como o estudo da disposição e atividade da natureza, também apoquentada pelos choques e sintomas maléficis provocados pela humanidade<sup>8</sup>.

Subsequentemente, os especialistas da área têm-se esforçado por uma abordagem que não só integre como abranja a totalidade dos fenómenos de todo o evento ecológico, mais ou menos nocivos, de maior ou menor efeitos. A complexidade do assunto, dadas as resistências humanas e os resultados dissemelhantes, obtidos entre as diferentes instituições, tem exigido uma clara e reta compreensão do que à ecologia diz respeito. Desse derivaram alterações contínuas do próprio conceito de ecologia, refém de novos estudos.

---

<sup>6</sup> António Manuel FABIÃO e Mário LOUSÃ, *Ecologia*, in João Bigotte CHORÃO (dir.), *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 9º, pág. 1155.

<sup>7</sup> Cf. AA.VV., *Ecologia*, in Ferguson Publishing Company, *New Standard Encyclopedia*, vol. 6º, pág. E36a.

<sup>8</sup> Cf. AA.VV., *Ecologia*, in Maria Fernanda SOARES – Vítor Wladimiro FERREIRA (dirs), *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclude*, vol. 7º, pág. 2174.

Na verdade, a definição de ecologia provém de reformas desencadeadas pela aparição e consciencialização das ameaças provocadas pela pegada ecológica. Esta matéria ampla assumiu uma perspectiva tão limitada de tal modo que se reduziu à invocada ecologia humana nos finais do século XX, uma vez que o centro do estudo eram os comportamentos e motivações humanas. Isto porque se percebeu que o ser humano tinha responsabilidade iminente na crise ecológica, sentida especialmente na contemporaneidade.

Assim, examine-se o facto de na antropologia, a ecologia humana comportar “a ciência que estuda as relações entre os grupos humanos e o meio natural que os rodeia”<sup>9</sup>. Daqui resulta uma reflexão ecológica que tem por base a dificuldade subjacente à alienação da criação pelo ser humano, que nos obriga a unir esforços de ultrapassagem da crise.

Hodiernamente, a ecologia é mais do que o estudo das relações entre organismos no *habitat*, mas recai num novo vetor, a aceitação e busca de constância, de simetrias e equilíbrios com a criação, combatendo os procedimentos que infligem uma decadência à natureza. Acreditamos que esta dificuldade é desfecho da ação humana irresponsável e, de *per si*, só ao ser humano será possível solucioná-la. Contemplemos, pois o sujeito é o único capaz de se ajustar ao meio envolvente de tal modo que ele pode mudar a sua práxis e assim preservar e valorizar a natureza, essencial para a continuidade das espécies<sup>10</sup>.

Não podemos elucidar a conceção de ecologia sem enfrentar o risco que emerge do comportamento inoportuno do ser humano, sem olhar a esteira que lhe é tácita, sem nos preocuparmos com os malefícios infringidos aos ecossistemas que compõem o globo

---

<sup>9</sup> AA.VV., *Ecologia*, in Maria Fernanda SOARES e Vítor Wladimiro FERREIRA (dirs.), *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube*, vol. 7º, pág. 2175.

<sup>10</sup> Cf. AA.VV., *Ecologia*, in Grolier Incorporated Danbury, *Encyclopedia of Knowledge*, vol. 6º, pág. 328.

terrestre. Enquanto responsável máxima, a humanidade tem sido forçada, nos últimos séculos, a reconhecer e consciencializar-se das deficiências que na Terra se vão acumulando, desde a degradação ambiental até à degeneração das relações afetivas. Aliada a esta conjuntura estão resultados à vista da comunidade internacional e que não nos devem deixar orgulhosos.

Certamente, no âmbito biológico a ecologia poderá exercer a sua função epistemológica, cumprindo com todos os requisitos no seu quadro concetual. No entanto, exige-se-lhe muito mais do que ser uma simples ciência que aborda os organismos e suas relações no espaço, a que designamos de *habitat*. Aliás, é esse meio que carece de ser requalificado, conhecido e olhado com atenção de índole maternal que saiba cuidar e amar. E aqui a ecologia terá um papel fundamental, o de produzir premissas teóricas e práticas para chegarmos à reaquisição de um mundo perdido, um planeta que já existiu, onde os seres conviviam harmonicamente.

Contudo, antes de chegarmos a qualquer reflexão sobre as soluções possíveis para o problema ecológico, convém perscrutar as origens e manifestações desta enorme dificuldade. É isso que faremos de seguida, ao mesmo tempo que procuraremos considerar as implicações e complicações que a crise ecológica acarretou, acarreta e acarretará para a humanidade. Trata-se de um cálculo gradual dos fenómenos ambientais e humanos que têm degradado a harmonia social.

## **2. Crise ecológica**

Perdura ainda em múltiplas consciências humanas uma visão desacertada dos fenómenos decorridos da dinâmica e/ou pegada ecológica. A sociedade contemporânea

vê-se desfasada da realidade e factos consumados, afastada de uma inquietação maternal pelo “*cosmos ferido*”, graças às práticas e condutas fraudulentas levadas a cabo pelo ser humano (*ἄνθρωπος*). Se outrora esse caminho trilhado ficou alheio a ponderações mais maduras, conscientes e exatas, acerca da complexidade subjacente a qualquer tipo de influxo exploratório aos recursos, hoje assinala-se uma clara evolução otimizada e uma consciência redobrada sobre os graves contornos dessa mesma exploração. Nos últimos tempos, a realidade social, económica e cultural tem merecido destaque nos quadros comunitários, fruto de normas de preservação, cânones de valorização e diretrizes de criatividade sustentável. Por isso, “a crise ecológica faz parte das nossas evidências culturais”<sup>11</sup>.

É tão relevante assegurar que homem e mulher são entes relacionais, competentes no modo de promover a sua integração no meio e favorecer a inclusão (Levinas), ainda que por vezes eles se tornem escravos de aplicações falaciosas, subsistindo numa atmosfera de inferno (Sartre), quanto garantir que os sujeitos são capazes, *grosso modo*, de replantar e reinventar procedimentos que mantenham o equilíbrio ecológico. Acreditamos que o indivíduo é tão promotor de um conflito biológico, químico e bacteriológico, quanto eficiente na harmonia e paz com a herança comum, a Terra. São estilos de vida que nos orientam a estimativas despóticas, dos quais o ser humano precisará discernir retamente qual o caminho prioritário a tomar. A multiplicidade de diligências é riqueza da humanidade, única, conforme a arte de se apropriar às circunstâncias. De outra forma, “o homem está em perigo de se destruir irremissivelmente”<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Otto SCHÄFER-GUIGNIER, *Ecologia e Cristianismo*, Perpétuo Socorro, Porto 1999, pág. 7.

<sup>12</sup> Adolphe GESCHÉ, *Dios para pensar II. Dios – El Cosmos*, Les éditions du Cerf, Salamanca 1997, pág. 173. A tradução de todas as citações de origem espanhola serão da nossa responsabilidade.

A oposição entre a natureza, parte da Criação, e a exploração desenfreada pode realmente classificar-se de aniquiladora quando se provoca uma adulteração na primeira, quando se origina uma mutação na mesma, implicando uma rutura da criação, não só no plano exterior, mas especificamente no plano interior, no âmbito do menos perceptível a olho nu, e que dita o extermínio da criação. Embora essa alteração não possa ser evitada, uma vez que o ser humano só conseguirá sobreviver pelo uso dos recursos naturais, poderá, no entanto, ser minimizada nos efeitos nefastos, transformando os princípios subjacentes às condutas ou, inclusive, às convicções capitais do encontro entre a humanidade e os recursos.

A competência interdisciplinar, por seu turno, é pilar frutuoso tendo em vista a gestão eficaz do meio e o desenvolvimento integral dos povos. Na medida em que subsiste uma inteligência partilhada e comum, de caridade e cuidado, é que se suporta a realização de um projeto ecológico à escala global<sup>13</sup>. A este nível, todas as ponderações e expectativas, emoções e anseios, devem ser apreciados, pois refletem uma visão amplamente comprometida dos factos, no modo de incluir e sentir a sustentabilidade planetária. É na confluência destes desvelos que germina uma consciência intensificada acerca de um relacionamento frutífero e eficaz entre as realidades criadas, e entre estas e o Criador.

Desse modo, julgar sobre o âmbito da ecologia é, nos nossos dias, um encargo para todo o indivíduo, do qual ninguém se pode alienar. Perante as exigências hodiernas, o proceder humano terá que ser sadio e persuasivo, até porque o problema ecológico é uma questão comum e que, por sua vez, exige uma solução globalizada. Esta contenda, comparativamente moderna, surge depois de um crescimento e desenvolvimento assente em números, sem bitolar a exploração para atingir os termos propostos, gerando uma

---

<sup>13</sup> Cf. Arthur Lyon DAHL, *O princípio Ecológico*, Instituto Piaget, Lisboa 1996, pág. 6

economia intolerante às perdas, determinada unicamente pelos lucros, sob o jugo do “umbral da saturação”<sup>14</sup>.

Os efeitos desse projeto são visíveis: conflitos interpessoais e intrapessoais, choques civilizacionais, desgaste na humanidade, degradação do meio ambiente, esgotamento dos recursos naturais. Uma problemática, um novelo incontornável, com interferências à escala global, que passaremos a analisar.

### 2.1. Contexto geral do problema ecológico

A consciência acerca do problema ecológico e das suas manifestações é um elemento de debate, maximizado nos últimos tempos na praça pública. Se outrora as preocupações ambientais não faziam parte do quotidiano, mas diziam respeito somente a um pequeno grupo, atualmente somos confrontados com os impactos de uma violenta agressão ambiental e humana que capitalizam estímulos e desafios, nunca antes conjeturados, exigindo a reflexão de todos os indivíduos. As interferências do problema ecológico propagaram-se em pouco tempo e de modo imprevisto, ingovernável e irrefreável; disseminaram-se pelo mundo, inclusive, fora do seu espaço de origem, “sendo certo que as ações ou omissões de cada Estado possuem incidências que claramente extravasam os limites geográficos do respetivo território”<sup>15</sup>. A crise que vivemos neste domínio aplica-se aos impasses sociais da contemporaneidade e exige-se um trabalho efetivo. Sem esta, a sociedade ver-se-á arredada de uma discussão elementar que, em última instância, comprometerá a sua existência.

Com efeito, “não pode haver melhor ilustração da necessidade de uma ação global por parte dos seres humanos do que as questões colocadas pelo impacte da atividade

---

<sup>14</sup> Juan Ruiz de la PEÑA, *Teología de la creación*, Sal Terrae, Salamanca 1996, pág. 182. A tradução de todas as citações de origem espanhola serão da nossa responsabilidade.

<sup>15</sup> João Joanaz de MELO e Carlos PIMENTA, *Ecologia e Ambiente*, Difusão Cultural, Lisboa 1993, pág. 118

humana sobre a atmosfera”<sup>16</sup>, da qual procede o prejuízo da harmonia entre os seres vivos, e entre estes e o meio, à escala planetária. Na verdade, os dinamismos humanos aproximaram-se de um limite ténue entre o reparável e o irreparável, o remediável e o irremediável, o depurar e o infetar. Enquanto “no passado podíamos negligenciar o modo como usávamos e dispensávamos muitas coisas porque simplesmente desapareciam na natureza, impedidos de crescer pelo tamanho dos sistemas naturais e absorvidos por eles”<sup>17</sup>, nos nossos dias, o ser humano, graças à sua condição social, foi-se tornando o primeiro responsável na sua administração, ainda que de forma inconsciente. Naturalmente, “as sociedades incapazes de introduzir alterações fundamentais no seu sistema de valores e de sentido a fim de adaptar-se à nova situação, não podem modificar-se a si mesmas e, por conseguinte, não são capazes de por fim ao destroço que causam”<sup>18</sup>.

Embora nos pareça inexplicável, esta situação é uma deficiência que coloca entraves e suscita dificuldades no mundo, ainda mais quando afeta todos os seres vivos, particularmente as relações que estabelecem entre si e o meio. Facilmente compreendemos que as nossas condutas acarretam consequências prejudiciais não só para quem as aplica, mas também para o ambiente que o rodeia. Por isso, qualquer ação deve ser discernida antes de executada, a fim de que os efeitos desvantajosos sejam minimizados, para bem de todos, porque toda a atividade compromete a comunidade, a pluralidade de seres que coabitam no mesmo espaço geográfico, a Terra. Admitimos que este seja um dos constituintes onde a sociedade, na sua multiplicidade, é interpelada a aceitar o efeito globalizado das suas condutas, em especial das disposições desacertadas.

---

<sup>16</sup> Peter SINGER, *Um mundo: a ética da globalização*, Gradiva, Lisboa 2004, pág. 41

<sup>17</sup> Arthur Lyon DAHL, *O princípio Ecológico*, Instituto Piaget, Lisboa 1996, pág. 14

<sup>18</sup> Jürgen MOLTMANN, *Dios en la creacion*, Sígueme, Salamanca 1987, pág. 37. A tradução de todas as citações de origem espanhola serão da nossa responsabilidade.

O problema ecológico traduz-se pela sua dimensão universal, pela amplitude e celeridade de difusão. Distante das limitações explanadas, a crise ambiental e humana coloca-nos diante de uma certeza: “estamos a correr para limites dos quais não podemos escapar”<sup>19</sup>. Por conseguinte, as questões do foro ecológico assumiram progressivamente uma complexidade tal, que se tornaram agruras planetárias e escoriações abertas, algumas incuráveis, pois “em muitas zonas a destruição ultrapassou completamente a capacidade de auto-recuperação dos ecossistemas”<sup>20</sup>. Com certeza o termo será muito mais penoso, se eternizarmos a falsa lógica, a de um mundo marcado pela “noção objetivista (mundo dos objetos), em lugar de haver justiça entre as pessoas (mundo dos sujeitos)”<sup>21</sup>. Só neste último mundo despontará um apelo premeditado, que contabilize a responsabilidade coletiva, mas similarmente coloque em evidência a necessidade de um compromisso individual, sem o qual não será possível resolver o problema.

O ser humano está a ponto de exterminar o seu espaço de desenvolvimento ao suprimir os requisitos de habitabilidade no ambiente. O interesse despótico e as visões economicistas desaguaram num propósito possessivo do Universo. Na verdade, “ao longo dos séculos, o homem esforçou-se por moldar o ambiente à imagem das suas conveniências e explorá-lo para seu próprio conforto”<sup>22</sup>, sem se preocupar com a sustentabilidade dos ecossistemas. Com a natureza escravizada, é tempo de terminar esta postura indevida graças à prática iníqua que continua a explorar o que já foi explorado de forma depauperante. Chegamos a escalões nunca antes alcançados de saturação e morticínio da natureza e dos seres vivos.

---

<sup>19</sup> Arthur Lyon DAHL, *O princípio Ecológico*, Instituto Piaget, Lisboa 1996, pág. 14

<sup>20</sup> João Joanaz de MELO e Carlos PIMENTA, *Ecologia e Ambiente*, Difusão Cultural, Lisboa 1993, pág. 22.

<sup>21</sup> Adolphe GESCHÉ, *Dios para pensar II. Dios – El Cosmos*, Les editions du Cerf, Salamanca 1997, pág. 172.

<sup>22</sup> João Joanaz de MELO e Carlos PIMENTA, *Ecologia e Ambiente*, Difusão Cultural, Lisboa 1993, pág. 34

Esta destruição imatura de todos os ecossistemas por parte do indivíduo redundava de uma outra: “o homem [...] esforça-se por conseguir o poder, a prepotência, para alcançar a sua divindade [...] e o poder, não a bondade nem a verdade, se converteram no mais exímio predicado de divindade”<sup>23</sup>. O sujeito, rei e senhor da Terra, mostra-se orgulhoso dos feitos alcançados, nem que para isso tenha de contribuir para degeneração dos *habitats* que servem de lar a todas as espécies<sup>24</sup>. Por outras palavras, o ser humano foi ampliando o campo de vassalagem do *cosmos*, de forma desregrada e exagerada, não o concebendo com os procedimentos mais retos, o que acabou por resultar numa alienação ecológica, sendo o desequilíbrio um dos vetores evidentes da contemporaneidade.

Em termos práticos, começa por ser assinalável a sobre-exploração dos recursos naturais, a partir da qual a biodiversidade começa a ser anulada. Este enquadramento tem alimentado a devastação de florestas, a extinção de fauna e flora, a erosão do solo<sup>25</sup>. No presente, vejam-se os lugares devolutos, ostentando residuais resquícios de vida, pois as circunstâncias ambientais não favorecem o desenvolvimento de espécies e muito menos concorrem para a regular subsistência de ecossistemas. Foi nestes lugares, que se sucederam os movimentos centrífugos, nos quais se verificaram uma evasão massiva dos

---

<sup>23</sup> Jürgen MOLTMANN, *Dios en la creacion*, Sígueme, Salamanca 1987, pág. 40.

<sup>24</sup> Arthur Lyon Dahl, ao refletir sobre a prepotência humana, assegurará a generalização de um cancro do poder: “O actual sistema económico disfuncional é basicamente uma expressão dos valores defendidos por aqueles que detêm o poder e a riqueza no governo e no sector privado. Reis e aristocratas, políticos e industriais, competiram durante séculos, na guerra e na paz, pelo seu benefício pessoal tanto como por qualquer interesse mais geral [...] Contudo, a luxúria egocêntrica do poder e riqueza é como um cancro, arrastando recursos para si mesmo, para seu engrandecimento, enquanto ignora os sistemas naturais, os exames, e equilíbrios que permitem ao organismo funcionar de forma mais eficaz” (Arthur Lyon DAHL, *O princípio Ecológico*, Instituto Piaget, Lisboa 1996, págs. 149 e 150).

<sup>25</sup> Neste processo, são as florestas tropicais as que mais “sofrem”, na medida em que ostentam uma riqueza incalculável que atrai as conveniências económicas. “Tais florestas contam-se entre as últimas áreas virgens do planeta e estão a desaparecer a um ritmo alarmante: cerca de vinte milhões de hectares são queimados ou derrubados por ano” (João Joanaz de MELO e Carlos PIMENTA, *Ecologia e Ambiente*, Difusão Cultural, Lisboa 1993, pág. 45).

que antes ali residiam. As transformações aceleradas do território são o reflexo do desrespeito para com os núcleos de biodiversidade, culminando com o já referido extermínio de animais e plantas.

Em igual registo, concorre a poluição e/ou contaminação dos espaços atmosféricos, terrestres, marítimos, bem como de todos os cursos de água doce<sup>26</sup>. Do mesmo modo, a infeção da casa (*οἶκος*) tem implicado montantes elevados para a saúde pública, seja em relação ao ser humano, seja em relação aos restantes seres. Não é por menos que a corrução dos ambientes vitais nos conduz ao extermínio das diversas configurações de vida, na medida em que não há qualidade para a sobrevivência das espécies. De facto, a redução substancial da qualidade ambiental põe em causa o princípio *status natura pura*, desabando, nos nossos dias, num *status natura lapsae*.

Como corolário da sobreexploração dos recursos naturais e da contaminação e/ou poluição ambiental, está, em paridade, a afetação do equilíbrio ecológico, que, como já fomos vendo, tem a sua origem numa premeditada contingência humana, onde os princípios e valores que delimitam a harmonia entre seres vivos são desprezados perante a autocracia do indivíduo, o egocentrismo desmesurado do sujeito, associado à busca incessante de proveitos sem olhar a meios, no qual o lucro é um fim em si mesmo<sup>27</sup>. Esta

---

<sup>26</sup> A propósito da poluição, Arthur Lyon Dahl garante: “O problema dos desperdícios e materiais tóxicos e seus impactos ambientais é particularmente evidente quando toca a partilhar custos entre gerações presentes e futuras. Em termos simples, isto significa fazer dinheiro agora, e deixar para outro, a limpeza da confusão. [...] A situação está mais espalhada do que é geralmente pensado. Os danos para a camada estratosférica de ozono e a ameaça do aquecimento global resultante dos gases de estufa, são outros exemplos de custos futuros das acumulações passadas e presentes de desperdícios. Há também [...] produtos químicos, largamente utilizados na agricultura ou indústria e depositados no solo, que estão a infiltrar-se para as águas subterrâneas” (Arthur Lyon DAHL, *O princípio Ecológico*, Instituto Piaget, Lisboa 1996, pág. 42).

<sup>27</sup> No que diz respeito aos valores, convém lembrar um princípio fundamental: “Para o cidadão comum, a noção de qualidade do ambiente prende-se naturalmente com a existência de ar limpo, água pura, uma paisagem agradável, onde se pode viver confortavelmente ou gozar um lazer merecido”. Embora estejamos diante de uma ideia simplista, não deixa de ser uma norma fundamental para promover a “saúde da natureza

realidade está longe de ser retificada e, em sociedades materialistas e despóticas, dificilmente haverá lugar para expurgar o mal instalado.

Nos nossos dias, é evidente uma multiplicidade de *habitats* devolutos, um conjunto de ecossistemas eivados, um planeta enfermo, infetado e afetado pelas perversidades humanas<sup>28</sup>. A afetação torna-se perceptível, sobretudo, associada às ocorrências meteorológicas extremas, contabilizando as secas e as cheias, bem como as vagas de calor que se fazem sentir em diferentes lugares do planeta. Estas catástrofes expõem um planeta batendo recordes de intempéries jamais comuns em tempos anteriores. Consequentemente, o aquecimento global confronta-nos com efeitos dramáticos, perante os quais a humanidade não tem autoridade que inverta a ordem dos acontecimentos, acabando por cooperar para o mal-estar geral. Por isso, “a ameaça do aquecimento global e mudança de clima resultante do aumento dos gases de estufa [...] mostram que o clima pode ser bastante instável e mudar significativamente em poucos decénios”<sup>29</sup>, sem controlo possível.

Nos últimos anos os termómetros atingiram valores nunca antes observados e o aquecimento planetário distingue-se pelo seu agravamento consecutivo. Estes anos quentes, culminados pelas contínuas vagas de calor, são a fonte do degelo da calote

---

criada” (João Joanaz de MELO e Carlos PIMENTA, *Ecologia e Ambiente*, Difusão Cultural, Lisboa 1993, pág. 23.)

<sup>28</sup> O drama suscitado pela crueldade humana em relação ao ambiente prossegue desconhecido ou voluntariamente ignorado: “Todo dia os americanos desfazem-se de 500 mil toneladas de lixo [...]. As substâncias tóxicas percolam dos aterros e contaminam os mananciais vizinhos, os quais exigem dispendiosos tratamentos. Muitos poluentes tóxicos são cancerígenos e mutagénicos – alguns são não-biodegradáveis e permanecem no ambiente por longos períodos. Aproximadamente 8 milhões de toneladas de resíduos tóxicos são lançados nos rios e águas costeiras a cada ano”. (Jon ERICKSON, *O nosso planeta está a morrer – a extinção das espécies e biodiversidade*, Makron Books, São Paulo 1992, pág. 188)

<sup>29</sup> Arthur Lyon DAHL, *O princípio Ecológico*, Instituto Piaget, Lisboa 1996, pág. 73.

polar<sup>30</sup>. O território está em permanente reconfiguração, seja pelo avanço do nível da água do mar, seja pelo abatimento de zonas fleumáticas.

A “desarrumação” permanece em desenvolvimento e irá piorar progressivamente, enquanto não houver uma atitude defensiva, que salvguarde limites e instaure princípios para a justa relação entre os seres e o seu *habitat*. Note-se que “as disfunções ambientais tendem a ter um efeito sinérgico, isto é, os seus efeitos combinados são muito maiores do que a soma de efeitos de factores individuais”<sup>31</sup>, o que contribuiu para a instabilidade ecológica. No entanto, cremos que não estará em causa uma convulsão generalizada do *cosmos*, somente uma dilatação da frequência e gravidade dos desastres ambientais a curto e médio prazo.

Pela mesma razão, “a nossa sociedade tal como hoje a conhecemos, não será capaz de sobreviver a um sistema ecológico e económico em ruptura”<sup>32</sup>. Numa linguagem cristalizada, o ser humano tem vindo a delapidar o essencial do ambiente, fruto da já mencionada exploração de recursos naturais, servindo muito para além das necessidades básicas e elementares, subsidiando ambições próprias e conveniências pessoais. Todavia, se o ser humano não inverter este ciclo vicioso, experimentaremos uma mudança vertiginosa das condições de habitabilidade influenciada pelas marés negras, desgraças industriais graves, débil produção seja por ação das pragas ou degradação dos solos, poluição de subterfúgios hídricos, fenómenos atmosféricos adversos<sup>33</sup>.

---

<sup>30</sup> No livro editado a propósito dos 20 anos da Quercus, coordenado por Helder Spínola, faz-se contas da situação calamitosa: “nove dos dez anos mais quentes desde que há registos ocorreram desde 1995; quatro dos últimos cinco anos estão entre os anos mais quentes; o ano de 2004 foi o quarto ano mais quente; verifica-se uma redução das áreas glaciares e da espessura de gelo” (Helder SPÍNOLA (coord.), *1985/2005 – 20 anos Quercus*, Fernandes e Terceiro, Lisboa 2005, pág. 121)

<sup>31</sup> João Joanaz de MELO e Carlos PIMENTA, *Ecologia e Ambiente*, Difusão Cultural, Lisboa 1993, pág. 38.

<sup>32</sup> *Ibidem*, pág. 39.

<sup>33</sup> A este nível, elucidemo-nos com as palavras de Leonardo Boff: “Atulhados de aparatos tecnológicos vivemos tempos de impiedade e de insensatez. Sob certos aspectos regredimos à barbárie mais atroz”.

Não obstante, podemos acrescentar um outro fator de desintegração, o excedente e respetivo crescimento desproporcional da população que, de *per si*, auxiliados pelas diferenciadas condições ecológicas a nível mundial, refletem juntos a impossibilidade de oferecer níveis de vida equitativos. Na verdade, são notórias as dissemelhanças na distribuição do povoado no que concerne ao espaço planetário, uma vez que os centros cosmopolitas tornam-se mais atrativos pela oferta material do que propriamente pela qualidade de vida.

Este é o problema de um período insustentável que põe em causa a sobrevivência dos ecossistemas. A este propósito, é manifesto que “em algumas áreas da terra tão sobrepopoadas, uma só perturbação desfavorável, como seja uma inundação, um furacão, ou a perda da colheita numa estação, determinará a morte de milhares, se não de milhões, de pessoas”<sup>34</sup>. Isto faz-nos compreender em que pé se encontra o desenvolvimento mundial e, particularmente, a insustentabilidade ecológica<sup>35</sup>.

Nos nossos dias, as taxas soberanas do aumento populacional acumulam-se nos países mais pobres, designados países em vias de desenvolvimento segundo a nomenclatura civilizacional hodierna, e por isso entre as multidões mais desfavorecidas, as que menos concorrem no investimento. À falta de *empowerment*, o efeito é o surgimento dos bairros sociais, cheios de pessoas que aspiram a uma vida melhor e, conseqüentemente, uma quantia progressiva de zonas rurais privadas dos seus modestos

---

Assim, é perceptível uma leviandade e displicência consecutivas. (Leonardo BOFF, *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, Vozes, São Paulo 1999, pág. 39.)

<sup>34</sup> Eugene ODUM, *Fundamentos da Ecologia*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2001, pág. 819 e 820.

<sup>35</sup> Tendo em conta o excedente populacional, Jon Erickson sentencia: “O nível de crescimento humano no decorrer deste século foi desconcertante, e espera-se que a população atinja 10 bilhões de pessoas em 2025. Os seres humanos precisarão de consumir duas vezes mais a produção primária líquida mundial. Esses acontecimentos poderiam ser desastrosos, considerando-se os impactos destrutivos das atividades humanas atualmente”. (Jon ERICKSON, *O nosso planeta está a morrer – a extinção das espécies e biodiversidade*, Makron Books, São Paulo 1992, pág. 200)

recursos naturais e culturais. Significa que estamos perante uma direção escandalosa dos meios “por aqueles que não tiveram nem a oportunidade de aprender nem os meios de os administrar sabiamente”<sup>36</sup>.

Por outro lado, “o crescimento exponencial da população produz o crescimento exponencial do consumo dos recursos naturais e este, por sua vez, incrementa exponencialmente o índice de contaminação. Por fim, as tensões geradas por esse triplo crescimento induzem ao crescimento exponencial do armamentismo”<sup>37</sup>. Este encadeamento faz-nos chegar à identificação do principal responsável de tais crimes: o ser humano e sua pérfida gestão. Com efeito, o período esgota os limites do raciocínio, quando entra em jogo um ataque desaforado no esforço de alcançar, em primeiro lugar, os bens e serviços essenciais para alimentar as necessidades humanas. Claro que, quando se procura o bem pessoal e unicamente são avaliados os interesses de uma parte, fica lesada a coletividade. Daí resultam os conflitos sociais, as guerras entre nações e os combates bélicos em prol da obtenção de todos e quaisquer expedientes essenciais ao sustento dos centros plutocratas, ainda que isso traduza com suma gravidade o declínio das regiões mais desamparadas.

O desgaste ecológico induz a deterioração das relações humanas, imunes aos valores coletivos, isentas dos princípios da equidade e justiça, desagregadas dos cânones humanísticos, prosseguindo objetivos arbitrários e indagando fins ditatoriais<sup>38</sup>. De outro modo, o ser humano sentir-se-ia consciente do direito de zelar pela estabilidade ecológica e preservar a harmonia primordial do ambiente de todos, ao invés de perder o tempo e

---

<sup>36</sup> Arthur Lyon DAHL, *O princípio Ecológico*, Instituto Piaget, Lisboa 1996, pág. 55.

<sup>37</sup> Juan Ruiz de la PEÑA, *Teología de la creación*, Sal Terrae, Salamanca 1996, pág. 187.

<sup>38</sup> Cf. Jacques MIERMONT, *Ecologia das relações afetivas. Para um paradigma ecossistémico*, Instituto Piaget, Lisboa 1996, pág. 14.

dinheiro em conflitos mundiais, impulsionando um sistema financeiro que marginaliza alguns.

Este aspeto, fulcral e elementar no que respeita à gestão do planeta por parte do ser humano, é implicado unicamente pela débil administração dos recursos e deficiente governo do espaço, onde mercado e economia são inspirados pelos números e nunca pelo bem das pessoas<sup>39</sup>. A promoção do bem comum, o ideal de uma sociedade justa e um mundo sustentável parecem ser quimeras face às visões tendenciosas e tirânicas em que se baseia uma parte das ações comerciais.

Deste modo, grande parte desta dificuldade advém das operações falaciosas do mercado, adjuvada por uma economia em que o comércio é tudo, menos justo. Aliás, “a operação normal do mercado, com o desejo de cada vendedor para a obtenção de uma maior quota de mercado, empurrou a sociedade para além de qualquer pura racionalidade”<sup>40</sup>. Não raras vezes, assistimos à aplicação de orçamentos exorbitantes que servem de patrocínio a bens e serviços, como também a especulações de imóveis pela aparente qualidade de vida que originarão, e que apenas resultam em questões puramente materiais.

A cada dia que passa, crescem as manipulações e os procedimentos fraudulentos, evidenciando um mundo enfermo e desgostoso. Com efeito, “o atual modelo de desenvolvimento, assente no pressuposto do crescimento indefinido da economia, não é viável a prazo e contém as sementes da sua própria destruição [...resultando...] num ciclo

---

<sup>39</sup> A este nível, Arthur Lyon Dahl fala de uma visão de mercado desregrada: “Práticas tais como a obsolescência programada, o uso de sex symbols na publicidade, cultivando uma imagem de prestígio ou de luxo, embalagens sofisticadas, todos influenciam a emoção mais que a escolha racional do consumidor. Enormes orçamentos promocionais destinam-se a tais manipulações e são passados para os consumidores. Comparar torna-se uma experiência emocional ou quase patológica numa cultura consumista” (Arthur Lyon DAHL, *O princípio Ecológico*, Instituto Piaget, Lisboa 1996, pág. 28).

<sup>40</sup> Arthur Lyon DAHL, *O princípio Ecológico*, Instituto Piaget, Lisboa 1996, pág. 28.

infernal de «des»: desflorestação, destruição de *habitats* e espécies, desertificação, degradação da qualidade da água, ar e solo<sup>41</sup>.

Torna-se, portanto, evidente que, “na realidade, se trata de uma crise de todo o sistema de vida do mundo moderno e industrial; de uma crise em que os homens foram-se envolvendo, arrastando consigo o seu encanto natural, uma crise que se replica mais em cada dia”<sup>42</sup>. Desse modo, o acerto impróprio da biodiversidade, a delapidação do património agro-florestal, a desordem energética, a deflagração demográfica e a contaminação generalizada refletem uma organização planetária errada. Esta última merece um cálculo complexo dos seus carateres para, na posterioridade, sanar as causas da crise ecológica.

## 2.2. Uma crítica valorativa num horizonte ecologista

Um desígnio reducionista das implicações do comportamento explorador implícito à sociedade contemporânea em geral, transponíveis as diferenciações e relutâncias entre organismos estatais e não-governamentais, tem acalentado a dianteira tecnológica e os anseios parcimoniosos, autenticando consumos excessivos e desproporcionados dos recursos naturais. Paradoxalmente, nenhuma outra comunidade limitou a manutenção das lógicas quantitativas, nenhuma outra cultura estimou o rigor e precisão obcecados pela exatidão numérica, de tal forma que, a ciência é digna da fé inabalável de muitos.

No entanto, esta comunidade, e cultura, que metamorfoseou a meditação num trivial programar e calcular, agregadores de energias positivas, silencia períodos e devasta, precipitadamente, a duração futura, nos seus promissores projetos. Com efeito,

---

<sup>41</sup> João Joanaz de MELO e Carlos PIMENTA, *Ecologia e Ambiente*, Difusão Cultural, Lisboa 1993, pág. 156.

<sup>42</sup> Jürgen MOLTMANN, *Dios en la creacion*, Sígueme, Salamanca 1987, pág. 36.

tal hipoteca tem-nos encaminhado à anulação dos empenhos promissores e à ruína dos destinos jubilosos para os nossos descendentes. Além do mais, estamos perante uma civilização alienada pelo poder e crescimento, sem encarar nem avaliar a sua prosperidade e longevidade. Isto fez de cada indivíduo, em certo sentido, “um ser de antinatureza, subversivo, destruidor, perturbando os equilíbrios naturais”<sup>43</sup>.

Ao longo dos últimos séculos temos vindo a assistir ao devassar das condições ecossistémicas, abonadas pela barbaridade humana, perante as quais os indivíduos se mostram incapazes de avaliar os custos. A este nível, parece ter-se alojado na consciência do sujeito um esquecimento vulgarizado dos crimes impostos ao tempo vindouro, uma síndrome de Korsakoff em quantias inquietantes. Acresce, ainda, o esvaziamento de uma anamnese periódica na necessidade do apreço pelo futuro, reminiscência essa tantas vezes evocada nos nossos antepassados. Nesta preocupação com o futuro consignava-se a hipótese de sobrevivência e bem-estar dos filhos e filhas concebidos e deveras amados<sup>44</sup>.

Desvendar os motivos que estiveram no primórdio da fixação desta desorganização afigura-se-nos tão trabalhoso quanto descobrir o itinerário para a saída. O umbral de acesso à esperança, à superação de todos os limites e pesadelos que a nossa sociedade não cessa de causar, parece longínquo e sem sinal de proximidade. A desordem mundana e os regimes absolutos, onde proliferam problemas obstinados e encadeados,

---

<sup>43</sup> Catherine LARRÈRE e Raphaël LARRÈRE, *Do Bom Uso da Natureza – Para uma filosofia do meio ambiente*, Instituto Piaget, Lisboa 1997, pág. 172

<sup>44</sup> Acerca das dificuldades geracionais, diz-nos Leonardo Boff que “talvez o problema [...] esteja [...] na incapacidade de trabalhar criativamente as relações familiares destruídas, a contínua tensão entre pai e mãe e a crise financeira do pai que frustra os sonhos do filho e compromete o futuro de toda a família”. Na verdade, talvez o futuro da nossa descendência dependa da fecundidade e engenho com que exploramos a vida social e pessoal no presente. (Leonardo BOFF, *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, Vozes, São Paulo 1999, pág. 23.)

não podem ser conjeturados à margem e na superficialidade, numa linha puramente casual.

A reapropriação dos termos e a resubstancialização da linguagem torna-se proeminente para que qualquer percepção seja mais do que pobre e errônea. O problema extrapola uma técnica e ciência descontrolada e desregrada, quando efetivamente o problema reside nas relações humanas. O âmago está no modo de ser e fazer, na forma de conceber e orientar os materiais e recursos de que a humanidade se apodera. A fórmula é simples: quanto mais o ser humano busca a grandeza e alimenta o seu ego na insolência do saber, mais ele se encontra a ponto de se consumir, de aniquilar-se pelos seus próprios meios. E quanto a isto, não há resoluções que salvaguardem ou protejam a morte humana. As invenções pomposas têm uma consequência elevada, a sua própria influência, pois esvaziadas de sentido e/ou direção, tem um impacto catastrófico na ordem congénita à manutenção dos expedientes.

O ser humano moderno é caracterizado pelo amorfismo da lucidez de sentidos, focado em apossar-se do meio ambiente e chefiar a vida dos outros, tratando-os como objetos, apropriados para nosso prazer. Com este intuito, “o humanismo renascentista e o racionalismo cartesiano são, sem dúvida, os elos mais sistemáticos da cadeia geradora de um tipo peculiar de antropologia que coloca ao homem a missão de se apropriar e controlar a Natureza, gerindo também o destino dos outros homens como coisas”<sup>45</sup>. Esta tentação não é novidade, pois já Prometeu, figura ímpar da mitologia grega, tinha desafiado a ousadia e perspicácia dos deuses para proteger a fragilidade humana quando extorquiu o fogo de Héstia para o oferecer aos mortais.

---

<sup>45</sup> Viriato SOROMENHO-MARQUES, *Regressar à terra – consciência ecológica e política de ambiente*, Fim de Século, Lisboa 1994, pág. 24

De igual modo, tendo por base os itens axiológicos, qualquer crítica valorativa dos conteúdos ecológicos deverá ter presente a multiplicidade de horizontes, a fim de reconsiderar as coordenadas fundamentais e as dimensões pertinentes nas quais se promiscuem a ação humana. Naturalmente, o problema da justiça só será corretamente circunscrito quando os principais agentes internacionais encararem a sua ação num quadro de aproximação inclusiva do ser humano ao *habitat*, afastando-se das desvinculações metafísicas e abstratas entre os dois<sup>46</sup>. É urgente (re)inventar, (re)criar, e (re)considerar a fidedigna proporção, as diretrizes a implementar no tempo e no espaço e que incluirão um novo modo de habitar o *cosmos*. Por isso, a crítica valorativa “pretende, apenas, defendê-lo dele próprio, preservar o homem dos excessos do homem”<sup>47</sup>.

Inevitavelmente, é imprescindível uma alteração dos padrões e modelos de vida da sociedade em geral, é preciso reencontrar um novo rumo para a civilização contemporânea, que poderá passar pela reapropriação das suas tarefas e afazeres. No dizer de Moltmann, “a sociedade humana tem de estar em sintonia com o meio natural, [comportando o respeito à] capacidade de regeneração da natureza e a acompanhar os seus ciclos”<sup>48</sup>. Porém, antes da reinterpretação de afinidades com a natureza, a comunidade terá que atravessar um processo de reconciliação consigo mesma, que recomenda o resguardo mútuo e uma afeição de fraternização capaz de nos levar à responsabilização partilhada.

---

<sup>46</sup> Helena Freitas na revista científica “Bíblica” defende: “A resolução dos grandes problemas ambientais passa pelo seu estudo e, inevitavelmente, pelo desenvolvimento de novas e mais sofisticadas tecnologias. Compete aos cientistas trabalhar para isso, participando com as entidades responsáveis e com a indústria, no sentido de eliminar ou reduzir os impactos das atividades nocivas para o ambiente” (Helena FREITAS, *Sobre o (des)equilíbrio ecológico da Terra*, «Bíblica – série científica» 12 (2003) pág. 184)

<sup>47</sup> Viriato SOROMENHO-MARQUES, *Regressar à terra – consciência ecológica e política de ambiente*, Fim de Século, Lisboa 1994, pág. 24

<sup>48</sup> Jürgen MOLTMANN, *Dios en la creacion*, Sígueme, Salamanca 1987, pág. 60.

Basta pensar que apenas estas valias suportarão a escolha de um desenvolvimento sustentável e/ou progresso simétrico, que não comprometerá as gerações futuras mas antes conceba requisitos para a sua continuidade, que tenha em consideração a sustentabilidade das gerações presentes e lhes faculte o ambiente propício para a sua salubridade psicossomática. A nossa geração não pode estremar o seu campo de ação, atendendo unicamente aos propósitos económicos, mas deve apreciar a atmosfera que as famílias futuras irão gozar. O ser humano não pode desprezar um facto soberano: vive em redor de um ciclo contínuo, do qual nunca conseguirá privar-se, e por isso tem a obrigação e dever de cuidar deste. Com certeza, este cuidado é uma única etapa que “vai ao encontro das necessidades da geração presente sem sacrificar a capacidade das gerações futuras de ir ao encontro das suas próprias necessidades”<sup>49</sup>, e prosperarem num ambiente benigno.

Acaso algum progenitor, consciente das suas faculdades vitais, esquece o interesse que nutre pelos seus filhos? Ou então, alguma mãe, executando com asseio o seu papel, deseja a desventura ao seu descendente? A menos que haja entraves socioculturais, os pais são os primeiros a fortalecer o ânimo dos filhos, concebendo os ambientes vitais para a sua comodidade. Na mesma medida, o ser humano está incumbido de zelar o benefício da comunidade plural, cuidando do espaço de todos, estimando o planeta que abarcará várias gerações<sup>50</sup>.

Pelo contrário, se o indivíduo não mudar o seu *modus operandi* e o seu *modus vivendi* crescerá o relacionamento escravizante que atualmente detém com os recursos

---

<sup>49</sup> Arthur Lyon DAHL, O princípio Ecológico, Instituto Piaget, Lisboa 1996, pág. 15.

<sup>50</sup> Com este intuito, deve crescer “um novo paradigma de re-ligação, de re-encantamento pela natureza e de com-paixão pelos que sofrem; inaugura-se uma nova ternura para com a vida e um sentimento autêntico de pertença amorosa à Mãe-Terra”. (Leonardo BOFF, *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, Vozes, São Paulo 1999, pág. 25 e 26.)

naturais e os seres vivos. Observe-se que “o traço distinto do nosso tempo é dominado pelo perigo de a maior das injustiças, aquela protagonizada pela sociedade contemporânea ao basear a sua experiência na minagem e destruição das bases bio-físicas da vida, comprometer a hipótese de qualquer tipo de futuro [...] a uma progressiva emancipação do homem em relação às atávicas modalidades de submissão e humilhação”<sup>51</sup>.

Presentemente, temos descoberto a amplitude do problema ecológico, um problema que vai além dos sistemas biológicos dos seres no meio, mas que abarca uma complexa área da nossa existência. Tudo está interligado e quando uma parte do uno é afetada, o todo resente-se dessa afetação. Assim, as questões ambientais abrangem distintos âmbitos, desde a equidade coletiva, a segurança planetária, a economia e mercado, a saúde e bem-estar humanos, pois cada qual conflui para o cômputo de sustentação dos ecossistemas. Não esqueçamos: o ser humano deve sentir-se atraído à mutação sistemática dos seus modos de viver e habitar, traduzindo essa mudança nos arquétipos conjecturados acerca da gestão económica, política, social e cultural<sup>52</sup>.

A renovação dos hábitos acarreta, desde logo, o fim dos modos de vida inconciliáveis com a sustentabilidade ecológica. De modo inaugural, a correção deve versar sobre a realidade que mais tem prejudicado o ambiente. A industrialização acarretou disfunções gravíssimas, fruto de uma deturpação da relação sociedade-natureza, “marcada pela apropriação das forças da natureza e pela exploração dos recursos

---

<sup>51</sup> Viriato SOROMENHO-MARQUES, *Regressar à terra – consciência ecológica e política de ambiente*, Fim de Século, Lisboa 1994, pág. 26

<sup>52</sup> Viriato Soromenho-Marques crê que a consciência ecológica deriva da eliminação de utopias e ilusões mal fundamentadas: “Para sobreviver é necessário que o actual *statu quo* e a *actual posição do homem* no seu pequeno mas precioso mundo sejam revistas, criticadas e superadas no plano prático. Eles são os principais obstáculos à continuidade da odisséia humana nesta dimensão cósmica do espaço-tempo e por isso devem ser decisiva e definitivamente vencidos” (Viriato SOROMENHO-MARQUES, *Regressar à terra – consciência ecológica e política de ambiente*, Fim de Século, Lisboa 1994, pág. 26)

naturais”<sup>53</sup>. Os modelos de maximização da produção e minoração de custos associados estimularam uma economia empenhada num fim unicamente rentável, nem que para tal se tivesse que afastar do seu objetivo pioneiro: servir as necessidades das populações. Hoje, o ideal é produzir sem olhar a meios, desencadeando um consumismo desumano e a eliminação de critérios para o desempenho do reto trabalho.

Com o epicentro maléfico determinado, cresceram ramificações de males instalados, razão pela qual a biosfera saiu prejudicada. O estrago causado reflete a conversão necessária e iminente. Embora o cenário não seja de apaziguamentos, dada a gravidade da situação, não nos podemos deixar corromper por um pessimismo arcaico, infundado, pois o remédio para a questão ecológica está em cada um de nós, na nossa forma de pensar e agir no meio. Não obstante, “o automatismo dos nossos hábitos, a competição social centrada no trabalho e no êxito material, a inércia das instituições, o peso das mentalidades não preparadas”<sup>54</sup>, é adequado adiantar que o sujeito dispõe das capacidades para solucionar as dificuldades.

Não podemos esquecer que um dos vetores para a solução do paradigma em questão passa pela participação pró-ativa nos meios políticos e sociais. A educação ecológica implica um substrato considerável de informação e erudição, relevante para a participação, em primeiro no cumprimento dos direitos e liberdades e, posteriormente, no respeito pela Natureza<sup>55</sup>.

Com certeza, entidades bem formadas e metódicas comportarão uma sociedade eticamente disciplinada, uma comunidade esmerada pela reciprocidade entre os seus

---

<sup>53</sup> Jürgen MOLTMANN, *Dios en la creacion*, Sígueme, Salamanca 1987, pág. 41.

<sup>54</sup> Otto SCHÄFER-GUIGNIER, *Ecologia e Cristianismo*, Perpétuo Socorro, Porto 1999, pág. 7.

<sup>55</sup> O próprio papa Francisco assegura: “Esta responsabilidade perante uma terra que é de Deus implica que o ser humano, dotado de inteligência, respeite as leis da natureza e os delicados equilíbrios entre os seres deste mundo”. (FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 68.)

membros. A expansão da sua manifestação motivará um reordenamento do território por forma a contribuir para a sustentabilidade planetária, o que fomentará o desenvolvimento de um espírito solidarizado, com o intuito de atenuar as assimetrias e injustiças verificadas na Terra. Uma nova mentalidade universal poderá resolver os desacordos mundiais.

Por seu turno, resolver eventuais conflitos internacionais consistirá, *a priori*, em buscar uma evolução futura positiva. Livres das guerras armamentistas, os Estados poderão investir na formação para a reparação e restauração da ordem planetária. Porventura, será indispensável uma aplicação de financiamentos em novas esperanças para a humanidade, salvaguardando a *forma nobilis* de povoar: “todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu carinho sem medida por nós”<sup>56</sup>. Não se trata de um hermetismo cumulativo, mas de reapropriar os novos índices para operar no espaço.

Claramente, resultará um novo sentido de princípios, orientando a reinvenção dos modelos e práticas, despertando a coerência e unidade dos factos humanos, e apostando num sistema de valores que privilegiará a permanência das genealogias presentes e o progresso das gerações futuras. Dar-se-á lugar à crítica fecunda pela reimplantação de novos aferidores de esperança social. Pretende-se implementar novos modelos, joviais e alegres, que tragam entusiasmo e um cuidado afincado no tratamento consignado à mãe natureza<sup>57</sup>.

Por tudo quanto fomos expondo, podemos inferir que “para compreender as transformações do estado do mundo induzidas pelas atividades humanas, há que dispor dos meios para apreender fenómenos que não é possível descrever sem ter em conta um

---

<sup>56</sup> FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 84.

<sup>57</sup> Convém lembrar, mediante o recorrido, que “não pode ser autêntico um sentimento de união íntima com os outros seres da natureza, se ao mesmo tempo não houver no coração ternura, compaixão e preocupação pelos seres humanos” (FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 91.)

grande número de variáveis interdependentes”<sup>58</sup>. Por isso, temos necessidade de falar e estudar a ecologia integral que, mais do que suplantar a ecologia em si, junta as diferentes dimensões que estão na gênese deste drama ecológico.

### **3. Uma ecologia integral**

“O estado das ciências convida menos a crer num domínio total, do que mostra a complexidade dos processos nos quais se inscrevem as atividades humanas”<sup>59</sup>. Mesmo assim, acreditamos ser possível um debate criterioso, afeiçoado às instâncias político/sociais e científicas, consciente e dilatado, eficiente na gestão da informação disponível, capaz de enumerar os prejuízos e balizar objetivos a granjear. Através dessa exposição vasta e credível, procurando as adaptações e decisões próprias, a informação recolhida mostrar-nos-á um problema maior. A complexidade subjacente à ecologia levanta questões de outra ordem e, especialmente, humanas.

Sabemos que a desordem ambiental e a degeneração do meio resultam da ausência de limites éticos, ao julgar-se lícito qualquer procedimento, e de uma vida humana que peca pelos excessos, ao considerar legítima a concentração de poderes, sem limites nem valores, enveredando por uma visão tirânica. Um ciclo venoso, que deixa a olho nu cicatrizes abertas e descerradas, não raras vezes impossíveis de recobrar, fruto do estado saliente de deterioração total. Em diversas ocasiões esquecemo-nos que o desenvolvimento não pode, nem deve, alienar o valor inalienável do ser humano.

---

<sup>58</sup> Catherine LARRÈRE e Raphaël LARRÈRE, *Do Bom Uso da Natureza – Para uma filosofia do meio ambiente*, Instituto Piaget, Lisboa 1997, pág. 175

<sup>59</sup> *Ibidem*, pág. 176

Quando nos pronunciamos sobre a natureza, há uma premissa intuitiva: o ambiente não pode ser conjeturado fora de nós e, muito menos, vislumbrado como um apartado de nós, como envolvência na qual o ser humano sobrevive. Pelo contrário, os seres vivos são envolvidos e fazem parte desta moldura global. Por outras palavras, são uma parte de um todo, sem a qual o todo não opera. O problema ecológico surge das adulterações de ação da sociedade, quer governamental quer familiar, do modo de nutrir os mercados financeiros e alimentar a economia, dos registos de comunicação e relação humana, de um sem número de comportamentos que resistem a uma visão ampla da realidade.

“Não aceitamos que o económico se separe do humano, nem o desenvolvimento das civilizações em que ele se inclui. O que conta para nós, é o homem, cada homem, cada grupo de homem, até se chegar à humanidade inteira”<sup>60</sup>. Com efeito, se a ecologia observa as afinidades, conscientes ou alienantes, entre os organismos com vida e a natureza que os circunda e serve de *locus* ao seu desenvolvimento, então impõe-se uma meditação e um debate acerca dos múltiplos estados de vida e subsistência das espécies, bem como da manutenção dos ecossistemas. Este trabalho merece honestidade numa gradação dos elementos, que equacionem perspicazmente os modelos de progresso, produção e consumo.

Como já fomos adiantando, este estudo terá que começar no mais ínfimo da sua origem. Assim, veja-se que na origem deste problema está a interseção de componentes humanos e sociais, culturais e económicos, que formaram uma ação inconveniente ao meio ambiental<sup>61</sup>. Na verdade, a ecologia integral articula novamente, nas operações

---

<sup>60</sup> Louis Joseph LEBRET, *Dynamique concrete du développement*, Les Editionis Ouvrières, Paris 1961, pág. 28. A tradução de todas as citações de origem francesa serão da nossa responsabilidade.

<sup>61</sup> Na génese do problema, “incluem-se os efeitos laborais dalgumas inovações tecnológicas, a exclusão social, a desigualdade no fornecimento e consumo da energia e doutros serviços, a fragmentação social, o

humanas, âmbitos que nunca deveriam ter sido “segregados”: o ser humano, a sociedade e a natureza. Este conhecimento propõe um olhar integrado das dimensões pessoal, social e ambiental, pois o próprio conceito faz antever o princípio da inclusão, onde tudo faz parte de um todo uno e interdependente, ou seja, tudo tem a ver com tudo.

Torna-se indispensável uma investigação acerca da beleza do meio ambiente e dos seres vivos que a compõem: enquanto realidade múltipla, ela funciona como um todo unido e complexo, o qual se ressentirá da mais pequena anomalia causada. Por uma questão metodológica, e sem querer ferir o propósito da unicidade subjacente à dinâmica ecológica, o trabalho seguirá uma individualização das suas múltiplas capacidades ou entendimentos. O intuito de qualquer estudioso é encontrar a raiz do problema, do qual se ramificam todos os restantes problemas. Ironicamente, este desejo fez com que diferentes especialistas da área olhassem aspetos fracionados da natureza ecológica, contribuindo para a ideia de uma ecologia fracionada.

A partir de agora, faremos uma reflexão fragmentada dos distintos constituintes duma ecologia integral, que possa incluir as dimensões humanas e sociais no núcleo do problema. Deste modo, no limiar de toda a reflexão encontraremos uma ecologia ambiental e social, não sendo possível passar à margem de uma ecologia cultural e pessoal. Da mesma forma, passaremos à ecologia espiritual, oportuna pela sua relação com o ideal de solidariedade e equidade social. Uma vez percorrido este trilho, abre-se a eventualidade de transpor o puramente ambiental.

---

aumento da violência e o aparecimento de novas formas de agressividade social, o narcotráfico e o consumo crescente de drogas entre os mais jovens, a perda de identidade”. Diante destes sintomas contemporâneos deve a ecologia integral laborar. (FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 46.)

### 3.1. Ecologia ambiental e social

Desde sempre, as condições ambientais foram argumento para a evolução das espécies bem como para o normal funcionamento do planeta Terra, em particular, de todos os ecossistemas que o enriquecem. Só um meio saudável permite que os sistemas e teias ecológicas possam continuar a sua atividade. Por isso, quando algum constituinte ambiental é posto em causa, acaba todo o globo por sofrer as consequências desse desajuste.

Assim, também o interesse ecológico se deve fazer sentir e, em especial, no tratamento que damos ao ambiente. De facto, como fomos vendo ao longo dos primeiros inteiros deste trabalho, a ecologia tem o seu espectro gnosiológico centrado nas correspondências entre as espécies e o meio ambiente que serve de casa a todas elas. Face à sua complexidade, exige-se um estudo e debate dos estados de vida e de desenvolvimento da civilização global, pondo em questão os modelos de evolução, produção e consumo. Este todo, com operações entre as porções que o compõem, faz-nos antever a trama onde os seres vivos se desenvolvem. Ao mesmo tempo, é necessário o acompanhamento de toda a informação genética partilhada entre os organismos, por forma a testemunharmos uma visão desafogada da realidade<sup>62</sup>.

A ecologia ambiental progride mediante os cálculos recolhidos do impacto da evolução gradativa do *cosmos*, tendo presente as suas funções e operações desenvolvidas no meio. Por isso, os custos dos atentados ambientais e sociais são bem distintos, a curto, médio e longo prazo. Neste âmbito, deseja-se a conclusão de uma avaliação positiva que tenha em conta “os impactos direto e indireto (secundários, terciários, etc), os impactos a curto e longo prazo, os impactos intermitentes (incluindo acidentais), periódicos e

---

<sup>62</sup> De novo lembremos as palavras do Pontífice Francisco: “os conhecimentos fragmentários e isolados podem tornar-se uma forma de ignorância, quando resistem a integrar-se numa visão mais ampla da realidade”. (FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 138.)

permanentes, e impactos cumulativos (incluindo efeitos cumulativos de diferentes embates e/ou do desenvolvimento em associação com outros)”<sup>63</sup>.

Por outro lado, discorrer acerca do meio ambiente é atender à relação entre a natureza e a sociedade. Na verdade, o ser humano vive incluído no mundo, e não pode ser conjecturado fora dele. Somos parte integrante do *cosmos* e temos a nossa culpa na sua infecção, em resultado do funcionamento da sociedade, dos procedimentos e dos modos de abarcar as realidades ecológicas. Por isso, antes de realizar qualquer atividade convém sempre pugnar por escolhas acertadas que não atentem as interações e os encadeamentos favoráveis, existentes na natureza e na sociedade. De facto, “não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise sócio-ambiental”<sup>64</sup>.

Assim, “a questão ambiental adota um ponto de vista antropocêntrico. Refere-se às insatisfações, problemas e deficiências no humano primordial, cuja causa são efeitos indiretos, resultado do funcionamento dos sistemas de relações complexas, cadeias de eventos em ecossistemas, biosfera, ciclos bioquímicos, etc. que requerem um nível de análise mais global e integrado que o convencional”<sup>65</sup>. Por conseguinte, qualquer solução terá que conter todos os elementos a fim de que a resposta seja também ela integral e una, com possibilidade de deliberação concludente para os problemas sociais e ambientais.

Sem dúvida alguma, uma resolução do problema passará necessariamente por uma abordagem integral que combata a marginalização e segregação de homens e mulheres e, oportunamente, devolva a integridade à natureza. Estamos diante de um enquadramento regular que concorre para a atividade do sistema geral. Quando cada um dos ecossistemas está saudável, o ambiente sai favorecido. É graças a eles que é possível a retenção de

---

<sup>63</sup> Peter MORRIS e Riki THERIVEL, *Methods of Environmental Impact Assessment*, UCL Press Limited, London 1995, pág. 213. A tradução de todas as citações de origem inglesa serão da nossa responsabilidade.

<sup>64</sup> FRANCISCO, *Laudato Si*, n° 129.

<sup>65</sup> Domingo OREGA, *Evaluacion de Impacto Ambiental*, Editorial Agrícola Española, Madrid 1998, pág. 14

gases tóxicos, a purificação da água, a putrefação de resíduos, a recomposição dos solos e também a eliminação de pragas e doenças virais. Daí a urgência, a necessidade de um uso sustentável dos recursos para que seja assegurada a capacidade regenerativa de cada esfera ambiental.

Além disso, a comunidade contemporânea terá que buscar novos critérios para o seu progresso, fundamentais para a evolução coerente dos organismos e institutos sociais, em particular, daqueles que melhor promovem a qualidade de vida e o bem-estar da população. Na verdade, “é fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais”<sup>66</sup>. Todo o malefício incitado pela exploração social deixa clara a moléstia à solidariedade e à convivência pacífica, ao mesmo tempo, que os grandes valores morais são menosprezados, acarretando danos nas medidas pelas quais se regem as relações humanas e sociais. Com efeito, a perda de consciência acerca dos padrões e níveis sociais é estorvo a um progresso social e salutar.

Posto isto, dentro da ecologia social terá que haver preocupações institucionais que atendam à robustez da coletividade. De facto, o seu campo de ação compreende o grupo social estreito, a família, e prossegue marcha até à comunidade mais desenvolvida, a nação e as relações internacionais. É evidente que no âmago de cada qual se desenvolvem as leis que norteiam a convivência social. Os comportamentos desviantes danificam o seu avanço, associado à perda de direito, comovido na arbitrariedade e barbaridade<sup>67</sup>. Os sistemas e administrações precárias subsistem à custa do sofrimento de uma grande parte da população para benefício de uma minoria.

---

<sup>66</sup> FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 139.

<sup>67</sup> “Há um descuido e um descaso na salvaguarda de nossa casa comum, o planeta Terra. [...] Um princípio de autodestruição está em ação, capaz de liquidar o sutil equilíbrio físico-químico e ecológico do planeta e devastar a biosfera, pondo assim em risco a continuidade do experimento da espécie *homo sapiens* e

Da mesma forma, a frequente violação da legislação protetora da natureza e da humanidade evidencia comportamentos obtusos e imorais, perversos ao desarmarem vidas e degradarem o meio ambiente. A proteção parece quimera, arrastada pelas instituições como peso bruto, colocada a responsabilidade sobre o outro e nunca sobre o “eu”. Visto isto, a salvaguarda ambiental não pode ser estimada de forma solitária, mas acolhida como parte integrante do processo de desenvolvimento. Uma visão integral e integradora que avassala o humanismo, move os diferentes saberes, e dá consistência às equações mais árduas.

Nos nossos dias, é sabido que a decomposição dos problemas ambientais é indissociável da decomposição das conjunturas humanas, familiares, amigáveis ou meramente de relações empresariais, e da ligação estreita da pessoa consigo mesma, as quais podem agravar o modo de se relacionar com o outro e o meio ambiente. Não podemos deixar de parte os custos que isto tem para o património material e imaterial da humanidade.

### 3.2. Ecologia cultural

A deterioração da natureza carrega consigo um prenúncio de desintegração e desvalorização cultural, através das quais germina um entendimento inóspito da tradição. A memória parece ficar perdida no espaço, sem a preocupação de lembrar os costumes e as grandes construções do passado<sup>68</sup>. Este itinerário ganha outra dimensão quando vemos ser declinado e destruído património, graças às posições mundiais de imaturidade e

---

*demens*”. (Leonardo BOFF, *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, Vozes, São Paulo 1999, pág. 20.)

<sup>68</sup> “Encontra-se igualmente ameaçado um património histórico, artístico e cultural. [...] que não se pode excluir na hora de repensar a relação do ser humano com o meio ambiente” (FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 143.)

irresponsabilidade no zelo pelo legado deixado pelos antecessores. Facilmente encontramos argumentos para discorrer acerca de um sintoma pernicioso que põe em causa a sustentabilidade do património histórico e cultural.

Ora, contra esta tendência real, poderá vigorar um sentimento coletivo em cada tempo e espaço, que subsidie a manutenção das sociedades novas, sem exterminar o passado e promovendo uma leitura crítica do futuro à luz das experiências já sedimentadas. As novas formas de habitar o espaço, os diferentes modos de recriar o lugar, terão que ter linhas estáveis de apoio que só os hábitos dos nossos predecessores poderão sustentar. De facto, há ainda um caminho longo por forma a totalizar a narrativa social, a cultura e a arte de cada ambiente vital, assegurando a permanência da sua identidade primordial, uma vez que “a maioria dos habitantes sentem-se desenraizados culturalmente e alienados socialmente”<sup>69</sup>.

A ecologia não pode prescindir do cuidado e salvaguarda patrimonial, que possa atender às fortunas culturais da sociedade, na certeza do valor incalculável dos bens materiais e imateriais. Este trabalho terá início com a apreciação das diferenças culturais e civilizacionais, na certeza que a heterogeneidade é uma riqueza e não uma desgraça, sobretudo quando a questão principal é unicamente a ambiental<sup>70</sup>. Trata-se de fomentar o diálogo entre a linguagem e compreensão hodierna com a locução e entendimento experiencial, criar pontos de convergência entre a experiência técnico-científica com o parecer popular.

---

<sup>69</sup> Leonardo BOFF, *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, Vozes, São Paulo 1999, pág. 19.

<sup>70</sup> Não podemos deixar de parafrasear a garantia deixada pelo papa Francisco: “A visão consumista do ser humano, incentivada pelos mecanismos da economia globalizada atual, tende a homogeneizar as culturas e a debilitar a imensa variedade cultural, que é um tesouro da humanidade”. (FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 144).

A cultura será entendida pela importância tradicional, mas também pela riqueza atual, quanto mais assumir um estatuto comunicativo, arguto e diligente na resolução de problemas. Esta forma de vislumbrar as maravilhas antigas não pode ser omissa e/ou esquecida quando se exige o repensar dos estilos pelos quais se mede a ligação entre o ser humano, e restantes seres vivos, com o meio natural. Nesse instante deverá o património cultural servir de âncora para cogitar os paradigmas sociais e ambientais.

Com efeito, os modelos económicos assentes numa perspectiva globalizante dos sistemas e processos antropocêntricos propendem a uniformizar as tradições e a estandardizar as rotinas, contribuindo para a minoração da diversidade cultural. Nunca esta riqueza deveria ser posta em causa, nem tão pouco, sufragada aos “senhores tirânicos” que se desfazem delas a fim de fazer reinar a sua própria cultura e modo de entender o mundo<sup>71</sup>. Além do mais, a dificuldade dos problemas de cada lugar exigem uma resposta baseada nos modos culturais e sociais desse mesmo espaço, e não a emancipação de uma solução global e homogeneizada, que não tem em conta os avanços e retrocessos da própria experiência local de seus habitantes.

Uma maior consciência sobre o ponto de vista da ecologia cultural importa como fundamento para a defesa do mundo, promotora e empreendedora, apta na valorização crescente dos direitos e deveres dos povos e das culturas. Efetivamente, todo o património histórico e cultural, artístico e construtivo deve ser evocado na hora de delinear o desenvolvimento de qualquer comunidade local. Assim, “é preciso assumir a perspectiva dos direitos dos povos e das culturas, dando assim provas de compreender que o desenvolvimento dum grupo social supõe um processo histórico no âmbito dum contexto cultural e requer constantemente o protagonismo dos atores sociais locais”<sup>72</sup>.

---

<sup>71</sup> Cf. Jürgen MOLTSMANN, *Dios en la creacion*, Sígueme, Salamanca 1987, pág. 41.

<sup>72</sup> FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 144.

Acreditamos que neste enquadramento social e cultural, o bem-estar do indivíduo e da comunidade em geral deve ser compreendido à luz do pensamento e práticas de cada local. A este nível, a experiência humana é fulcral, ajudando-nos a compreender o meio e nós mesmos, pois “o espírito humano é um nódulo de interação dos indivíduos, sociedades e respetivos meios ambientes”<sup>73</sup> e que vingam em comportamentos normativos.

Por isso, a degeneração ambiental não só extenua os bens de subsistência local como consome e destrói os recursos civilizacionais detentores de normas para os procedimentos públicos<sup>74</sup>. Pelo contrário, também estes últimos não podem esgotar pois fazem parte de uma paridade cultural edificada ao longo de séculos de presença e comunhão. Cada cultura, com seus costumes e tradições, precisará de afirmar-se à escala global. Perante o extravio de sistemas culturais, o ser humano terá que apreciar as classes múltiplas de vida. Este é um problema tão penoso quando o da degradação e exploração ambiental, seja ela vegetativa ou animal.

O território não é um bem transacionável nem mesmo fiducial, mas antes “dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descasam, um espaço sagrado com o qual precisam [as comunidades aborígenes] de interagir para manter a sua identidade e os seus valores”<sup>75</sup>. Por isso, quem poderá cuidar melhor a sua terra, senão aqueles que sempre por lá permaneceram? A sociedade global tem de lutar contra o aproveitamento destes oásis para os empreendimentos megalómanos, potenciais exterminadores da natureza e

---

<sup>73</sup> Ian G. SIMMONS, *Humanidade e Meio Ambiente – Uma ecologia cultural*, Instituto Piaget, Lisboa 1997, pág. 44.

<sup>74</sup> “Muitas formas de intensa exploração e degradação do meio ambiente podem esgotar não só os meios locais de subsistência, mas também os recursos sociais que consentiram um modo de viver que sustentou, durante longo tempo, uma identidade cultural e um sentido da existência e da convivência social” (FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 145.)

<sup>75</sup> *Ibidem*, nº 146.

cultura local, movendo e suscitando a alteração residencial de inúmeros povos. Mas este sentimento oportunista começa desde logo no mais íntimo do ser humano, e nas relações afetivas que tece com os seus companheiros.

### 3.3. Ecologia individual e comunitária

Um desenvolvimento fidedigno requer um aperfeiçoamento substancial do bem-estar humano. O enquadramento desta situação está centrado na coadjuvação dos diferentes grupos sociais e dos indivíduos entre si. É das relações que tecemos no espaço que concebemos os ambientes vitais para a nossa sobrevivência, sem os quais tudo se torna desordenado, até na própria forma de experimentar, existir e praticar. Em cada gesto, em cada acolhimento empregamos o ambiente para manifestar a nossa identidade.

Os relacionamentos virtuais e desvirtuados são uma constante dos novos tempos, gerando ritmos nunca vistos e implementando padrões de relacionamento isentos de qualquer proximidade geográfica. Com isto, até a própria compreensão do espaço é alterada, resultando num visível planeamento caótico dos núcleos populacionais. Vigora uma sensação de asfixia resultante das relações simplistas e/ou inexistentes nos grandes aglomerados populacionais, sugestivas pelo contraste com as relações calorosas e humanas, engendradas na comunidade. Nas primeiras o ambiente é degradante, enquanto nas segundas se multiplicam as redes de comunhão e pertença, fundamentais para o desenvolvimento da identidade integrada e venturosa. Esta identidade é possível graças às condições de vida digna que se sustentaram. Só “a vida social positiva e benfazeja dos habitantes enche de luz um ambiente à primeira vista inabitável”<sup>76</sup>.

Pelo contrário, nos ambientes privados da felicidade e da honorabilidade ocorrem com maior frequência os comportamentos desviantes. Crescem as povoações precárias,

---

<sup>76</sup> FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 148.

as preferências infratoras, com visões anti-sociáveis. Um contexto repetido sem conta, que comprova as barreiras e entraves suscitados pelo egoísmo e onde a experiência comunitária é mera utopia. Nestes espaços são poucos os laços de pertença e convivência. A criatividade fica reduzida a mínimos históricos e as belas criações parecem longínquas<sup>77</sup>.

Sob a égide da “aldeia global”, na era da informação digital e instantânea, onde o outro nunca esteve tão próximo e, no entanto, vive alheado no seu mundo sonoro, na sua individualidade, vemos crescer os “ismos”. O *relativismo*, o *ateísmo*, o *individualismo* e restantes parecem incrementar uma “conspção desencantada do mundo”<sup>78</sup>. É precisamente neste labirinto que o indivíduo deve “remar contra a maré”, lançar-se na aventura de recuperar a ordem do humano no mundo.

Com efeito, a construção de uma sociedade deve ter presente a vivência de determinados valores e princípios conselheiros de vida, fundamentais para a compreensão do papel do ser humano no mundo, para o respeito de si próprio e para a construção de relações afetivas de grande tonalidade. É bom de ver que o sujeito é um ser de relação e ser em relação, parafraseando Martin Buber<sup>79</sup>. O nosso autor deixa clara uma deambulação contemporânea: individualismo e/ou coletivismo. No primeiro está uma liberdade cujo objetivo é a satisfação pessoal, no segundo predomina um sacrifício da personalidade de cada qual. Note-se que nenhum dos dois é vantajoso para um ambiente sadio.

---

<sup>77</sup> “O reconhecimento da dignidade peculiar do ser humano contrasta frequentemente com a vida caótica que têm de fazer as pessoas nas nossas cidades” (FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 154.)

<sup>78</sup> Para Charles Taylor o desencantamento do mundo advém: “humanismo renascentista; reforma [questão das indulgências]; destruição do antigo *cosmos* encantado” (Charles TAYLOR, *A Era Secular*, Instituto Piaget, Lisboa 2012, pág. 73)

<sup>79</sup> Cf. Martin BUBER, *Eu e Tu*, Cortez & Moraes, S. Paulo 1979, pág. 87.

O nosso autor sugere uma rutura das duas disposições ao passo que apresenta o diálogo como recurso hermenêutico para uma nova realidade. Para Buber, a ligação de abertura de um ao outro é expressão do ser em relação, no qual o outro não o anula mas plenifica. Deste modo, apresentamos três possíveis tipos de relações: com a natureza (onde as criaturas meneiam diante dos restantes seres sem a possibilidade de ir ao seu encontro); com o humano (onde se aproxima e acolhe-se o TU); com os seres espirituais (relação silenciosa e, paradoxalmente, geradora de linguagem)<sup>80</sup>. O auge da relação é atingido pelo encontro do humano com o seu semelhante, mas se o TU voltar pela gratuidade, voluntariedade e recetividade<sup>81</sup>.

A relação EU-TU poderá ser caminho para a humanização de um mundo perturbado pela frustração e despersonalização, ao difundir a mutualidade, a prontidão, a assistência e responsabilidade na interferência da alteridade em cada um de nós. Na mesma proporção, Goleman assegura que “a própria conceção do cérebro humano o torna sociável, inexoravelmente atraído para uma íntima ligação cérebro a cérebro sempre que conhecemos outra pessoa”<sup>82</sup>. Facilmente depreendemos, se os relacionamentos forem assertivos, que eles têm um impacto saudável na nossa saúde e, especificamente, no modo como olhamos o meio ambiente, mas, se forem inócuos, serão como vírus que desgasta o sujeito e a natureza paulatinamente.

Na uniformidade de uma rede social, onde os seres estão interligados, todos são responsáveis uns pelos outros e pelo meio que os rodeia. Aqui reside o código empático, o contágio emocional de sentimentos que ajudam na edificação de um mundo humanizado

---

<sup>80</sup> Cf. Martin BUBER, *Eu e Tu*, Cortez & Moraes, S. Paulo 1979, pág. 6-7.

<sup>81</sup> Cf. Thomas Ranson GILES, *História do Existencialismo e da Fenomenologia*, Editora da Univ. de S. Paulo, S. Paulo 1975, pág. 91

<sup>82</sup> Daniel GOLEMAN, *Inteligência social*, Temas e Debates, Lisboa 2003, pág. 11.

e harmonioso<sup>83</sup>. Com efeito, todas as inteligências foram esboçadas para interagir e relacionar, acarretando a exoneração de “tempos” do nosso tempo para estar com os outros e com o que nos circunda, para escutar as suas dificuldades e perfilhá-las como prioridade.

Por isso, é preciso cuidar dos outros e dos espaços comuns, dos relacionamentos humanos e das estruturas a eles associados que prosperam no nosso sentido de pertença, na nossa impressão de enraizamento, num sentimento de olhar o lugar onde nos movemos e existimos como “nossa casa”. Daí, qualquer planificação terá que atender aos laços afetivos e efetivos de cada lugar, de cada cultura e de cada sociedade. Deste modo, os outros deixam de ser estrangeiros e senti-los-emos como uma porção de um “nós” que alcançamos juntos. A fim de tal ser possível, convém manter as áreas em concertação com as relações humanas daquele lugar, e precaver as intervenções antropocêntricas, para que estas não as adulterem.

Pela mesma razão, quando as vontades se unem e os desejos se equiparam, é possível traçar e delinear projetos de transformação do ambiente, sem nunca atentar contra a sua integridade. Não esqueçamos, “fomos concebidos para conectar”<sup>84</sup>. De facto, “é importante que as diferentes partes duma cidade estejam bem integradas e que os habitantes possam ter uma visão de conjunto em vez de se encerrarem num bairro, renunciando a viver a cidade inteira como um espaço próprio partilhado com os outros”<sup>85</sup>. Só assim poderemos combater a insegurança, o desconforto, e a distribuição fracionada dos recursos e bens.

---

<sup>83</sup> Cf. Maria de Fátima SIMÕES, *Relações interpessoais: perspectivas e fundamentos*, «Brotéria» 152 (2001) pág. 152.

<sup>84</sup> Daniel GOLEMAN, *Inteligência social*, Temas e Debates, Lisboa 2003, pág. 11.

<sup>85</sup> FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 151.

Na verdade, o prémio de uma vida peculiar e digna do ser humano, oposta à vida desordenada de tantas sociedades e individualidades, deverá suplantar a condição de deserção e descuido de que sofrem alguns. A ecologia implica a convicção mais penetrante de que o nosso corpo nos arrasta para a ligação estreita com o meio ambiente e com as outras criaturas. A vida, quer individual, quer comunitária, deverá ter um objetivo, um sentido mais profundo para o qual tudo se orienta. Podemos falar de uma inaudita ecologia integradora: a ecologia espiritual.

### 3.4. Ecologia espiritual

Fizemos até agora um percurso assente na apresentação de várias ecologias, que no seu todo, dão consistência à ecologia integral. Trata-se de pequenas unidades, cada qual com o seu vulto, que refletem uma preocupação à escala global: a de construir um mundo melhor e uma civilização mais humana. Desde a ecologia socio-ambiental com iminentes preocupações económicas, passando pela ecologia cultural, refletindo a valorização do património e legados, e aportando sobre o ponto de vista de uma ecologia individual e comunitária tendo em vista a justa relação entre os seres, apresentamos uma série de respostas aos problemas ecológicos.

E se houvesse, quiçá, uma ecologia integradora do que até agora expusemos? Sem dúvida, a ecologia espiritual pode ser vista como um complemento final à promoção da ecologia integral. A partir dela, propaga-se o bem comum, a justiça e a solidariedade, fatores determinantes neste trajeto. A essência da ecologia espiritual poderá resgatar o ser humano do trivial fado face à impossibilidade de eleger outras orientações, de ser construtivo, de pretender conhecer a razão dos elementos<sup>86</sup>.

---

<sup>86</sup> No dizer do Sumo Pontífice Francisco, “o bem comum pressupõe o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral. Exige também

Neste campo, a ecologia espiritual, planeada por uma inteligência madura, é entendida como aquela com a qual dissolvemos impasses de sentido, encontramos um sentido maior para as nossas ações e para as nossas vidas. Ela convida-nos a um rumo com valor, capaz de diferir as soluções para os problemas ecológicos. No dizer de Danah Zohar e Ian Marshall, trata-se de “operar literalmente fora do centro do cérebro”<sup>87</sup>, ou seja, de exercer a habilidade de elevação. O ser humano pode intuir o objetivo marcante das coisas e ser arrojado no valor e sentido que lhes dá.

Numa ótica extra-biológica, procuramos suplantar uma vivência monótona dos fenómenos, impávida e serena, para crescer com os grandes problemas existenciais. O seu questionamento é ocasião para a humanidade adotar um compromisso bondoso e cristão que enfrente as dificuldades em redor da órbita epistemológica alcançada pela ecologia integral. Neste lugar, a vivência e conhecimento espiritual envolve uma conversão de sentido, ou melhor, uma purificação da linguagem, isentando-nos da ambiguidade<sup>88</sup>. A própria relação com a realidade superior e imensa contribuirá para uma estrutura social ilustre e avantajada, preenchendo-a com esse sentido.

Não é por menos que muitos dos cientistas hodiernos entrevêem na nossa sociedade um esvaziamento de sentido por causa da perda dos valores primordiais, abrindo-se as brechas e/ou feridas atuais, muitas delas já incictrizáveis. Os investigadores acreditam que o *cosmos* sumiu numa crise espiritual, tornando-se difícil a deliberação das grandes sentenças e a intelectualização do sentido existencial. Tornam-se escassos os exemplos de prontidão e boa execução dos planos e projetos, no que à

---

os dispositivos de bem-estar e segurança social e o desenvolvimento dos vários grupos intermédios, aplicando o princípio da subsidiariedade”. (FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 157.)

<sup>87</sup> Danah ZOHAR Ian MARSHALL, *Inteligência Espiritual*, Sinais de Fogo, Lisboa 2004, pág. 16.

<sup>88</sup> Cf. Moisés de Lemos MARTINS, *A Linguagem, a verdade e o poder: ensaio de semiótica social*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2002, pág. 116

ecologia diz respeito, aproximando-nos hoje de uma passividade caracterizada pelo conformismo descomedido<sup>89</sup>.

Com efeito, vivemos tempos de perda de consciência do alcance da existência e, em particular, da dimensão espiritual a ela associada, tocando a vida o trivial. Estamos privados de líderes que possam demarcar-se pela criatividade e novidade, autênticos ícones de ouro, eficientes na descodificação dos enigmas que estão por trás da futilidade. Faltam pessoas de pensamento como João Paulo II, Bill Gates, Martin Luther king ou mesmo Madre Teresa de Calcutá, verdadeiros treinadores dessa dimensão espiritual, e que façam a ponte com o problema ecológico.

Ao longo dos últimos anos, desfrutamos dos elementos humanos e naturais a nosso bel-prazer e para satisfação pessoal, nunca do coletivo. Nos nossos dias, a sociedade começa por viver num mal-estar contemporâneo, intensificando a estrutura de um mundo híbrido, onde o universo das coisas é relativo e tudo tem valor. Ora, a ética da disciplina, comprometida com a execução dos objetivos, merece ser adjuvada ao respeito pelo outro e pelo ambiente que me rodeia.

Num mundo corrompido pelo egoísmo, o materialismo, o capitalismo, entre outros fenómenos que apenas deterioram a integridade humana, o ser humano deve-se fazer valer de uma fé capaz de ajudar a humanidade a atingir os “valores maiores da existência”<sup>90</sup>. Admitimos que os critérios do bem comum, da justiça e de solidariedade podem ser fatores determinantes para o equilíbrio ecológico, uma vez que o problema é resultado de um fracasso na educação e espiritualidade destes valores maiores evocados. Nesse sentido, passaremos a considerar cada qual.

---

<sup>89</sup> “Há um descuido vergonhoso pelo nível moral da vida pública marcada pela corrupção e pelo jogo explícito de poder de grupos, chafurdados no pantanal de interesses corporativos”. (Leonardo BOFF, *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, Vozes, São Paulo 1999, pág. 39.)

<sup>90</sup> Charles TAYLOR, *A Era Secular*, Instituto Piaget, Lisboa 2012, pág. 403

Em primeiro lugar, o critério do bem comum antevê o apreço de todo o ser humano, sujeito de direitos e deveres intransmissíveis, fundamentais ao progresso integral. De facto, este valor sugere-nos um *status* contíguo, pois exige uma tranquilidade universal. Procura-se respeitar a ordem suprema e cristalina, incutindo na comunidade a constância e confiança a que obriga. Pelo contrário, quando desprovemos as instituições sociais e os indivíduos do seu bem-estar e segurança, acabamos na transgressão, constituinte esse multiplicador de barbárie<sup>91</sup>.

Nos Estados em que proliferam as disparidades e onde a segregação é recorrente, será difícil implementar o bem comum. Trata-se de sociedades privadas dos direitos humanos consignados pelas diferentes constituições estatais e universais, grupos manchados pela irresponsabilidade e imaturidade e estão longe de serem considerados agregados populacionais de apreço humano. Num rumo desintegrado da realidade plena e perfeita, tanto o grupo como cada membro, fica aquém da satisfação dos requisitos fundamentais de uma vida social notável.

Veja-se que a ecologia integral é indissociável do princípio do bem comum, na medida que concorre para a integração social de todos os sujeitos, e dá corpo à ética coletiva<sup>92</sup>. Na verdade, e seguindo de perto um raciocínio lógico, percebemos a necessidade de uma eleição universal na hora de destinar os bens da Terra. A opção por todos e de todos é uma reivindicação moral basilar para o compromisso perspicaz na autenticação do bem comum.

Num segundo lugar, a designação do bem-estar como objetivo geral numa sociedade não pode ser dissociada de um desenvolvimento sustentável entre as diferentes

---

<sup>91</sup> Cf. Peter SINGER, *Escritos sobre uma vida ética*, Publicações Dom Quixote, Lisboa 2008, pág. 117.

<sup>92</sup> “O bem comum requer a paz social, isto é, a estabilidade e a segurança de uma certa ordem, que não se realiza sem uma atenção particular à justiça distributiva, cuja violação gera sempre violência”. (FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 157.)

gerações. A falta duma avaliação credível à redistribuição de riqueza por toda a humanidade tem acarretado inferências nefastas, uma vez que prosseguem práticas que atentam a sustentabilidade das gerações atuais e futuras. A Terra, enquanto dom recebido de forma gratuita, não pode ser usada utilitariamente para proveito particular, sem olhar os meios para atingir os fins propostos. E quanto a isto, não podemos esquecer que existe nos nossos dias um sentido de utilitarismo numa ótica puramente funcional que “converte em inimigo o excelente e o belo”<sup>93</sup>.

Todavia, o dom recebido merece ser comunicado na sua inteireza e nunca explorado, numa uniformidade de princípios que conduzam a uma maior eficiência pragmática das relações humanas e com o meio. O ideal de justiça não pode ser mera quimera, mas prática recorrente em todas as ações quotidianas. De outra forma, estaremos a pôr em causa, para além da integridade ambiental, a nossa própria dignidade, a integridade do ser humano. Deste modo, o prolongamento de cada geração neste ecossistema global deve ser marcada pela equidade, na certeza que a igualdade será manifestação de uma coexistência de vontades<sup>94</sup>.

Só assim, excederemos o paradigma vigente *laissez-faire* onde os geradores do problema acolhem “os benefícios económicos para si, ao mesmo tempo que impõem custos a terceiros que poderão ou não partilhar os benefícios da elevada produtividade dos poluidores”<sup>95</sup>. O consumo desregrado, a inconstância geo-espacial e o desaproveitamento atual denunciam a insustentabilidade mundial perante a qual todo o sujeito tem a sua parte de responsabilidade. Convivemos num mundo alimentado pela

---

<sup>93</sup> Robert GOODIN, *La utilidad e el bien*, in *Compendio de ética*, Alianza Editorial, Madrid 2007, pág. 338. A tradução de todas as citações de origem espanhola serão da nossa responsabilidade.

<sup>94</sup> Cf. Fernando SAVATER, *Convite à ética*, Fim de século, Lisboa 2008, pág. 29

<sup>95</sup> Peter SINGER, *A ética da globalização*, Grávida Publicações, Lisboa 2004, pág. 83.

desagregação espiritual e moral, uma situação acompanhada pela desintegração ecológica.

Finalmente, o bem comum e a justiça social implicam um renovado sentido de solidariedade. Aqui assentam as duas virtudes primárias enunciados pelo filósofo espanhol Fernando Savater, virtudes essas que não toleram a cobardia da degradação geracional e ambiental. Refere o autor que “as duas virtudes básicas, alicerces da totalidade moral e sem as quais não há possibilidade de vida ética imaginável, são o valor ou coragem e a generosidade”<sup>96</sup>.

Ambos são fundamentais para um raciocínio ético e ratificado, que promova a integridade e dignidade de todo o ser humano. Quer um, quer outro são espelho da humildade e da oblatividade pelas quais se devem pautar os relacionamentos intergeracionais. O valor representa o esforço por alcançar a liberdade do fazer e promover, enquanto a generosidade abre possibilidade para a cooperação e identificação do desempenho comum. Sem estes valores a humanidade aniquila-se, “desumaniza-se em pura animalidade e repetição do necessário”<sup>97</sup>.

A complexidade de empreender e construir as exigências reclamadas neste repto está bem realçada na pluralidade de performances individualistas, e, *grosso modo*, a maior parte das agruras sociais tem a sua génese na autossatisfação momentânea culminada pela busca desenfreada. O egoísmo destravado promove o risco dos vínculos afetivos e emotivos, desde os mais complexos (comunidade) até aos mais simples (família), vingam-se no descrédito ao outro e difunde uma visão cega face à exclusão social popularizada. Além do mais, quando os progenitores deixam de ter consciência dos efeitos prejudiciais dos seus procedimentos para os seus descendentes.

---

<sup>96</sup> Fernando SAVATER, *Convite à ética*, Fim de século, Lisboa 2008, pág. 73.

<sup>97</sup> *Ibidem*, pág. 74.

Por conseguinte, só a afirmação da necessidade moral de um sentido de subsidiariedade pode concorrer para uma humanidade livre das brechas anteriormente impostas, fontes da degradação ambiental e humana. Neste sentido, seria legítimo pensar que todos os princípios inerentes à ecologia integral deverão passar também eles pelo crivo das justas relações entre seres vivos e entre estes e o meio. Desde o princípio, tal intento foi consignado, daí a necessidade de estudar o lugar de Deus e o lugar e atitude do ser humano.

#### **4. A ecologia integral e o “lugar de Deus”**

Questionar o lugar de Deus e o desempenho do indivíduo no mundo é traçar um estudo da criação e sua origem. Foi aí que tudo se originou e, desde logo, se fomentou a hierarquia entre as criaturas. Todavia, a descrição dos primórdios foi tarefa sempre trabalhosa dada a complexidade do processo e a magnificência do momento. Por isso, o indivíduo encontrou nos mitos e nas epopeias modos de expressar a sua compreensão acerca do assunto. Esses relatos da criação também estão presentes na Sagrada Escritura. Mesmo assim, eles suscitaram algumas interrogações e dificuldades na hora da sua interpretação, sobretudo evocadas por aqueles que procuravam ir ao encontro das suas conveniências.

Na verdade, “os tratados teológicos sobre a criação têm sido, nos últimos tempos, dos mais questionados”<sup>98</sup>, quando são assimilados de forma literal e factual. Pelo contrário, convém lembrar que a Sagrada Escritura, oriunda de um tempo específico, deve ser entendida à luz “da sua finalidade como livro de fé no Deus único e Criador, em

---

<sup>98</sup> Bento DOMINGUES, *Jornal Público* (09-04-2000).

oposição a animismos, politeísmos e panteísmos”<sup>99</sup>. Por isso, a Bíblia apresenta uma história de fé apreendida a partir da revelação. Daqui é impossível retirar dados empíricos uma vez que não se trata de um concentrado cosmológico, antropológico ou mesmo ecológico.

Em tempos áureos, com contextos mais adversos, foi difícil propor novas leituras para a criação do *cosmos* e sua organização, que o diga Galileu condenado por apresentar uma ordem do universo, que mais tarde viria a ser provada. Esta situação permite-nos ter presente que qualquer texto, inclusive os sagrados, deve ser interpretado segundo a mentalidade, a cultura e as condições psico-sociais de quem o redigiu. Nesse sentido, garante-nos Armindo Vaz: “os autores bíblicos não podiam descrever objetivamente o surgimento material do mundo, porque não dispunham de nenhuma informação e tradição histórica sobre ele”<sup>100</sup>.

Ora, são os primeiros capítulos do livro do Génesis que fazem referência às origens. Os seus autores, longe de terem qualquer informação científica sobre o sucedido, apropriaram-se de histórias para refletir sobre os parâmetros fundamentais da vida. Por isso, para muitos investigadores estes escritos sagrados têm inúmeras semelhanças com literaturas do antigo Próximo Oriente, seja nas afinidades literárias, categoriais, ou mesmo substanciais. Uma das leituras utilizadas para meditar sobre as origens foi o próprio mito, nunca estando este desligado da razão, nem tão pouco espelhando a tentativa de tornar inteligível aquilo que queria evidenciar<sup>101</sup>.

---

<sup>99</sup> Joaquim Carreira das NEVES, *Do Homem de terra ao Homem-Deus*, «Bíblica – série científica» 12 (2003), pág. 156.

<sup>100</sup> Armindo dos Santos VAZ, *Origem da Terra segundo a bíblia – Mito e fé*, «Bíblica – série científica» 12 (2003), pág. 81.

<sup>101</sup> A este nível, convém lembrar as palavras do Professor Armindo Vaz: “narrar as origens da terra, ininteligíveis em certos aspectos para a razão pura e abstracta, é uma forma de ver melhor; é dizer as melhores possibilidades de ser e de existir; é uma forma de as compreender, nalguma das suas dimensões,

Neste sentido, o esforço em expor, com coerência, a origem do mundo tomou a configuração de um relato mitológico e religioso, uma linguagem somente captada com o seu valor revelador de uma experiência de fé feita pelo povo. Com efeito, “a pergunta sobre a origem da fé criacionista está, pois, inseparavelmente unida ao modo como Israel concebeu Deus”<sup>102</sup>, uma alteridade da história com poder absoluto sobre a natureza, ao serviço da aliança. A este propósito, Adolphe Gesché sentencia: “a criação, há que recordar, não é objeto de uma simples proposição filosófica (para isso bastaria a categoria de causalidade), mas uma confissão de fé”<sup>103</sup>.

Como fomos anunciando, desde sempre, o ser humano revelou alguma destreza na enunciação dos elementos que deram origem ao mundo que conhecemos, para melhor solucionar as questões antropológicas e ontológicas inerentes à sua existência. Reflexo disso são os mitos de origem, entre os quais está a epopeia acádica da *Enuma elis*, vindo a servir de “modelo literário sugestivo”<sup>104</sup> para o primeiro capítulo do Génesis.

Do mito já referido e do relato da criação, presente no texto sagrado, podem colher-se componentes que confluem na mesma sucessão factual dos acontecimentos e que assinalam a mútua concordância. Em ambos, a criação surge de um caos inicial (*creatio ex nihilo*<sup>105</sup>), originado pela separação de elementos graças à força dinâmica da

---

tornando-as compreensíveis e aceitáveis. Os mitos infundiam poesia e nobreza nas coisas, interpretando-as e enaltecendo-as, como faz a fé” (Armindo dos Santos VAZ, *Origem da Terra segundo a bíblia – Mito e fé*, «Bíblica – série científica» 12 (2003), pág. 64).

<sup>102</sup> Juan Ruiz de la PEÑA, *Teología de la creación*, Sal Terrae, Salamanca 1996, pág. 23.

<sup>103</sup> Adolphe GESCHÉ, *Dios para pensar II. Dios – El Cosmos*, Les editions du Cerf, Salamanca 1997, pág. 174.

<sup>104</sup> Armindo dos Santos VAZ, *Origem da Terra segundo a bíblia – Mito e fé*, «Bíblica – série científica» 12 (2003), pág. 68.

<sup>105</sup> Este termo filosófico garante-nos algumas proposições no enquadramento bíblico que convém lembrar: Deus não está condicionado por nada exterior a ele; Deus cria tudo; soberania universal de Deus; expressão para designar a atividade criadora de Deus, através da qual tudo o que existe procede absolutamente d’Ele.

palavra ou de alguma coisa; sucede-lhe a criação de luzeiros no firmamento para limitar o dia da noite, a criação de fauna e flora, a génese do ser humano, espécie dominante sobre a terra; e, por fim, após a criação de tudo, dá-se lugar ao descanso<sup>106</sup>.

Este empreendimento tem um “arranjo” estabelecido desde as origens, refletindo a disposição gradual da criação. De facto, é nos primórdios que se estabelecem os principais critérios para a sadia convivência entres os seres vivos e o meio que os circunda. É ao encontro dessas expectativas que nos debruçaremos sobre Gn 1,28, para aí compreendermos a precedência de Deus em relação à criação, mas também do lugar do ser humano no *cosmos* criado e seu comportamento, já que é disso que trata a ecologia integral.

#### 4.1. Doutrina da criação (Gn 1,28)

Numa interpretação desacertada dos factos, há quem penalize a tradição judeo-cristã de promover o uso insustentável dos recursos e da natureza pelo ser humano. Na verdade, são diversos os críticos que culpam a mesma tradição pela crise ecológica atual, fruto da disseminação de um devaneio antropocentrismo do mundo. Lynn White<sup>107</sup> foi o primeiro a demonstrar tal convicção, ao qual se sucederam vários, entre os quais o alemão Carl Amery, famoso por ter escrito uma obra intitulada “O fim da providência. As desgraças seculares do cristianismo”<sup>108</sup>.

---

<sup>106</sup> Armindo dos Santos VAZ, *Origem da Terra segundo a bíblia – Mito e fé*, «Bíblica – série científica» 12 (2003), pág. 67.

<sup>107</sup> Este autor considera que a crise ecológica teve a sua génese numa postura cerrada do cristianismo, quando defendia um antropocentrismo desmedido e irrefletido para White. Por isso, para o nosso autor o termo “dominai a terra” reflete uma arrogância cristã. (Mgr Marc STENGER (org.), *Écologie et création*, Parole et Silence, Angers 2008, pág. 23. A tradução de todas as citações de origem francesa serão da nossa responsabilidade.)

<sup>108</sup> Cf. Juan Ruiz de la PEÑA, *Teología de la creación*, Sal Terrae, Salamanca 1996, pág. 178.

A leitura desvirtuada da essência do cristianismo reside numa interpretação errada da proposição “dominai a terra” em Gn 1, 28, precipitadamente utilizada como argumento para uma filosofia produtiva e mercantilista do sistema económico e comercial. No entanto, esta interpretação da realidade parece estar longe de ser consensual, uma vez que se colocam diversas questões relacionadas com o mandato da criação. Até que ponto esta ordem é legitimação da soberania arbitrária do ser humano? Esta soberania será realização do destino bíblico?

De facto, a imputação feita ao cristianismo é indevida e injustificada, na medida em que o “dominar a terra” implica uma gestão refletida e nunca um abuso desconsolável dos seus recursos, atentando a integridade da natureza. Este termo, com mais de três milénios, impele o ser humano à promoção, à eleição, ao respeito da Terra por forma a conduzi-la à sua plenitude de função. Por isso, “a gestão que lhe foi confiada entranha sabedoria, prudência e fidelidade, e exclui o egoísmo, a avareza e a irreflexão”<sup>109</sup>.

O interesse do sujeito em cultivar e rentabilizar a terra deve ter por base um princípio de patronagem e apreço. O indivíduo deverá cuidar o *cosmos* como elemento criado por Deus, e assim também respeitar os ritmos e cadências da criação. Com isto, não se nega o uso dos recursos gratuitamente oferecidos por Deus, mas recomenda-se um esforço zelador incompatível com a perspetiva de uma dominação censurável<sup>110</sup>.

Esta responsabilidade confiada pelo Criador ao ser humano evidencia um projeto salvífico onde toda a criação, concebida no amor e liberdade, se orienta para a plenitude do seu sentido. Com efeito, a afinidade entre o Criador e as criaturas sublinha a pura oblatividade da criação, segundo Adolphe Gesché: “Deus não depende da criação para ser; Deus não tem necessidade da criação para ser, como se esta fosse uma parte da sua

---

<sup>109</sup> Juan Ruiz de la PEÑA, *Teología de la creación*, Sal Terrae, Salamanca 1996, pág. 180.

<sup>110</sup> Cf. Joseph RATZINGER, *Creación y pecado*, EUNSA, Pamplona 2005, pág. 59. A tradução de todas as citações de origem espanhola serão da nossa responsabilidade.

constituição. Sendo Deus perfeito na ordem do ser, do conhecimento, do amor, do atuar, ele basta-se”<sup>111</sup>. A certeza de um *cosmos* desejado, amado e abençoado lembra ao ser humano a necessidade de cooperar com Deus, que precisa de um outro para atingir a plenitude, pois ele não poderá ser autossuficiente. Aqui, reside a humildade humana tantas vezes esquecida pelos nossos contemporâneos.

A providência divina, sobre a qual estamos a discorrer, atingiu o seu clímax com a presença de Deus entre nós, alçando o nosso estado contingente, na pessoa de Jesus Cristo. O mundo é, por isso, *forma nobilis*, casa comum habitada pela beleza, bondade e verdade, as quais devem ser sempre preservadas. Com efeito, “Deus cria o mundo e ao mesmo tempo entra nele. Chama-o à existência e manifesta-se por sua vez mediante a existência desse mundo. Este vive da força criadora de Deus e Deus vive nele”<sup>112</sup>. A relação estabelece-se pela vocação à salvação. Nesta relação saudável e equilibrada, está presente um Deus que se oferece, o qual pode ser aceite ou recusado. Só pelo sim, Deus criou o *cosmos* e interpela o ser humano a progredir na obra criada.

Nenhum obreiro revelou um amor incondicional e desinteressado como Deus pelo ser humano e restantes criaturas. Aliás, é o próprio que merece de Deus um lugar especial, pois foi “criado à imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,26). O indivíduo querido por Deus, “cumpre um projeto de Deus que brota da própria ideia da Criação”<sup>113</sup>. A sua resposta deverá ser pró-ativa e célere, baseada no louvor e contemplação, na preservação e conservação. O próprio conceito de *Sabbat*, o sábado, pressupõe um espaço de adoração

---

<sup>111</sup> Adolphe GESCHÉ, *Dios para pensar II. Dios – El Cosmos*, Les editions du Cerf, Salamanca 1997, pág. 176.

<sup>112</sup> Jürgen MOLTSMANN, *Dios en la creacion*, Sígueme, Salamanca 1987, pág. 28.

<sup>113</sup> Joseph RATZINGER, *Creación y pecado*, EUNSA, Pamplona 2005, pág. 70.

e rejuvenescimento da aliança entre Deus e o ser humano<sup>114</sup>, onde todos se assumem como filhos livres de Deus e onde os seres criados conviverão fraternalmente entre si.

Deste modo, a realidade criada deverá ser expressão dessa aliança e vocação cordial, longe da discriminação e devassidão, concorrendo na integração do ser humano numa natureza saudável e deslumbrante, em que todos convivem pacificamente e colaboram no equilíbrio e sustentabilidade do planeta (ideal de *éschaton*). Para tal, o indivíduo deve ser conhecedor da sua função no mundo criado, ocupando o lugar que lhe foi destinado, sem nunca atentar seara alheia<sup>115</sup>.

Pela mesma razão, o ser humano deve respeitar a ordem instaurada na criação, vivendo em comunhão e na afetividade de coração com os restantes seres vivos, ainda mais quando a criação não é sua propriedade concludente, mas foi lhe ofertada. Com sobriedade e um sentimento de compromisso deve prestar contas justas daquela que foi a sua missão na Terra ao Senhor, na convicção de que “Deus entrega a terra ao homem, para que a desenvolva com o seu trabalho (Gn 1,28-30; 2,15) e faça dela a sua casa (Gn 1)”<sup>116</sup>. O ser humano é apenas um administrador, ou melhor, “um rendeiro”, que cultivando a terra, poderá criar as condições necessárias para ela prosperar. Estamos perante um mandato de amor inteligível: “dominai o vosso domínio”<sup>117</sup>.

A Terra é o lugar do ser humano e só nesse espaço pode-se realizar. Na verdade, “o *cosmos* é o lugar do Homem, onde está a sua casa e a sua glória”<sup>118</sup>. Esta é a casa na

---

<sup>114</sup> Cf. Joaquim Carreira das NEVES, *Do Homem de terra ao Homem-Deus*, «Bíblica – série científica» 12 (2003), pág. 156.

<sup>115</sup> Cf. Mgr Marc STENGER (org.), *Écologie et création*, Parole et Silence, Angers 2008, pág. 23.

<sup>116</sup> Herculano ALVES, *A terra no Antigo Testamento*, «Bíblica – série científica» 12 (2003), pág.131.

<sup>117</sup> Adolphe GESCHÉ, *Dios para pensar II.Dios – El Cosmos*, Les éditions du Cerf, Salamanca 1997, pág. 221.

<sup>118</sup> *Ibidem*, pág. 181.

qual poderemos exercer as nossas funções, sustentar a criatividade e nutrir o desenvolvimento e progresso com responsabilidade.

Ser “imagem e semelhança” de Deus espelha duas sentenças: o ser humano é co-criador com Deus; o ser humano deve abrir-se à relação. Ao entregar-se à alteridade, vive a simplicidade especialmente como condição. Do vínculo estabelecido com a Terra, desenvolve a fraternidade, em todas as circunstâncias, junto daqueles com quem estabelece uma ligação afetiva. Esta tarefa deixa-nos antever uma crença: o indivíduo não nasceu para viver só. Efetivamente, “O ser imagem de Deus significa sobretudo que o homem não pode estar fechado em si mesmo”<sup>119</sup>, pois ele é um ser de promessa e dileção, destinado ao outro.

O destino humano tem de ser preservado como lugar de salvação, estatuto esse garantido na relação e comunhão que estabelecemos no meio. Ao ser humano compete anunciar e/ou fazer da “terra um destino teologal, uma obra de salvação divina, uma promessa da eternidade”<sup>120</sup>. Da mesma forma, se o *cosmos* for atravessado por uma corrente de criatividade que o constitui enquanto tal, então “o que construímos se converte neste reino possível, que encontrará convivência sobre o qual construir-se”<sup>121</sup>.

Assim, toda a crise ecológica está refém de um mundo sem valores e sem sentido. É preciso galgar as barreiras materiais, as vedações consumistas e assim salvar a humanidade de uma existência sem sentido, sem a relação com o seu Criador. A este nível, é urgente que a ciência desenvolva o seu papel, mas sempre tendo por princípio a teologia que “criou” e a fé que “salvou” o *cosmos* e a humanidade. Em sentido inverso, deve a teologia acompanhar as grandes reflexões científicas, explorar delas o seu sentido

---

<sup>119</sup> Joseph RATZINGER, *Creación y pecado*, EUNSA, Pamplona 2005, pág. 72.

<sup>120</sup> Adolphe GESCHÉ, *Dios para pensar II. Dios – El Cosmos*, Les editions du Cerf, Salamanca 1997, pág. 245.

<sup>121</sup> *Ibidem*, pág. 253.

exclusivo e criar um diálogo proffcuo. Disso trataremos na reflexão seguinte, evocando os princípios que determinam os limites da discussão subjacente ao nosso debate ecológico.

#### 4.2. Limites da discussão

O debate ecológico eclode nos nossos dias com reminiscências transversais, ocasionando discussões nas diferentes áreas do saber. Com efeito, hoje, mais do que nunca, assistimos à elaboração de pequenas sínteses que servem de mote para a defesa dos valores ambientais e humanos. A este respeito, o interesse está em saber convergir e articular as posições científicas com as leituras teologais, tendo também por base a fé que conduz o ser humano à sua salvação e plenitude.

Embora inúmeras vezes reprovada, a teologia tem ampliado a sua tarefa, apresentando elementos válidos para a formação de uma ecologia integral, uma vez que a sua ação se expressa no interesse pelo ser humano e suas relações. Tal desígnio revigorou-se, particularmente no último século, promovendo um diálogo entre a fé e a ciência com o fim último de procurar uma saída comum da crise que vivemos na atualidade<sup>122</sup>. Por outras palavras, tendo a ciência e fé “objetos, métodos e linguagem diferentes, fins, exigências e legitimidade próprias, que as levam a ter visões e a fazer afirmações de ordem diferente, que não se podem identificar”<sup>123</sup>, acreditamos que é possível trabalhar em comum na promoção do bem comum e solidariedade universal, num respeito alargado à natureza e seres vivos.

Deste modo, a dicotomia fé e razão pode ser superada, sobretudo quando há intenções completivas. É válido que o cientista faça questões sobre o sentido da sua

---

<sup>122</sup> Cf. Juan Ruiz de la PEÑA, *Teología de la creación*, Sal Terrae, Salamanca 1996, pág. 215.

<sup>123</sup> Armino dos Santos VAZ, *Origem da Terra segundo a bíblia – Mito e fé*, «Bíblica – série científica» 12 (2003), pág. 83.

existência, do universo e encontre também algum sentido na fé, mas sem nunca querer explicar essa verdade pela lógica, uma vez que apenas se trata de uma verdade revelada<sup>124</sup>. Tal é possível, porque o discurso científico diante da fé é limitado na medida que “não pode ver Deus a intervir na ordem das causas e dos efeitos”<sup>125</sup>. Dessa forma, os dois horizontes de estudo dos acontecimentos têm a sua importância na hora de tomar decisões sobre o ponto de vista ecológico.

Sendo assim, o cientista pode acreditar na criação sem deixar de fazer o seu labor e o crente pode perscrutar e demandar a sua fé sem a esbanjar. Com isto, queremos elucidar o dever que cada qual tem em superar a sua própria “zona de conforto” e encontrar respostas aos sinais mais misteriosos do problema ecológico. É possível superar alguns tabus, preconceitos e visões estereotipadas da realidade e, ao mesmo tempo, acabar com a violência e o terror, quando fé e razão cooperarem para a salvação, convidando o indivíduo a ocupar o seu próprio lugar e a exercer retamente as funções que lhe estão associadas.

Aliás, não obstante a criação ser um conceito abarcador de uma convicção de fé profunda do crente, espelhado no credo (“Deus, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis”), a ciência poderá estudar a criação na sua componente cognoscível e acessível, isto é, os âmbitos da natureza que são objeto de conhecimento. A restante parte só a fé pode evocar. A teologia tem um empreendimento contínuo e nunca terminado, o de assumir uma posição conciliatória entre os argumentos da razão e da crença, purificando as falsas interpretações e limando as arestas menos conseguidas,

---

<sup>124</sup> Cf. Bernard SESBOÜÉ, *Creer – Invitación à la fé católica para las mujeres e los hombres del siglo XXI*, San Pablo, Madrid 2014, pág. 125. A tradução de todas as citações de origem espanhola serão da nossa responsabilidade.

<sup>125</sup> Armindo dos Santos VAZ, *Origem da Terra segundo a bíblia – Mito e fé*, «Bíblica – série científica» 12 (2003), pág. 83.

libertando dos processos exterminadores, sofrendores, contribuindo para uma criação liberta da escravidão, assente sob a liberdade<sup>126</sup>.

Neste sentido, uma teologia ecológica poderá ser uma resposta a tantas questões e problemas por resolver neste âmbito. Acreditando numa possível explosão originária ou em todos os fenómenos subjacentes à doutrina instaurada pela física quântica, existem matérias de suma importância por resolver, e que só uma “ecoteologia” será capaz de sanar tais antagonismos. Quem criou a matéria originária? Com que força e motivo? Para onde caminha a evolução do Universo e que energias estão associadas a este fenómeno? Há limites e/ou fronteiras para esta expansão? São discussões que merecem ser aprofundadas e examinadas com a máxima transparência, sem medo nem decoro.

O cardeal Joseph Ratzinger sentencia: “a crença na Criação é algo racional; e mesmo que a razão por si só não possa explicá-la, sem dúvida, vai à sua procura, encontra nela a resposta esperada”<sup>127</sup>. Não nos podemos afastar deste saber originário. Pelo contrário, devemos aproximarmo-nos desta sabedoria inaudível e transcendental, com espírito de sacrifício e pelejador, escutando o mandato da criação.

Não podemos ignorar o debate ecológico, seja por via da ciência, seja por via da fé. De facto, o ser humano é já reflexo da superação de algo que a ciência dificilmente poderá conjecturar. Por fim, permanece uma ambição: “devemos continuar a usar a linguagem metafórica bíblica [...], contando que estejamos conscientes de que então fazemos uma afirmação de fé ou teologia e não exprimimos uma convicção cientificamente fundada ou racionalmente alcançada, nem proclamamos um fenómeno humanamente constatável: estamos a relacionar o mundo com Deus”<sup>128</sup>.

---

<sup>126</sup> Cf. Jürgen MOLTMANN, *Dios en la creacion*, Sígueme, Salamanca 1987, pág. 53.

<sup>127</sup> Joseph RATZINGER, *Creación y pecado*, EUNSA, Pamplona 2005, pág. 45.

<sup>128</sup> Armindo dos Santos VAZ, *Origem da Terra segundo a bíblia – Mito e fé*, «Bíblica – série científica» 12 (2003), pág. 85.



# **Intervenções do Magistério acerca da ecologia**

## **Capítulo II**

“A criação é querida por Deus como um dom  
orientado para o homem,  
como herança que lhe é destinada e confiada.”

(Catecismo da Igreja Católica)



## 1. Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II, oportunamente apelidado de Concílio Pastoral, arrebatou a admiração das inúmeras franjas sociais, políticas e religiosas ao encarar a questão: “Igreja, que dizes de ti mesma?”. Arrojado, desengane-se aquele e aquela que julgam ser uma replicação modesta dos Concílios precedentes. De modo inaudito, pondera o papel da Igreja Católica, tendo em conta as diligências e carências mundanas. Por isso, “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”<sup>129</sup>.

Pela primeira vez, os leigos desempenharam um papel fundamental. Os 36 leigos, entre os quais 7 mulheres, foram fonte de inspiração nos trabalhos conciliares através das suas ansiedades e inquietações. Chegava-se, a passos largos, à tão aguardada reconciliação com o mundo secular, dispostos ao raciocínio crítico em prol de uma unidade global. Esta aglomeração de esforços tentaria salvaguardar, ulteriormente, uma Igreja próxima, companheira e acolhedora.

Foi com este intento que, o Papa João XXIII, designado pelo Povo de Deus como “Papa Bom”, demonstrou coragem ao anunciar, em 1959, na basílica de S. Paulo Extramuros, o propósito de convocar um Concílio. No decorrer do discurso de abertura dos trabalhos conciliares, corroboraria: “Queira o céu que as vossas cansadas e o vosso trabalho, para o qual se dirigem não só os olhares de todos os povos, mas também as esperanças do mundo inteiro, correspondam plenamente às aspirações comuns”<sup>130</sup>. Eis

---

<sup>129</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes* (GS), nº 1.

<sup>130</sup> JOÃO XXIII, *Discurso de Inauguração do Concílio Vaticano II*.

que oportunamente a Igreja Católica considera pertinente iluminar a sociedade contemporânea e propor uma leitura transversal da história onde esta se sinta segura.

A resposta a inúmeras privações eclesiais e sociais vai sendo esboçada, de forma particular, entre as diferentes constituições, decretos e declarações, lavrados no Concílio. A nós interessa ressaltar a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, pelo valor pedagógico e criterioso com que trata a Igreja no mundo atual, ao solucionar contendas, equacionar fórmulas e apresentar resoluções possíveis. Naturalmente, entre as inúmeras preocupações surge, genuinamente, a relação entre o progresso científico e o desenvolvimento sustentável, ainda que com resquícios escassos acerca da problemática da ecologia. Recordemos que este tema não era assunto de grande relevo no segundo quartel do século XX. Todavia, a partir de então, a consciência ecológica vai-se aprimorando, tendo em conta o prejuízo imposto pelas atividades humanas sobre o Globo.

Neste sentido, procura-se traçar um caminho onde o diálogo fraterno seja intensificado no âmago da comunidade humana, favorecendo o “mútuo respeito da sua plena dignidade espiritual”<sup>131</sup>. Que sentido terá a atividade humana e qual o seu valor? Que critérios e valores devem nortear as condutas do ser humano? É possível estender a justiça e caridade ao desenvolvimento e progresso?

### 1.1. Justiça e caridade num cuidado ecológico à luz da *Gaudium et Spes*

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, aprovada em 1965, embora represente uma maior abertura da Igreja Católica ao progresso e desenvolvimento científico e/ou tecnológico, não deixa de apelar ao respeito pela dignidade humana e à estima pela criação. Ao longo do tratado, procura-se compreender a vocação do homem e mulher, mas particularmente atender aos problemas mais urgentes que requerem um juízo exímio

---

<sup>131</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes* (GS), nº 23.

e eficaz, uma vez que “marcados por circunstâncias tão complexas, muitos dos nossos contemporâneos são incapazes de discernir os valores verdadeiramente permanentes e de os harmonizar com os novamente descobertos”<sup>132</sup>. Fala-se de transformações rápidas e profundas extensíveis ao universo inteiro, cogitadas pela inteligência e vontade, atividade e consciência humanas.

Note-se que, embora a problemática da ecologia não seja preocupação primordial nos trabalhos conciliares, em virtude de o assunto ainda ser parcamente ponderado, a constituição de aqui falamos não deixa de apresentar indícios indiretos sobre a necessidade de o ser humano compreender a sua vida e o lugar que ocupa na criação. Por conseguinte, a *Gaudium et Spes* lembra-nos, baseada na Sagrada Escritura, que: “o homem foi criado à imagem de Deus, capaz de conhecer e amar o seu Criador, e por este constituído senhor de todas as criaturas terrenas, para as dominar e delas se servir, dando glória a Deus”<sup>133</sup>. Todavia, a mesma atividade humana foi interposta pelo pecado, uma mancha que atormenta as condutas e direções preferidas pela humanidade<sup>134</sup>.

No entanto, o ser humano, resgatado por Cristo e reconsiderado sujeito novo pelo poder purificador do Espírito Santo, tem a missão de amar a própria criação modelada pelas mãos de Deus. A humanidade, predisposta a receber de Deus os dons e a natureza, deverá respeitá-los, enfrentando as violações à justiça e equidade sociais. Pela vocação ao ser, o indivíduo é interpelado quotidianamente ao uso generoso e eficaz dos bens e objetos oferecidos pelo Criador, segundo a mesma emancipação e excelência de espírito com que os acolhe. Não se trata de uma posse arbitrária, antes de um direito de

---

<sup>132</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes* (GS), nº 4.

<sup>133</sup> *Ibidem*, nº 12.

<sup>134</sup> A propósito do pecado a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* garante: “Estabelecido por Deus num estado de santidade, seduzido pelo maligno, logo no começo da sua história abusou da própria liberdade, levantando-se contra Deus e desejando alcançar o seu fim fora d’Ele”.

responsabilidade e participação individual e coletiva na reta gestão dos recursos granjeados. Assim, introduzido na autêntica posse da criação, o sujeito ganha consciência que nada possui como se tudo possuísse, governando “o mundo na justiça e santidade e, reconhecendo Deus como Criador universal”<sup>135</sup>.

A par de um progresso cultural, pessoal e comunitário, deverá existir um cuidado com a vida económico-social. “Também na vida económica e social se devem respeitar e promover a dignidade e a vocação integral da pessoa humana e o bem de toda a sociedade. Com efeito, o homem é protagonista, o centro e o fim de toda a vida económico-social”<sup>136</sup>. O desenvolvimento económico, sob a direção do indivíduo, não poderá estar entregue a uma minoria populacional ou grupos possantes, mas antes deverá servir os interesses mundiais, tendo em conta a realização do bem comum universal.

“Deus destinou a terra com tudo o que ela contém para uso de todos os homens e povos; de modo que os bens criados devem chegar equitativamente às mãos de todos, segundo a justiça, secundada pela caridade”<sup>137</sup>. Só assim é possível combater a provocação lançada pelo anarquismo, sem leis nem valores, capaz de violar diretamente a integridade humana.

Há impressa, na sociedade, a obrigação de pugnar pelos direitos e valores morais próprios da gestão dos bens e recursos de que dispõe o ser humano. Para isso, é preciso antecipar o futuro e afiançar uma simetria entre as necessidades para a sobrevivência contemporânea e as reivindicações justas e evocadas para as gerações futuras. Na sua autonomia familiar e pública, o sujeito não pode abdicar de uma contribuição para o bem da humanidade e paz do mundo. Com propriedade, precisa discernir critérios verídicos que ajudem à responsabilidade diante da liberdade.

---

<sup>135</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes* (GS), n° 34.

<sup>136</sup> *Ibidem*, n° 63.

<sup>137</sup> *Ibidem*, n° 69.

Deste modo, os indivíduos com poder económico acrescido são convidados a fazer-se próximos dos mais pobres, não somente redistribuindo o supérfluo, mas garantindo as condições favoráveis para o incremento das cláusulas irreversíveis para o justo equilíbrio dos bens. Naturalmente, o crescimento será homogeneizado, intensificando-se medidas e leis que visem uma maior cooperação individual e coletiva, fomentando-se um diálogo guiado pelo amor e verdade, baseado na prudência.

Deste modo, “em toda a terra, os homens serão estimulados à esperança viva, dom do Espírito Santo, para que finalmente sejam recebidos na paz e felicidade infinitas, na pátria que refulge com a glória do Senhor”.<sup>138</sup> Na virtude, o ser humano será verdadeira criatura do Criador, sacrário voluptuoso pela magnificência espiritual com que olha e toma a criação oferecida pelo seu Benfeitor.

## **2. Pontificado de sua Santidade, Paulo VI (1963-1978)**

O pontificado do Papa Paulo VI fica marcado por uma crescente consciência ecológica. Tal postura foi possível graças ao enquadramento social e político, marcado pela abertura às preocupações ambientais e humanitárias à escala global. Veja-se que no início dos anos 70 do século XX, o Beato Paulo VI (1897-1978) alertava para um "problema social de vastas dimensões", na carta apostólica redigida por ocasião do octogésimo aniversário da promulgação da “*Rerum Novarum*”. Nesse intervalo, enfrentando a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Paulo VI, intrépido na sua exposição, declarava a eventual existência de uma “catástrofe ecológica sob o efeito da explosão da civilização industrial”. Aos poucos demonstrava-se

---

<sup>138</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes* (GS), nº 93.

a urgência para o respeito das leis que regem o ímpeto vital e existencial humano, como também a necessidade de atender à capacidade de regeneração da natureza. Ambos coexistem e compartilham um futuro temporal comum.

A Igreja estava a acompanhar com maior apreensão a questão ecológica. Tornava-se óbvio que a melhor forma de corrigir a delapidação dos bens e recursos era olhar o ambiente natural não como mero objeto e fim dos nossos deleites exclusivos, mas encará-lo como património da humanidade, exposto ao bem comum. Paulo VI, tendo por base a figura paradigmática de Francisco de Assis, apelou à comunhão com os ritmos próprios da criação e sublevo as doutrinas turbulentas e tentações agressivas à harmonia perfeita entre ser humano e natureza.

Livre de convenções e salvo do pensamento materialista, influente à época, o Papa Paulo VI defendeu a educação com competência e excelência, afirmando a necessidade imprescindível na promoção de uma preparação eficaz das individualidades e coletividades para o serviço social. Assim, foram dois os documentos, da sua autoria, que mais se destacaram sobre esta temática: a carta Encíclica *Populorum Progressio*, onde é evidente o desassossego acerca da gravidade do problema ecológico, e a Carta Apostólica *Octogesima Adveniens*, solicitando ao indivíduo uma consciência tenaz das consequências que advêm da sua atividade. Tais intervenções culminam com a Bula *Apostolorum Limina* capaz de elevar a dignidade da vida humana.

### 2.1. Consciência ecológica com a *Populorum Progressio* (1967)

“Herdeiros das gerações passadas e beneficiários do trabalho dos nossos contemporâneos, temos obrigações para com todos, e não podemos desinteressar-nos dos que virão depois de nós”<sup>139</sup>. Com esta sentença, avizinhava-se uma união de esforços para

---

<sup>139</sup> PAULO VI, *Carta Encíclica Populorum Progressio*, 26 de Março de 1967, nº 17.

afastar tributos desproporcionais e discordantes e, em seguida, proceder à implementação de reformas urgentes, com programas e planos que visassem uma orientação audaz na exigência incoercível da dignidade humana e natural. “A Igreja estremece perante este grito de angústia e convida a cada um a responder com amor ao apelo do seu irmão”<sup>140</sup>.

O intento desta carta apostólica seria intimar os indivíduos de boa vontade a uma ação estruturada tendo em vista o desenvolvimento integral do humano e o desenvolvimento solidário da humanidade. Para tal, o mesmo documento convida a deixarmos de parte os medos e inseguranças causados pela exploração desmedida dos recursos, e aportamos os nossos esquemas e métodos num crescimento autónomo e digno, tanto social como económico, procurando e abarcando a harmonia das nações. Face aos despotismos e mutilações egoístas, somos convidados a estabelecer pontes saudáveis, que melhorem as conjunturas de presença.

Num desequilíbrio crescente, a disparidade entre ricos e pobres afirma-se com repercussões sonantes, fruto de uma miséria que assola famílias inteiras e onde o escândalo é maior pelas desproporções repugnantes que observamos a olho nu. Por antinomia, encontramos uma oligarquia que frui de um estatuto social e civilizacional aprimorado, com interesses egoístas que nos conduz à distorção do percurso normal da natureza. Aqui, as diferenças sociais confrontam-se e inflexíveis às novas condições suscitam o conflito intergeracional, cedendo “os suportes morais, espirituais e religiosos do passado, sem deixarem por isso garantida a inserção no mundo novo”<sup>141</sup>.

Neste plano, o documento garante que a Igreja tem como propósito a promoção da dignidade e integridade humana. A Igreja tem apenas um fim em vista: “continuar, sob o impulso do Espírito consolador, a obra própria de Cristo, vindo ao mundo para dar

---

<sup>140</sup> PAULO VI, *Populorum Progressio*, n° 3.

<sup>141</sup> *Ibidem*, n° 10.

testemunho de verdade, para salvar, não para condenar, para servir, não para ser servido”<sup>142</sup>. À luz do Evangelho, a Igreja incita ao pleno desenvolvimento, indizível ao simples crescimento económico e mercantilista. Desde a gestação somos chamados a ser sempre mais e melhor, é essa a nossa vocação. Um dever pessoal e comunitário que não pode ser esbatido pela avareza que asfixia o espírito.

A transição da indigência à fortuna do imprescindível, a educação para novos horizontes cognoscitivos, a apropriação da cultura, o triunfo do bem comum e a ponderação da honorabilidade dos outros são fatores de reconhecimento do sentido existencial. Neste sentido, o ser humano “deve reduzir desigualdades, combater discriminações, libertar o homem da servidão, torná-lo capaz de, por si próprio, ser o agente responsável do seu bem-estar material, progresso moral e desenvolvimento espiritual”<sup>143</sup>. “A Bíblia ensina-nos que toda a criação é para o homem, com a condição de ele aplicar o seu esforço inteligente em valorizá-la e, pelo seu trabalho, por assim dizer, completá-la em seu serviço”<sup>144</sup>. Pela propensão, a humanidade é convidada à coadjuvação com o Criador no aperfeiçoamento da obra criada, imputando os elementos espirituais que lhe são devidos.

Todavia, esta via de desenvolvimento integral do indivíduo tem de estar em consonância com o desenvolvimento solidário da humanidade. Com efeito, a fraternidade entre os povos é quimera tangível. De novo, desde a sua génese, o sujeito é intimado a concentrar esforços numa justiça social assente na solidariedade deslaçada e na caridade ecuménica<sup>145</sup>. Para tal, há diálogos a instituir, modelos de equidade a instaurar, num mundo dilacerado por visões de açambarcamento monopolístico. Neste sentido, é

---

<sup>142</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes* (GS), n° 3.

<sup>143</sup> PAULO VI, *Populorum Progressio*, n° 34.

<sup>144</sup> *Ibidem*, n° 22.

<sup>145</sup> Cf. *Ibidem*, n° 44.

exequível uma ação em conjunto das instâncias governativas para o bem da humanidade e proteção da criação.

Somos convidados a um sentido social íntegro, que tenha por base o desenvolvimento imparcial e revestido pelo amor fraterno. A este nível, adverte a carta apostólica: “à competência técnica necessária é preciso juntar sinais autênticos de amor desinteressado”<sup>146</sup>. À falta de unidade entre as nações, prevaleça o bom senso e, particularmente, os benefícios que permitem elevar a humanidade à sua dimensão e plenitude. A meta é olhar os elementos de um humanismo universal adaptado às necessidades e circunstâncias adversas onde o indivíduo é quotidianamente flagelado. Pela aurora despontará uma civilização fecunda, capaz de desabrochar sistemas lógicos e morais elevados.

“Combater a miséria e lutar contra a injustiça, é promover não só o bem-estar mas também o progresso humano e espiritual de todos e, portanto, o bem comum da humanidade”<sup>147</sup>. Este caminho só é viável com esforço e sacrifício. Todos solidários, todos sujeitos de boa vontade, recíprocos com o Criador e a criação, os indivíduos deverão abandonar a destruição e exploração.

## 2.2. Destruição e exploração lavradas na *Octogésima Adveniens* (1971)

A carta Apostólica *Octogésima Adveniens*, escrita por ocasião do 80.º aniversário da Encíclica *Rerum Novarum*, despertaria a humanidade para as consequências irreversíveis que a atividade humana estava a provocar no meio ambiente. Mais do que enumerar as interferências, o documento alerta para um modo de vida sem

---

<sup>146</sup> PAULO VI, *Populorum Progressio*, n° 72.

<sup>147</sup> *Ibidem*, n° 76

condicionalismos altruístas, onde são claros os apelos de esperança e gritos de angústia, perante ideologias que esgotam em si oportunidades de um futuro promissor.

A Igreja, realidade temporal e espiritual, “caminha juntamente com a humanidade e compartilha de sua sorte no seio da história”<sup>148</sup>, em virtude de, à luz do Evangelho, procurar corresponder aos desígnios do amor sublime e realizar a plenitude de todas as aspirações. Por outras palavras, a instituição eclesial põe-se à disposição de empregar os expedientes imprescindíveis para contribuir para a justiça social, tendo presente a sua responsabilidade na e para com a sociedade.

O Papa Paulo VI, através da *Octogésima Adveniens*, convida o mundo a uma ponderação eficiente sobre o destino, o caminho e significado das adulterações operadas a larga escala. Além de perpassar um novo cuidado e redobrada atenção para as questões ecológicas, indagando em tudo maior justiça e desejando uma paz duradoura, segundo proporções de mútuo respeito entre os povos, e entre estes e a natureza, não deixa de ser imperioso uma estratégia global patrocinada por todas as fundações seculares e religiosas. O futuro do sujeito não pode estar subjugado a um jogo onde os adversários lutam pela ilusão e promessa fraudulenta.

Por isso, cabe às comunidades cristãs um papel pró-ativo, com objetivos concretos de “analisar a situação própria do seu país e procurar iluminá-la, com a luz das palavras inalteráveis do Evangelho”<sup>149</sup>. Desta forma, os cristãos discernem as transformações sociais e políticas à luz do diálogo e compromisso profícuos. O documento perdura porque prevalece uma mensagem universal e eterna de encorajamento, numa ação concertada ao serviço da humanidade. Entre inseguranças e tumultos a Igreja propõe que cada qual se instigue a tomar regência do seu futuro.

---

<sup>148</sup> PAULO VI, *Carta Apostólica Octogésima Adveniens*, 14 de Maio de 1971, nº 1.

<sup>149</sup> *Ibidem*, nº 4.

“Importa saber equacionar os problemas sociais, postos pela economia moderna – condições humanas de produção, equidade nas permutas de bens e na repartição das riquezas, significados das crescentes necessidades de consumo e compartilha de responsabilidades – num contexto mais amplo, de civilização nova”<sup>150</sup>. Em tempos incertos e instáveis, criados pela natureza hostil de episódios buliçosos, torna-se urgente reconstruir caminhos, inovar premissas de construção social. Paulo VI tenta arietar a delinquência e a promiscuidade encabeçada por alguns votados a atitudes perniciosas e esquemas degradantes.

Num mundo torturado pela evolução desenfreada das legislaturas que em nada cuidam da casa comum, é preciso voltar a cultivar uma vida condescendente com a missão do ser humano, isto é, conduzir a criação à sua plenitude e finalidade. Veja-se que o egoísmo e a supremacia são argumentos válidos entre os indivíduos, procurando e contribuindo para uma sociedade empedernida pela emulação e pelo deslumbramento do êxito. Leis desenraizadas e prematuras são reflexo de um parasitismo esfriado por influxos ideológicos e políticos, onde não há espaço para soluções pacíficas.

“À medida que o horizonte do homem assim se modifica, a partir das imagens que se selecionam para ele, uma outra transformação começa a fazer-se sentir, consequência tão dramática quanto inesperada da atividade humana”<sup>151</sup>. Devido à exploração desmedida da natureza, o sujeito começa a perceber que não só a prejudica como está a ser vítima dessa mesma degradação. Este assunto ambiental torna-se humano e, sobejamente, um atentado à integridade humana. Entramos na questão ecológica e na sua profundidade multidisciplinar.

---

<sup>150</sup> PAULO VI, *Octogesima Adveniens*, nº 7.

<sup>151</sup> *Ibidem*, nº 21.

A carta apostólica garante que o progresso científico e tecnológico tem modificado os contornos paisagísticos, mexendo com modelos de erudição, de labor, de consumo e relações. O problema maior reside na desatenção ao crescimento da informação e educação de modo análogo, pondo em questão a dignidade do ser humano e a sua liberdade. Em termos concretos, encontramos situações reais na sociedade política de discriminação flagrante, suscitadas pela exploração e desprezo. Perante isto, só quando concebermos a ação política como serviço pelos outros, poderemos fazer um discernimento autêntico dos acontecimentos, sem pressões nem tão pouco reflexo de circunstâncias furtivas.

No entender do Papa, é hora de compromisso e segregação positiva, é hora de evitar o futuro suposto alicerçado no devaneio prospetivo, é hora de abrir o espírito e o coração humano ao Espírito do Senhor. A Igreja, depositando confiança no progresso, não pode deixar de apelar à consciência da ambiguidade do progresso, e procurar itinerários exclusivos que criem o ambiente de esperança, intensificando a eficiência dos resultados para um desenvolvimento sustentável.

Com afincio, “deve ser instaurada uma maior justiça pelo que se refere à repartição dos bens, tanto no interior das comunidades nacionais, como no plano internacional. Nas transações mundiais é necessário superar as relações de forças, para se chegar a pactos favoráveis, em vista do bem de todos”<sup>152</sup>, em ordem a uma maior justiça social. Obviamente, o indivíduo terá de se libertar das masmorras que o aprisionam ao despotismo e, assim, criar vínculos estáveis que levem à coesão natural. Do mesmo modo, “o poder político deve saber desvincular-se de interesses particulares, para poder encarar a sua responsabilidade pelo que refere ao bem de todos os homens, passando mesmo para

---

<sup>152</sup> PAULO VI, *Octogesima Adveniens*, n° 43.

além das fronteiras nacionais”<sup>153</sup>, cujo preço está no bem último da família, da sociedade e da humanidade.

As comunidades devem ser espelho de participação e vida nos tributos auferidos em nome de um bem maior, o da eficiência civilizacional. Insiste-se numa campanha de aglomeração e não de delimitação, cujas aspirações sejam legítimas. Em conformidade, o cristão é chamado a um compromisso ativo longe das autocracias arbitrarias e dos particularismos falaciosos, os grandes problemas da humanidade.

### 2.3. Os problemas da humanidade a partir da *Apostolorum Limina* (1974)

Por ocasião da consagração do ano de 1974 como Ano Santo, o Papa Paulo VI publica uma Bula sobre as dificuldades fraturantes para a sociedade, à época. Na verdade, o Sumo Pontífice teve o cuidado de olhar os problemas económicos e sociais e fazer um apelo universal para se unirem em torno do mesmo objetivo, combater os atentados consumados pelo ser humano face à natureza.

Sob a tónica da reconciliação e renovação, o Papa solicitava a todos uma resposta coerente e válida para os problemas hodiernos. Considerava imprescindível uma atitude de fortalecimento da graça de Deus sempre atuante no indivíduo. Com efeito, defende a liberdade responsável, a justiça, unidade e concórdia entre os povos, pois só dessa forma o indivíduo pode prosperar e, peculiarmente, encontrar sentido para a sua vocação inicial. Só quem se assumir como humilde servo, predisposto ao serviço, poderá ser cumulado de indulgências celestiais, arrecadadas como dons de Deus.

Em nome de uma sociedade atenta aos marginalizados e desprotegidos, a Bula considera que o futuro terá de ser pautado pela conversão interior e ulterior renovação. Esta dinâmica é extensível às atitudes e procedimentos tomados pelas autoridades

---

<sup>153</sup> PAULO VI, *Octogesima Adveniens*, n° 46.

particulares e coletivas. As energias serão concentradas em medidas que permitem o equilíbrio saudável e a harmonia notável, garantes de uma sociedade inteiramente íntegra. A resolução de problemas atuais é um dos objetivos a ser traçado pelos sujeitos de boa vontade para o Ano Santo. Na caridade evangélica, o cristão é aquele que melhor leva à plenitude a atividade protegendo a obra do Criador.

Notoriamente, Paulo VI procura levar a humanidade a refletir sobre os entraves ao crescimento saudável, “desde os económicos e sociais aos da ecologia, passando pelos das fontes de energia, da libertação dos oprimidos e da elevação de todos a uma maior dignidade de vida”<sup>154</sup>. Este ano de 1974 deveria ser propício à mudança de atitude do sujeito, procurando assentar o progresso científico e tecnológico sobre bases sustentáveis.

Em suma, o Pontífice provoca a comunidade internacional, insistindo na transformação efetiva. Tendo presente os inúmeros sacrifícios e desafios vindouros, a humanidade não pode deixar de esperar e confiar num futuro risonho quanto a esta parte. Inflamados pelo Espírito de Deus somos convidados à comunhão e reconhecimento do lugar e espaço do outro que está ao meu lado, e daquele que ainda hoje é promessa não contemplada no mundo, mas que o será um dia. O ser humano não pode prescindir de quebrar as algemas, libertar-se das cadeias e ser lançado na ação.

### **3. Pontificado de sua Santidade, João Paulo II (1978-2005)**

Com a duração aproximada de vinte e sete anos de pontificado, o período que percorre a regência da Igreja Universal pelo Papa João Paulo II compreende um *boom* sem precedentes, no que ao progresso científico e tecnológico diz respeito. Esta

---

<sup>154</sup> PAULO VI, *Carta Apostólica Apostolorum Limina*, 23 de Maio de 1974, nº 5.

conjuntura teve implicações diretas na sociedade, nomeadamente na reconfiguração social e cultural e no eventual agravamento do problema ecológico, consequência da má gestão dos recursos naturais e desrespeito pelo ambiente. A perda de valores e critérios na administração dos bens foram o mote para a ação do Papa.

O Sumo Pontífice delineou estratégias com o objetivo de reconfigurar as condutas humanas, sensibilizando o ser humano para a vida uniformizada pelos valores éticos e morais, até porque se tornou essencial elevar a questão ambiental a um novo estatuto e estudo, dentro dos quadros legais nacionais e internacionais. A solução plausível passa por defender uma paz eficiente e reconciliação fundada entre ser humano e natureza. A humanidade precisa de ter consciência dos inúmeros perigos e ameaças à ecologia, da afetação e prejuízo catastrófico para o equilíbrio vital dos ecossistemas, mas particularmente precisa de entender que a principal visada desta perda é ela mesma, enquanto vítima da degradação.

Ao considerar fundamental o progresso, João Paulo II alerta que o mesmo não pode ser confundido com a posse tirânica do ser humano e o extermínio da natureza, visto que os dons da natureza, ofertados por Deus, devem ser respeitados e minuciosamente cuidados a fim de serem proveitosos às gerações futuras. O ser humano poderá olhar os trâmites existenciais e potenciar as suas qualidades em ordem à manutenção de um sistema global muito bem arquitetado, a própria Terra e tudo o que nela existe.

Dentro da cadeia de interação de ecossistemas, onde está em jogo a vida de todo o indivíduo, deve-se ressaltar um novo campo de responsabilidade concêntrica e nunca mais difusa, com propostas inéditas e fulcrais para o reequilíbrio da vida. Neste sentido, o Papa João Paulo II acredita ser necessário uma gestão sadia e aplicada do planeta, procurando compreender os problemas e clamores ecológicos e, ao mesmo tempo, buscando soluções exímias, capazes de tributarem-se pelo desenvolvimento sustentável.

### 3.1. Uma economia para todos pela *Redemptor Hominis* (1979)

Pela Encíclica *Redemptor Hominis*, João Paulo II começa por repor o princípio cosmológico e antropológico: “O Redentor do homem, Jesus Cristo, é o centro do *cosmos* e da história”<sup>155</sup>. A Ele dirige as preocupações particulares e da humanidade inteira, para que possam, juntos, trilhar caminhos autênticos em direção ao Pai. Do mesmo modo, defende que esta nova etapa para a sociedade, representa o advento de novos compromissos, a serem estabelecidos, entre Criador e criatura.

João Paulo II questiona-se: “O imenso progresso nunca dantes conhecido, que se verificou particularmente no decorrer do nosso século, no campo do domínio sobre o mundo por parte do homem, não revela acaso ele próprio e ainda por cima em grau nunca dantes conhecido, aquela multiforme submissão à caducidade”<sup>156</sup>? Esta questão tem sentido quando notamos a inquietação na natureza, as discórdias humanitárias, a apressada industrialização associadas à falta de respeito do ser humano para com ele próprio e a criação. Em pleno século XX são inúmeras as circunstâncias em que a “criação inteira geme e sofre, em conjunto, as dores do parto, até ao presente” (Rom 8, 22), pelo modo como é desvirtuada e desprotegida, com métodos e procedimentos de exploração exorbitados. Este mundo delinea êxtases excêntricos, correspondidos pelas conquistas científicas como técnicas e, simultaneamente, esquece a sua dignidade e integridade ao avançar com atentados às mesmas.

Este horizonte merece ser refletido e ponderado pelas autoridades competentes, uma vez que o ser humano deve indagar “a grandeza, a dignidade e o valor próprios da sua humanidade”<sup>157</sup>, para que os resultados da gestão civilizacional não se voltem contra

---

<sup>155</sup> JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Redemptor Hominis*, 4 de Março de 1979, n°1.

<sup>156</sup> *Ibidem*, n°8.

<sup>157</sup> *Ibidem*, n°10.

ele próprio. Esta é, portanto, a grande equação com resultados calamitosos para os nossos dias, um flagelo em expansão, fruto da carência de avaliações sérias e lógicas. Este drama tem incógnitas e desgraças, face às quais a humanidade não pode prosseguir indiferente.

“A exploração da terra, do planeta em que vivemos, exige um planeamento racional e honesto”<sup>158</sup>. Neste sentido, a humanidade tem um caminho a percorrer: “era vontade do Criador que o homem comunicasse com a natureza como senhor e guarda inteligente e nobre, e não como explorador e destruidor, sem respeito algum”<sup>159</sup>. É mais do que explícita a falta de organização e comunicação entre o ser humano e o planeta. Esta desarrumação tem dilatado e concorrido num ambiente insalubre, carregado de mágoas. São disposições e procedimentos atroztes para a natureza que devem ser indagados e, dessa forma, reaver fórmulas verídicas para os problemas.

É necessário fomentar uma nova configuração de futuro, antecipando-o e vivendo com qualidade de vida. “O progresso da técnica e o desenvolvimento da civilização do nosso tempo, que é marcado aliás pelo predomínio da técnica, exigem um proporcional desenvolvimento também da vida moral e da ética”<sup>160</sup>. Livre das alienações contemporâneas, o ser humano será capaz de discriminar bem e mal, diligenciando-se em virtude da sua responsabilidade moral, em ordem a contribuir para o desenvolvimento sustentável, hoje e sempre.

A Encíclica vai mais longe, e faz-nos questionar: este progresso desregrado favorece a vida e existências humanas? Serão maiores os benefícios em detrimento das perniciosidades? Que futuro estamos a construir para os nossos descendentes? Com objetividade, convida a comunidade internacional a responder a tais inquietações, até à questão central: Estamos diante de evoluções ou constrangimentos públicos? Pode ler-se

---

<sup>158</sup> JOÃO PAULO II, *Redemptor Hominis*, nº15.

<sup>159</sup> *Ibidem*, nº15.

<sup>160</sup> *Ibidem*, nº15.

no documento que “o sentido essencial [da] realidade e [do] domínio do homem sobre o mundo visível, que lhe foi confiado como tarefa pelo próprio Criador, consiste na prioridade da ética sobre a técnica, no primado da pessoa sobre as coisas e na superioridade do espírito sobre a matéria”<sup>161</sup>.

A isto acresce que o Papa se apresenta surpreso. As estruturas sociais demonstram-se “incapazes quer para reabsorver as situações sociais injustas, herdadas do passado, quer para fazer face aos desafios urgentes e às exigências éticas do presente”<sup>162</sup>. Em toda a atividade humana urge o princípio de solidariedade. A comunidade internacional encontrará neste pilar alento na ereção de institutos e engenhos apropriados que combatam a manipulação multiforme e a escravidão. Conscientes das dificuldades, somos interpelados ao amor com profunda esperança no futuro, na certeza que estaremos dispostos para o serviço e comunicação do bem comum<sup>163</sup>.

A raiz da nova sociedade passa pela uniformização de uma solução: transformação das estruturas e procedimentos do sector económico, tendo presente os valores da justiça e equidade. Esta tarefa imprescindível visa “uma verdadeira conversão das mentes, das vontades e dos corações”<sup>164</sup>. Assim, estarão criadas as condições mínimas para canalizar investimentos e promover leis sadias entre as criaturas, com comportamentos prodigalizados no combate às indigências sociais e humanas, capazes de respeitar os ritmos e anseios da mãe natureza.

---

<sup>161</sup> JOÃO PAULO II, *Redemptor Hominis*, n°16.

<sup>162</sup> *Ibidem*, n°16.

<sup>163</sup> Cf. *Ibidem*, n°21.

<sup>164</sup> *Ibidem*, n°16.

### 3.2. Ritmos e anseios na mãe natureza, *Sollicitudo Rei Socialis* (1987)

Por ocasião do vigésimo aniversário da publicação da Encíclica *Populorum Progressio*, escrevia assim o Papa João Paulo II: “A solicitude social da Igreja, que tem como fim um desenvolvimento autêntico do homem e da sociedade, o qual respeite e promova a pessoa humana em todas as suas dimensões, manifestou-se sempre das mais diversas maneiras, [...] ela procura guiar os homens para corresponderem, com o auxílio também da reflexão racional e das ciências humanas, à sua vocação de construtores responsáveis da sociedade terrena”<sup>165</sup>. Deste modo, à multiplicação e complexidade do fenómeno global pretende o Santo Padre uma investigação teológica e social sobre a realidade contemporânea, uma reflexão acrescentada e vasta na sua divícia argumentativa.

Ao reaver a aplicação e propósito da *Populorum Progressio*, João Paulo II pretende reatar as veredas que vão de encontro às alegrias e esperanças do mundo hodierno, onde as tristezas e as angústias do mundo contemporâneo teimam em perdurar, peculiarmente, sobrevivendo no mundo ecológico. Importa salientar a ótica ética e cultural da hermética discussão sobre a legitimidade e necessidade de procedimentos humanos precoces que tendem a aniquilar parcialmente, senão inteiramente, em algumas situações, a criação gerada e concebida pelo Criador. Aqui, as perdas são fruto “não da responsabilidade das populações [mais afetadas], e menos ainda, por uma espécie de fatalidade, dependente das condições naturais ou do conjunto das circunstâncias”<sup>166</sup>, mas antes consequência da deselegância moral exibida pelas deliberações pessoais e governamentais.

---

<sup>165</sup> JOÃO PAULO II, *Sollicitudo Rei Socialis*, 30 de Dezembro de 1987, nº1.

<sup>166</sup> *Ibidem*, nº9.

Numa faixa geopolítica perenemente desalinhada e alienada na repartição de bens e serviços, onde o próprio mundo vê-se caracterizado pela sua fragmentação - Primeiro Mundo; Segundo Mundo; Terceiro Mundo; e já há peritos a defenderem o Quarto Mundo-, a questão social e ambiental afigura-se ainda mais complexa. Este episódio agrava-se pelos estilos de exploração, opressão e discriminação que proliferam em todas as atividades humanas, que se apresentam como despóticas e tiranas.

Não obstante, “em lugar da iniciativa criadora prevalecem a passividade, a dependência e a submissão ao aparato burocrático que, como único órgão «disponente» e «decisional» — se não mesmo «possessor» — da totalidade dos bens e dos meios de produção, faz com que todos fiquem numa posição de dependência quase absoluta”<sup>167</sup>. Vivemos conjunturas pendulares em virtude de pequenos monopólios, adestradores de poder, exigirem do ser humano uma vida com rumo incerto: no presente escolhendo um caminho, no futuro desejando outro trilho, ainda que entre eles não haja similaridade.

O mecanismo de desenvolvimento arquitetado pelos especialistas tem-se tornado um motor contraproducente à justiça e equidade social, e também uma oposição cerrada à reta gestão dos recursos, sufragando a natureza a princípios arbitrários conduzindo-a ao desgaste e corrosão que observamos nos nossos dias. Inegavelmente, numa lógica ambientalista e humana, parecem ser poucos os esforços de poucas instituições governamentais e não-governamentais na luta pela promoção de um desenvolvimento sustentável, com tudo o que isso implica.

As constantes metamorfoses e atualizações observadas, a ritmo acelerado, no progresso, em que se centram as atenções de todos, imploram uma nova compreensão e subsequente crédito. Mas para tal, devem elas passar pelo crivo valorativo onde sejam escrupulosamente examinadas, com pormenor, as suas implicações benignas e maléficas.

---

<sup>167</sup> JOÃO PAULO II, *Sollicitudo Rei Socialis*, n°15.

Não podemos prosseguir sem uma atenção redobrada aos métodos e procedimentos utilizados pelos nossos contemporâneos na busca de avanços técnicos e humanitários. De outro modo, estaremos a comprometer a nossa existência bem como a vida de futuras gerações.

A aspiração ao desenvolvimento integral virá quando for estabelecido “um diálogo profícuo e uma verdadeira colaboração para a paz”<sup>168</sup>. É preciso atenuar barreiras, blocos, discórdias, e encetar o respeito pela integridade e ritmos próprios da natureza e de cada uma das criaturas. Esta preocupação será extensível aos trabalhos quotidianos, que devem ser executados tendo por base as inferências futuras das atividades concretizadas. O porvir decorrerá dos preceitos pedagógicos alinhados e articulados entre a finalidade da natureza e o destino da humanidade.

As iniciativas, a serem encaminhadas, não devem ser referidas “apenas às pessoas individualmente, mas também às nações e aos povos”<sup>169</sup>, sensíveis à preservação, à livre gerência e à designação da sua preciosa riqueza. Sem dúvida que, “os homens dão-se conta de que estão ligados por um destino comum, que há-de ser construído juntamente, se se quiser evitar a catástrofe para todos”<sup>170</sup>. O Sumo Pontífice considera, de *per si*, positivo o surgimento da denominada preocupação ecológica, onde encontramos rasgos e traços profundos, validados por uma moral operativa quanto às questões de probidade. Certamente, com o objetivo de contribuir para a reta satisfação global, livre de qualquer visão egocêntrica, o ser humano é chamado à missão: lutar pelo bem comum, em tempos de um “optimismo mecanicista ingénuo”<sup>171</sup> e fortuito.

---

<sup>168</sup> JOÃO PAULO II, *Sollicitudo Rei Socialis*, n°22.

<sup>169</sup> *Ibidem*, n°26.

<sup>170</sup> *Ibidem*, n°26.

<sup>171</sup> *Ibidem*, n°27.

João Paulo II refere que todo o trabalho é escasso no sentido da distribuição homogênea dos bens e recursos concedidos pelo Criador e desde sempre dispostos para uso racional do indivíduo. De novo, critica a “ordenação desalinhada” dos meios para a sobrevivência do ser humano. Mesmo assim, embora nem tudo seja negativo numa sociedade ostracizada em regras desproporcionais, a justiça poderá perdurar como princípio original e oxigenante para a coletividade.

“O perigo do abuso do consumo e o aparecimento das necessidades artificiais não devem, de modo algum, impedir a estima e a utilização dos novos bens e dos novos recursos postos à nossa disposição; devemos mesmo ver nisso um dom de Deus e uma resposta à vocação do homem, que se realiza plenamente em Cristo”<sup>172</sup>. Por isso, é necessário ter consciência da limitação dos recursos naturais, alguns dos quais não são renováveis, e ter presente a incorruptibilidade da dignidade e integridade humanas. Estas não podem estar sufragadas à posse especulativa, mas devem fazer parte da luta quotidiana de cada grupo e membro social.

Por seu turno, “quando o homem desobedece a Deus e se recusa a submeter-se ao seu poder, então a natureza revela-se contra ele e já não o reconhece como «Senhor», porque ele ofuscou em si a imagem divina”<sup>173</sup>. Tendo sempre presente a passagem da Sagrada Escritura, “O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo” (Gn 2,15), o ser humano precisa sentir uma afinidade plural com as outras criaturas, incumbido de as cuidar e potenciar.

Deste modo, “vê-se que o desenvolvimento não pode consistir somente no uso, no domínio e na posse indiscriminada das coisas criadas e dos produtos da indústria humana; mas sobretudo em subordinar a posse, o domínio e o uso à semelhança divina do homem

---

<sup>172</sup> JOÃO PAULO II, *Sollicitudo Rei Socialis*, n°29.

<sup>173</sup> *Ibidem*, n°30.

e à sua vocação para a imortalidade”<sup>174</sup>. O ser humano é chamado à conversão diária, para que possa reconhecer a necessidade espiritual de proteger o meio em que está inserido, “com determinação firme e perseverante”<sup>175</sup>, e, desse modo, olhar a solidariedade nas suas ações como autêntica virtude cristã, elemento de identidade ecológica.

### 3.3. Identidade ecológica – mensagem no dia mundial da paz em 1990

O testemunho pleno do Beato João Paulo II acerca da problemática ecológica é promulgado a 8 de Dezembro de 1989. Trata-se da mensagem para o dia mundial da paz, de 1 de Janeiro de 1990. O papa usa da palavra para fazer um apelo ao mundo, sentido e comovido. No escrito, procura olhar as preocupações humanitárias sobre a ecologia e encontrar o sentido, uma solução meritória para o problema.

Ao iniciar o documento, adverte a sociedade da falta de resoluções fundadas, destinadas à deliberação sobre os problemas em causa, e nas quais deve dedicar-se, precavendo estropícios no presente e no futuro. João Paulo II pretende evocar a paz e a natureza como linhas programáticas de uma ação concêntrica. Estes dois princípios são elementares para assegurar que ao permanecermos em paz com o Criador de todas as coisas, impera o sossego com a natureza e toda a criação.

Não obstante, é segura nos nossos dias “uma consciência ecológica, que não deve ser reprimida, mas antes favorecida, de maneira que se desenvolva e vá amadurecendo até encontrar expressão adequada em programas e iniciativas concretas”<sup>176</sup>. Este proceder será destrinchado pelo combate à corrida bélica, aos desacordos locais e arbitrariedades, além de pugnar pelo respeito devido à natureza, evocar uma “exploração sustentável” dos

---

<sup>174</sup> JOÃO PAULO II, *Sollicitudo Rei Socialis*, nº29.

<sup>175</sup> *Ibidem*, nº38.

<sup>176</sup> JOÃO PAULO II, *Mensagem de sua Santidade João Paulo II para a celebração do XXIII dia mundial da paz*, 17 de Dezembro de 1989, nº 1.

recursos e garantir uma qualidade de vida estribada. A visão coerente e moral do mundo será apoiada em medidas que evitem os sentimentos de fragilidade e instabilidade entre o ser humano, a que acresce uma linha de estudo e dedicação que tenha por base um compromisso salutar e que vá de encontro às exigências de uma fé cristã.

Deste modo, desde do princípio, Adão e Eva foram constituídos parte integrante da realização plena da vontade de Deus sobre a criação. Por isso, chama-os a fortalecer as suas aptidões e dons, numa relação ordenada entre o ser humano, dotados de racionalidade, e a restante obra criada. Adornados pelas mãos de um Oleiro, foi-lhes confiada a soberania democrática e pedagógica sobre a Terra (Gn 1, 28). No entanto, encontraram na desobediência um escape para contentar os seus caprichos pessoais, ao deixarem-se promiscuir pelo pecado. Ao invés de procurar amar e gerir com sabedoria a criação, sufragaram a criação com a desarmonia e descerraram o desígnio do Pai. O resultado foi nefasto: toda a criação se tornou caduca, impregnada pelo mal, ficando à mercê de uma libertação (Rom 8,21). Só em Cristo se realizou a “obra da reconciliação da humanidade com o Pai”<sup>177</sup>. Com efeito, quando o ser humano distancia-se dos projetos divinos, há uma desordem associada ao resto do universo, uma vez que à falta de paz com Deus Criador gera-se discórdia com toda a criação.

Note-se que “a experiência deste sofrimento da terra é comum também àqueles que não compartilham a nossa fé em Deus”<sup>178</sup>, ao mesmo tempo que nos é perceptível que alguns dos elementos estruturantes nesta crise ecológica são reflexo da debilidade moral em que vivemos hoje.

Esta crise vai além da complexa degradação do ambiente, pois observamos outros encargos, desde os progressos científicos e tecnológicos que não atendem às respetivas

---

<sup>177</sup> JOÃO PAULO II, *Mensagem de sua Santidade João Paulo II para a celebração do XXIII dia mundial da paz*, nº 4.

<sup>178</sup> *Ibidem*, nº 5.

consequências nocivas, até aos atentados à dignidade. Assim, embora todo o propósito tecnológico seja insubstituível no progresso, deverá atender à responsabilidade exequível na ação equilibrada do indivíduo no mundo, olhando ao bem-estar das gerações futuras. “Mas o índice mais profundo e mais grave das implicações morais, ínsitas na problemática ecológica, é constituído pela falta de respeito pela vida”<sup>179</sup> e, acrescentamos nós, fruto das atrocidades inquietantes à dignidade humana e integridade universal.

Sendo a Terra uma herança comum, os rendimentos dela extrapolados deveriam ser sufragados à coletividade. Contudo, prevalecem horizontes egocêntricos em alguns sujeitos irreverentes que acumulam bens dispensáveis, escasseando ulteriormente a uma grande franja da sociedade universal meios para a sua sobrevivência. Este contexto constitui uma autêntica pedagogia, na medida em que percebemos que a concupiscência e precocidade conduzem à desordem global. O melhor procedimento passa por enrobustecer um regime de gestão equilibrada dos recursos naturais que não ceda às pressões estadistas, dos grandes grupos económicos, nem tão pouco às guerrilhas de conveniência suscitadas pelos patriotismos exacerbados.

O problema ecológico clama pela solidariedade internacional no sentido de uma cooperação honesta entre países desenvolvidos e menos desenvolvidos, porque a melhor forma de combater o erro é intervir nele, é enfrentar as fórmulas tóxicas que imperam nos “irremediáveis desequilíbrios ecológicos”<sup>180</sup>. Por outras palavras, devemos promover entre os mais pobres e marginalizados os meios necessários, para que pelos “próprios pés” façam caminho em ordem à sua realização pessoal. Deste modo, estaremos a tratar a discussão ecológica com máxima perspicuidade e probidade, capacitando o indivíduo

---

<sup>179</sup> JOÃO PAULO II, *Mensagem de sua Santidade João Paulo II para a celebração do XXIII dia mundial da paz*, nº 7.

<sup>180</sup> *Ibidem*, nº 11.

de instrumentos robustos para uma ação concertada, capaz de trazer a prosperidade justificada à humanidade.

Além da justiça, a crise inclui a cortesia na responsabilidade ecológica de cada um e da sociedade em geral. O Santo Padre é claro: “A sociedade hodierna não encontrará solução para o problema ecológico, se não rever seriamente o seu estilo de vida”<sup>181</sup>. A propensão ao hedonismo e consumismo está latente no sujeito, e se não for controlada, a gravidade da situação piora. Por conseguinte, faz-se um apelo à conversão que implica reconfiguração de reflexão e conduta. Este caminho tem como finalidade última contribuir para uma consciência versada sobre o valor da pessoa e da vida humana, os fundamentos das criaturas e da criação.

Naturalmente, somos convidados à receptividade sensorial da obra criada. Por meio da natureza gerada, somos vocacionados à regeneração e condescendência, habitados na inalterabilidade e possibilidade de um instante de encontro connosco próprios. Só assim poderemos contemplar a bondade e a formosura da criação elegida na Sagrada Escritura (Gn 1,4). Deste modo, “o respeito pelas características morfológicas da terra [e das criaturas] é um requisito indispensável para uma implantação ecologicamente correta”<sup>182</sup>.

Em suma, o Sumo Pontífice João Paulo II explora as linhas programáticas que devem ser percorridas em qualquer ulterior reflexão para a manutenção e desenvolvimento sustentável de tudo quanto abarca a dimensão ecológica. Define-se uma responsabilidade de todos e para todos, em quem se deve sentir o apreço pela vida e pela dignidade da pessoa, a estima e cuidado pelo universo e pela criação, em ordem à

---

<sup>181</sup> JOÃO PAULO II, *Mensagem de sua Santidade João Paulo II para a celebração do XXIII dia mundial da paz*, nº 13.

<sup>182</sup> *Ibidem*, nº 14.

glorificação de Deus, em última instância, do Criador<sup>183</sup>. A ecologia humana começa e fazer sentido.

#### 3.4. Encíclica *Centesimus Annus* e a descoberta da ecologia humana (1991)

Passados cem anos sobre a publicação da Encíclica *Rerum Novarum*, que procurou “indicar o reto caminho de resposta aos grandes desafios da idade contemporânea”<sup>184</sup> e reafirmar “um princípio elementar de qualquer sã organização política”<sup>185</sup>, surge a carta denominada *Centesimus Annus*, retocando aspetos fulcrais acerca da questão ecológica e acompanhando os processos de transformação social, económica e política, pelos seus malefícios e inoperâncias. Produto já aguardado e derivado de “o homem ser reduzido a uma série de relações sociais, e desaparecer o conceito de pessoa como sujeito autónomo de decisão moral, que constrói, através dessa decisão, o ordenamento social”<sup>186</sup>.

O documento, partindo para a reflexão acerca do destino universal dos bens, afirma que a sua origem está concentrada num episódio original: Deus deu a Terra para que a humanidade fruisse com sensatez de espírito e amor de coração, de modo a que fosse destinada a todos sem nunca ninguém ficar à margem. Decerto, todos aqueles que colaboram para exclusão de alguns dessa participação, estarão a impedir que esses sujeitos “tenham igualmente a sua parte no dom de Deus”<sup>187</sup>. Neste contexto, somos convidados a defender um papel pró-ativo, disciplinado e criativo da atividade humana, sem nunca colocar em causa a propriedade do conhecimento, da técnica e do saber, que poderão ser entendidos como acerto da humanidade. Pelo contrário, observamos na

---

<sup>183</sup> JOÃO PAULO II, *Mensagem de sua Santidade João Paulo II para a celebração do XXIII dia mundial da paz*, nº 16.

<sup>184</sup> JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Centesimus Annus*, 5 de Maio de 1991, nº 5.

<sup>185</sup> *Ibidem*, nº 10.

<sup>186</sup> *Ibidem*, nº 13.

<sup>187</sup> *Ibidem*, nº 31.

sociedade contemporânea um oportunismo desenfreado para garantir lugares de destaque, mesmo que isso implique o aniquilamento de alguns. “O homem, tomado mais pelo desejo do ter e do prazer, do que pelo de ser e de crescer, consome de maneira excessiva e desordenada os recursos da terra e da sua própria vida”<sup>188</sup>.

Na origem da destruição do ambiente e dos atentados à integridade humana, há um problema antropológico que vem dos primígenos procriadores (Adão e Eva): a pessoa é capaz de abandonar Deus quando vislumbra as suas capacidades psicofisiológicas e, ao invés de patrocinar na obra criadora, transfere-se a ele nessa empreitada, instigando a sublevação escravizada. De facto, só quando o ser humano tiver oportunidade de contemplar o amor e graça concedidas pelo Criador, presentes na beleza perpétua de cada obra gerada, apreciará a frequência de Deus oculta nessas mesmas obras<sup>189</sup>.

A este nível, note-se que há um tanto que é imanente ao sujeito por ser humano. Esse algo que é apropriado comporta indubitavelmente “a possibilidade de sobreviver e de dar um contributo ativo para o bem comum da humanidade”<sup>190</sup>. Na mesma proporção, o sujeito é brindado com a “sua dignidade essencial e com ela a capacidade de transcender todo o regime da sociedade, rumo à verdade e ao bem”<sup>191</sup>. Numa ecologia puramente humana, João Paulo II considera imprescindível a criação de ambientes vitais de gestação de princípios e valores, critérios esses, para formar consciências futuras. Aqui cada instituição, da mais ínfima até à suprema, deverá ser santuário de sublimidade da “pessoa em si própria e no outro”<sup>192</sup>.

---

<sup>188</sup> JOÃO PAULO II, *Centesimus Annus*, nº 37.

<sup>189</sup> Cf. *Ibidem*, nº 37.

<sup>190</sup> *Ibidem*, nº 34.

<sup>191</sup> *Ibidem*, nº 38.

<sup>192</sup> *Ibidem*, nº 41.

Com toda a convicção, o documento papal considera que o desenvolvimento integral do ser humano vem favorecer a sua vida nas múltiplas atividades, cujo objetivo do progresso é a emancipação integral da pessoa. *A priori*, “a obrigação de ganhar o pão com o suor do próprio rosto supõe, ao mesmo tempo, um direito”<sup>193</sup>. Deste modo, a voz da Igreja vai contra os sectarismos e fundamentalismos que a este nível oprimem o reto exercício da inteligência e liberdade humanas, até porque num ambiente onde escasseie a verdade, é considerada prepotente a liberdade que reclama outro rumo, e o sujeito está exposto à crueldade de paixões e sentimentos oportunistas.

Simultaneamente, o Estado tem um dever capital. Enquanto organismo que tutela direitos e deveres dos seus cidadãos, cada governo está incumbido de vigiar e orientar, intervir e assistir, em situações concretas, para que as pessoas pressintam socorro nas suas dificuldades. Procura conceber-se as bases elementares de “uma sociedade de ordem superior”<sup>194</sup>. Esta pautar-se-á por uma valentia redobrada no discernimento mútuo, no entender epistemológico e na caridade afetiva despertados à volta da consciência humana.

Em suma, pela primeira vez João Paulo II fala de uma ecologia humana que retrata mais do que “uma opção que não estende apenas à pobreza material, dado que se encontram, especialmente na sociedade moderna, formas de pobreza não só económica mas também cultural e religiosa”<sup>195</sup>. Todas estas carências e limitações devem ser consideradas na hora de decidir e interferir sobre as questões que dizem respeito à ecologia humana. Daí o apelo que se segue à vida.

---

<sup>193</sup> JOÃO PAULO II, *Centesimus Annus*, nº 43.

<sup>194</sup> *Ibidem*, nº 48.

<sup>195</sup> *Ibidem*, nº 57

### 3.5. Apelo na *Evangelium Vitae* (1995)

“O homem é chamado a uma plenitude de vida que se estende muito para além das dimensões da sua existência terrena, porque consiste na participação da própria vida de Deus”<sup>196</sup>. Na carta Encíclica de 1995, designada *Evangelium Vitae*, o Sumo Pontífice inquieta-se, *grosso modo*, com o fenómeno pungente e visível na sociedade hodierna, contemplado pela aniquilação de tantas vidas, cuja causa é somente a incoerência na distinção entre bem e mal, particularmente, no que toca ao valor da vida humana. Paira sobre o horizonte “uma sementeira de morte que se provoca com a imprudente alteração dos equilíbrios ecológicos”<sup>197</sup>.

Por outro lado, muitos dos problemas inexplicáveis até ao momento não podem ser considerados um problema meramente moral. De facto, não é menos verdade que o assunto é delicado porque complexo. Vive-se, não raras vezes, próximo de uma autêntica convalescença, premeditada pelo pecado, descrita pela imposição sistémica de uma cultura egoísta e totalitarista, arredando do verdadeiro sentido de vida, promiscuindo-se na denominada «cultura da morte», ulteriormente protegida e certificada por correntes culturais, económicas e políticas, querendo atingir os fins, ainda que dúbios quanto ao seu valor moral, sem olhar aos meios<sup>198</sup>.

João Paulo II empreende um ensaio disciplinado e crítico sobre aquilo que hoje se assume como atentados à vida do ser humano. Neste contexto, impõe-se um estudo sobre a redefinição de uma ecologia humana, capaz de olhar ao valor e interesse da existência de qualquer indivíduo. O Papa considera que existem alguns procedimentos e métodos no âmbito social e cultural que atentam contra a promoção da dignidade humana. Temas fraturantes como o aborto, a eutanásia e o infanticídio, são trabalhados com rigor e

---

<sup>196</sup> JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Evangelium Vitae*, 25 de Março de 1995, nº 2.

<sup>197</sup> *Ibidem*, nº 10.

<sup>198</sup> Cf. *Ibidem*, nº 12.

transparência, na medida em que não obedecem ao verdadeiro sentido da liberdade responsável.

Note-se que as opções desfavoráveis à existência, em alguns casos, decorrem de experiências dramáticas, mas não podem legitimar a prática de crimes tão atroz quanto injustos no universo. Se por um lado se multiplicam as declarações de direitos do sujeito e se promovem valores supremos, por outro na prática observa-se a sua trágica negação. Efetivamente, a tutela dos direitos e deveres não está a ser cumprida com rigor, pois ainda carece de uma aplicabilidade robusta em cada Estado. Contudo, tal propósito parece ressurgir no ambiente mais restrito, como o familiar, para logo prevalecer numa envolvente ampliada, como o da Organização Geral das Nações Unidas<sup>199</sup>.

Certamente, vislumbramos a proliferação de significados iníquos e perversos, geradores de amargura bem como de violência incompreensíveis. Estas condutas violentas, e os desafios atuais que fomentam, exigem respostas eficazes. À luz da experiência de fragilidade e contingência humana, o ser humano é chamado a tomar consciência mais viva da graça e da responsabilidade que transborda todos os dias na sua vida. De facto, ele é santuário de dons e talentos que precisam de ser postos a render, buscando o máximo valor com o excelso empenho. Desenha-se um caminho de capitalização da dignidade e integridade próprias do sujeito.

No germe da promessa, desde quando é concebido, o ser humano anseia a manifestação de amor, por dom gratuito de Deus, e participação na sua vida eterna. “Obra plasmada pelo Senhor e trazendo em si mesmo um traço indelével de Deus, o homem tende naturalmente para Ele”<sup>200</sup>. Estamos na presença de um duplo movimento: Deus que se faz presente na vida humana e o ser humano cujo coração vive inquieto enquanto não

---

<sup>199</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Evangelium Vitae*, n° 18.

<sup>200</sup> *Ibidem*, n° 35.

descansa em Deus, no dizer de Santo Agostinho<sup>201</sup>. Estes dois aspetos tornam-se caução na precaridade da existência humana: Deus por intermédio de Jesus concretiza plenamente o sentido da vida, na certeza de que Cristo “andou de lugar em lugar, fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo diabo, porque Deus estava com ele” (Act 10, 38).

Naturalmente, o amor pela vida não pode ser subtraído à busca de um lugar de encontro com o ser humano e deste com os outros, mas “evolui até à certeza feliz de poder fazer da própria existência o lugar da manifestação de Deus, do encontro e comunhão com Ele”<sup>202</sup>. Com efeito, lutar e defender, amar e estimar a vida é tarefa do indivíduo, porventura a principal missão que Deus confiou ao indivíduo. Vejamos, a título de exemplo, a amplitude e profundidade do episódio que declara o sujeito como formado em sabedoria e amor para reger o universo inteiro. Esta incumbência não pode ser contestada, nem tão pouco esquecida.

Posto isto, ainda temos muitas metas a definir para fazer do nosso quotidiano verdadeiro evangelho de vida, num combate cerrado às injustiças e prevaricações hodiernas. O ser humano é interpelado “a viver a mesma entrega ao Senhor e a renovar a sua confiança fundamental”<sup>203</sup>, mesmo nos períodos de maior instabilidade. Esta Verdade que completa a humanidade precisa de estar latente em toda a sua existência. A vida é depositada como um património que precisa ser acariciado, em ordem à realização pessoal e social. Nesse sentido, ninguém tem o direito de a demolir, mas apenas de pôr a render esse talento. “A vida humana é sagrada, porque, desde a sua origem, supõe a ação criadora

---

<sup>201</sup> No escrito denominado “Confissões de Santo Agostinho”, o autor afirma: “Criastes-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração vive inquieto enquanto não repousa em Vós”.

<sup>202</sup> JOÃO PAULO II, *Evangelium Vitae*, n° 38.

<sup>203</sup> *Ibidem*, n° 46.

de Deus e mantém-se para sempre numa relação especial com o Criador, seu único fim”<sup>204</sup>, e condição decisiva na defesa da sacralidade e inviolabilidade da vida humana.

Esta carta Encíclica, perto do seu término, remata com: “Nenhuma circunstância, nenhum fim, nenhuma lei no mundo poderá jamais tornar lícito um ato que intrinsecamente é ilícito, porque contrário à Lei de Deus, inscrita no coração de cada homem, reconhecível pela própria razão, e proclamada pela Igreja”<sup>205</sup>. Introduz-se, assim, a humanidade numa lógica de amor e compaixão, fidelidade e solicitude responsáveis, essenciais para a conversão espiritual que se defende na exortação *Pastoris Gregis*. Com efeito, “na mobilização por uma nova cultura da vida, que ninguém se sinta excluído, todos têm um papel importante a desempenhar”<sup>206</sup>. Concluimos que o Evangelho da vida é orientado para o bem da cidade terrena, procurando contribuir para a renovação da sociedade, através da consolidação do bem comum.

### 3.6. Exortação pós-sinodal *Pastoris Gregis* (2003)

A exortação pós-sinodal de 2003, embora seja um documento menos solene que as Encíclicas, contém um volumoso conjunto de recomendações sobre os princípios ambientais, bem como sobre a sustentabilidade e preservação da criação, versando com propriedade sobre os interesses bilaterais entre Estados. Por este motivo, o escrito alude às barbaridades perpetradas nos últimos anos genericamente por governos opositores de valores e princípios credíveis. Com profunda consternação, João Paulo II fala da necessidade uma conversão espiritual adjuvada por uma reconfiguração de práticas e costumes nefastos ao desenvolvimento sustentável.

---

<sup>204</sup> JOÃO PAULO II, *Evangelium Vitae*, nº 53.

<sup>205</sup> *Ibidem*, nº 62.

<sup>206</sup> *Ibidem*, nº 98.

Com a sensatez necessária, o Pontífice máximo da Igreja insiste no apreço pela natureza e segurança da criação. Com base nas apreciações tecidas pelo discípulo de Cristo, declara que “o gemido das criaturas, (cf. Rom 8,22), a que alude o Apóstolo, hoje parece verificar-se de forma invertida, porque se trata não já duma tensão escatológica na expectativa da revelação dos filhos de Deus (Cf. Rom 8,19), mas dum espasmo de morte que tende a agarrar o próprio homem para o destruir”<sup>207</sup>.

Nesta exortação dirigida particularmente aos Bispos, o Sumo Pontífice encarrega-os de serem sinal e mensageiros de uma boa nova atual, que terá de ter em conta a necessidade de uma reconfiguração de métodos e processos associados à gestão ecológica, seja ela humana, ambiental, ou até pessoal. Aos servidores do Evangelho de Jesus Cristo para a esperança do mundo solicita uma pregação que demande a conversão ecológica. “Há necessidade, pois, duma conversão ecológica, para o qual os bispos hão-de dar a sua contribuição ensinando a correta relação do homem com a natureza”<sup>208</sup>.

Em suma, entrelaçados (homem e mulher) na paternidade e filiação divina a que somos chamados, nasce em nós a consciência de Deus como Criador do céu e da terra, onde cada um é chamado a desempenhar uma função ministerial. Na verdade, o ser humano é colocado no centro da criação como ministro do Criador. Estas reminiscências tocam os laços vitais da humanidade e assim revelam grande força e eficácia sobretudo quando materializados e olhados ao nível do indivíduo, pela arte e estilo que comportam. Será esta a abordagem refletida nos documentos do próximo Pontífice, Bento XVI.

---

<sup>207</sup> JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Pastoralis Gregis*, 16 de Outubro de 2003, n° 70.

<sup>208</sup> *Ibidem*, n° 70.

#### **4. Pontificado de sua Santidade, Bento XVI (2005-2013)**

No ano de 2005 aprovou à Igreja Católica e Universal a eleição do Cardeal Joseph Ratzinger para chefe máximo da mesma instituição. Bento XVI, enquanto Sumo Pontífice, demarcou-se pelo conhecimento científico e teológico que perpassava nas suas intervenções, empregando categorias sociais e culturais contemporâneas com estilo e propriedade. Com efeito, o seu modo de pensar originou novas formas de compreender a Fé e implicações associadas. Ao longo do seu magistério, ressalvou o compromisso cristão em cada contexto, fosse ele civilizacional, económico ou mesmo eclesiológico. Por isso, um dos seus desassossegos prendeu-se com as questões ecológicas. Oportunamente, interveio em contextos conturbados, desencadeados por impiedades e delitos à humanidade e criação, procurando sempre redefinir e aperfeiçoar as componentes essenciais para o respeito de uma ecologia humana e social, para além da já estudada ecologia da natureza.

Em pleno século XXI, o Papa apelou à responsabilidade e justiça num mundo dilacerado pela degradação ecológica, onde os fenómenos sociais e culturais são tensos devido à natureza iníqua do ser humano explorador. De facto, torna-se indispensável uma interposição explícita da Igreja no combate às “ditaduras” despóticas e desaforadas, introduzidas pelos governantes das maiores potências mundiais. Face ao aproveitamento descaraterizado e uma exploração dos recursos e dons concedidos pelo Criador, clama-se por uma resposta audaz no combate às tiranias, lançadas de antemão pela subjugação e dominação incalculáveis.

Por isso, Bento XVI afirmou os direitos e deveres do indivíduo para defender o desenvolvimento sustentável da natureza. De igual modo, elevou a relação de amor e respeito entre o ser humano e a natureza, a fim de que o primeiro não acorrente a segunda.

Numa reta gramática interna, que serve de leitura criteriosa aos sinais dos tempos hodiernos, afirma ser dever do sujeito guardar e cultivar o ordenamento intrínseco e devido à natureza gerada por Deus. Com efeito, o indivíduo tem de proteger-se da autodestruição, uma vez que é mais do que evidente que o único sofredor destas adulterações e delinquências é ele mesmo, a própria humanidade.

A partir daqui, impõe-se um périplo pelos documentos mais significativos do magistério do Papa Bento XVI. Daremos um estudo das mensagens para a paz do ano de 2007 a 2010, aportando a nossa reflexão e ensaio sistemático sobre as cartas Encíclicas *Spe Salvi* e *Caritas in Veritate*. Certamente, o Papa explorou recursos e diligenciou os meios para atingir fins autênticos, em conformidade com o desenvolvimento perfeito das criaturas. As suas inquietações ressoaram um pouco por todo o planeta.

#### 4.1. Para um humanismo integral – mensagem para o dia mundial da paz de 2007

As questões ecológicas seriam também alvo de reflexão, por parte do Sumo Pontífice Bento XVI, em sucessivas mensagens para o dia mundial da paz. Consciente da seriedade da situação e visando a ausência de uma equação capaz de solucionar o problema, o Papa empreende um estudo alargado, avaliando as implicações e compromissos sociais, culturais e eclesiológicos. Com efeito, é requerida uma cooperação versátil para a resolução dos entraves ecológicos observados e que mais do que simplesmente originados no seio de uma “ecologia da natureza”, são a consequência dos “pecados” cometidos no âmbito de uma “ecologia humana” e “ecologia social”.

Na mensagem para o dia mundial da paz de 2007, denominada “A pessoa humana, coração de paz”, Bento XVI afirma que a paz continuará a ser mera utopia, se a humanidade não atender aos contextos de intercâmbio entre a ecologia natural e humana.

A este propósito, elege os impactos que a atividade humana para com o ambiente, desprezíveis na exploração desenfreada, estão a provocar no seio humano, sendo que também o inverso está a acontecer<sup>209</sup>. Assim, é urgente trabalhar no sentido de travar a exploração desenfreada e preservar o meio ambiente, por forma a não comprometermos o futuro das civilizações vindouras. A estas considerações segue-se um trabalho que intenta criar a consciencialização universal das ligações ecológicas.

O ser humano tem o dever, incumbido da parte de Deus, “de amadurecer pessoalmente na capacidade de amar e de fazer progredir o mundo, renovando-o na justiça e na paz”<sup>210</sup>. Surge a convicção de um vínculo entre a paz com a criação e a paz entre a humanidade. Só assim a humanidade estará em consonância com o projeto de Deus, no respeito pela dignidade do ser humano e na gestão equitativa dos recursos naturais e culturais. Com efeito, o documento procura fomentar o combate das “inúmeras e injustas desigualdades ainda tragicamente presentes no mundo”<sup>211</sup>.

Torna-se imprescindível, portanto, mesmo no quadro dos obstáculos e pressões internacionais hodiernos, empenharmo-nos em dar a vida por causas nobres que procurem restabelecer a harmonia civilizacional. Do mesmo modo, “uma paz verdadeira e estável pressupõe o respeito dos direitos do homem”<sup>212</sup>. Só assim poderemos fazer face à violência bélica a que o ser humano contemporâneo está exposto. *A posteriori*, é necessário que sujeitos e instituições governamentais e não governamentais se unam no respeito pela natureza, pela dignidade da pessoa e sejam eficientes no uso responsável dos recursos em ordem ao contentamento das suas genuínas privações.

---

<sup>209</sup> Cf. BENTO XVI, *Mensagem de sua Santidade Bento XVI para a celebração do XL dia mundial da paz*, 16 de Dezembro de 2006, nº 8.

<sup>210</sup> *Ibidem*, nº 2.

<sup>211</sup> *Ibidem*, nº 6.

<sup>212</sup> *Ibidem*, nº 12.

Em suma, Bento XVI finaliza a sua mensagem, lançando um repto: “cada cristão sintá-se comprometido a ser incansável promotor de paz e acérrimo defensor da dignidade da pessoa humana e dos seus direitos inalienáveis”<sup>213</sup>. Na verdade, o papa defende a urgência de um compromisso prático na luta pela ecologia da natureza, humana e social, a fim de que todos possam viver em simetria, segundo o mesmo espírito que deve reinar na criação, paz e serenidade. Tudo isto concorrerá e será mote para um desenvolvimento sustentável, mas sobretudo, potenciará o “crescimento da árvore da paz”<sup>214</sup>.

#### 4.2. A esperança de um respeito maior pela ecologia na *Spe Salvi* (2007)

“O presente, ainda que custoso, pode ser vivido e aceite, se levar a uma meta e se pudermos estar seguros desta meta, e se esta meta for tão grande que justifique a cansaça do caminho”<sup>215</sup>. Com esta alocução, o Papa Bento XVI propõe uma reflexão dilatada sob o ponto de vista da realidade eterna e da esperança cristã, que orientam a fé do cristão no dia-a-dia e, por isso, a conduta e gestão harmoniosa da criação e criaturas. Ao ser humano exige-se uma vida consentânea a tudo quanto crê e professa.

Para o Sumo Pontífice, antes de qualquer atitude ou comportamento, o sujeito não pode prescindir de ter presente a ordem que define a génese do universo: “não são os elementos do *cosmos*, as leis da matéria que, no fim de contas, governam o mundo e o ser humano, mas é um Deus pessoal que governa as estrelas, ou seja, o universo; as leis da matéria e da evolução não são a última instância, mas razão, vontade, amor: uma Pessoa”<sup>216</sup>. Esta ponderação será insubstituível na existência humana para que toda a ação

---

<sup>213</sup> BENTO XVI, *Mensagem de sua Santidade Bento XVI para a celebração do XL dia mundial da paz*, nº 16.

<sup>214</sup> *Ibidem*, nº 10.

<sup>215</sup> BENTO XVI, *Carta Encíclica Spe Salvi*, 30 de Novembro de 2007, nº1.

<sup>216</sup> *Ibidem*, nº5

tenha presente o equilíbrio justo da exploração dos recursos e/ou bens humanos e naturais. O sujeito não pode prescindir de uma adequada fé no progresso tendo em vista o desenvolvimento das potencialidades humanas. No entanto, essa fé no progresso deve ser reta, obedecendo a critérios e elementos éticos que privilegiem sempre o desenvolvimento sustentável.

Veja-se que “o progresso é a superação de todas as dependências; é avanço para a liberdade perfeita. Também a liberdade é vista só como promessa, na qual a pessoa humana se realiza rumo à plenitude”<sup>217</sup>. Desta forma, a evolução tem a sua acuidade pública e civilizacional. Ao longo dos tempos, ela mostrou-se como um expediente gerador de esperança e vida plena, contribuindo para a sustentação de estruturas sociopolíticas mundiais. Contudo, a forma como foi emitida nem sempre se mostrou a melhor para as vivências coletivas e privadas. A evolução, desataviada de valores superiores, desfigurou-se em argumento para o enriquecimento dos grupos abastados e enfraquecimento de famílias indigentes e fragmentadas.

Tendo por base a sentença de Bento XVI, verificamos que “a evolução sempre mais rápida do progresso técnico e a industrialização com ele relacionada criaram, bem depressa, uma situação social completamente nova: formou-se a classe dos trabalhadores da indústria e o chamado proletariado industrial”<sup>218</sup>, cujas condições de existência são deploráveis, terríveis pelas inúmeras fragilidades sociais acalentadas.

Deste modo, de futuro será certa a necessidade de um diálogo proficiente, a fim de criar condições que suplantem a ambiguidade do progresso, isto é, que sustentem as novas potencialidades para o bem e, por seu turno, atenuem as contingências incomensuráveis do mal a operar na sociedade contemporânea. Por isso, aos cristãos é

---

<sup>217</sup> BENTO XVI, *Spe Salvi*, nº18.

<sup>218</sup> *Ibidem*, nº20.

requerido um novo discipulado, um aprender revigorado, “no contexto dos seus conhecimentos e experiências, em que consiste verdadeiramente a sua esperança, o que é que temos para oferecer ao mundo e o que é que, pelo contrário, não podemos oferecer”<sup>219</sup>. Ulteriormente, esta atitude poderá também ser prosseguida pelas entidades públicas e mundiais.

Com efeito, “se ao progresso técnico não corresponder um progresso na formação ética do ser humano, no crescimento do homem interior, então aquele não é um progresso, mas uma ameaça para a humanidade e para o mundo”<sup>220</sup>. A este nível, todo o ser humano sabe que uma má orientação do progresso infringe o propósito de um desenvolvimento equitativo e justo, tornando-se uma evolução tirânica e deficiente. Com o objetivo de superar tal enquadramento sociopolítico, a razão do domínio e do conceber devem ser integradas numa reta apreciação entre bem e mal, auferindo critérios íntegros dos conhecimentos e experiências equacionados por cada qual.

Arrastando o assunto à projeção científica, o Santo Padre afirma: “a ciência pode contribuir muito para a humanização do mundo e dos povos. Mas pode também destruir a humanidade e o mundo, se não for orientada por forças que se encontram fora dela”<sup>221</sup>. Tendo por base critérios que aprimoram a ecologia humana, torna-se perceptível que esta sociedade se preocupou unicamente com o indivíduo e sua salvação, numa visão altruísta, descartando a debilidade do seu semelhante, dos fracos e pobres de coração. Em última instância, estaremos perante um horizonte de esperança privatizado que em pouco reconheceu a vocação universal: um cuidado redobrado pelos outros que partilham a mesma contingência humana.

---

<sup>219</sup> BENTO XVI, *Spe Salvi*, n°22.

<sup>220</sup> *Ibidem*, n°22.

<sup>221</sup> *Ibidem*, n°25.

Só a redenção pela via do amor poderá dar um novo sentido à vida do indivíduo. Até porque “a esperança [...] é sempre esperança também para os outros”<sup>222</sup>. Assim, a energia diária pela prossecução da nossa vida e pelo porvir do mundo será pura ilusão prematura, se não for apadrinhada pela claridade que brota da verdadeira esperança que não cede aos exíguos insucessos ou vicissitudes de encalço sociopolítico. Na verdade, as autoridades políticas e económicas só se poderão rever neste princípio elementar e universal a fim de que quanto outorgam seja viável num mundo de ilustre verdade e justiça.

Com esta Encíclica, Bento XVI abre o horizonte de estudo sobre as questões ecológicas, fazendo-o com particular solicitude. Evocando o problema das iniciativas humanas do progresso, o Sumo Pontífice deixa claro que existe hoje o pecado de permanecer numa gestação de normas e leis maléficas para um desenvolvimento harmonioso, fechados à solidariedade universal. Certamente, se estas iniciativas não estiverem de acordo com uma esperança e vida plena de entrega quotidiana pelo bem do mundo e do outro, os direitos humanos, a justiça social, e a necessidade de um cuidado maior pelo meio ambiente serão desprezados.

#### 4.3. Abertos à solidariedade – mensagem para o dia mundial da paz de 2008

Na habitual mensagem para o dia mundial da Paz e a iniciar o ano de 2008, o Papa Bento XVI começa por assegurar que “os povos da terra são chamados a instaurar entre si relações de solidariedade e de colaboração, como convém em membros da única família humana”<sup>223</sup>. Todos formam uma só comunidade na medida em que todos têm procedência

---

<sup>222</sup> BENTO XVI, *Spe Salvi*, nº34.

<sup>223</sup> BENTO XVI, *Mensagem de sua Santidade Bento XVI para a celebração do XLI dia mundial da paz*, 15 de Dezembro de 2007, nº 1.

idêntica, gerados por Deus, o qual concedeu ao ser humano a possibilidade de desenvolver-se na Terra, também obra da criação do mesmo Deus.

Efetivamente, o Sumo Pontífice fala da Terra como casa da grande família humana, constituída pelos filhos de Deus, casa que o Deus Criador lhe ofertou para que nela crescesse e multiplicasse com criatividade e responsabilidade. É neste núcleo germinal que se encontra o modelo do ordenamento social em virtude de ser o primeiro espaço de humanização do indivíduo e da sociedade. Por conseguinte, “a família é fundamento da sociedade inclusivamente porque permite fazer decisivas experiências de paz”<sup>224</sup>. Estes ensaios são fulcrais para que a humanidade seja incorporada como civilização jurídica de estatuto deveras mundial. A dignidade jurídica deverá ser representada por modelos de paz de sujeito para sujeito e de sujeito para a natureza.

Deste modo, o ser humano poderá respeitar o meio onde está inserido, não de forma egocêntrica, deixando-se promiscuir pelas ambições particulares, antes atendendo às necessidades dos seus descendentes, e contribuindo para que a Terra seja vista como casa comum. A comunidade social é interpelada “a inspirar-se nos valores por que se rege a comunidade familiar. Isto vale [...] para a família humana que vive nesta casa comum que é a terra”<sup>225</sup>. A família humana é chamada, desde sempre, a preservar e cultivar com autonomia responsável a criação, não tendo direito nem sendo justo a exclusão de alguns “do destino universal dos bens da criação”<sup>226</sup>. Se queremos atingir um futuro equilíbrio ecológico, a humanidade terá que pugnar por um caminho de gestão saudável das relações humanas e ambientais. A luta pelo equilíbrio ecológico terá que ser acompanhada da

---

<sup>224</sup> BENTO XVI, *Mensagem de sua Santidade Bento XVI para a celebração do XLI dia mundial da paz*, nº 3.

<sup>225</sup> *Ibidem*, nº 6.

<sup>226</sup> *Ibidem*, nº 7.

construção de um protótipo de evolução sustentável, garantia de justiça e equidade para a reta governação, e cooperando na promoção do bem-estar universal.

Nesta obrigação, “é fundamental sentir a terra como nossa casa comum e escolher, para uma gestão da mesma ao serviço de todos, a estrada do diálogo em vez de decisões unilaterais”<sup>227</sup>. O Santo Padre alerta que o tempo é escasso e os problemas ecológicos são cada vez mais complexos, o que torna indispensável uma maturação das práticas e saberes até agora edificados para de seguida empreender um caminho de participação consciente. A este nível, os Estados não podem deixar de rever os elevados níveis de consumo e a questão da distribuição homogénea dos bens e serviços à escala planetária, procurando “trabalhar por uma sábia utilização dos recursos e um equitativa distribuição da riqueza”<sup>228</sup>.

Para Bento XVI, “uma família vive em paz, se todos os seus componentes se sujeitam a uma norma comum: é esta que impede o individualismo egoísta e que mantém os indivíduos, favorecendo a sua coexistência harmoniosa e laboriosidade para o fim comum”<sup>229</sup>. Aliás, a disposição cega e o despotismo do mais vigoroso serão sempre argumentos inválidos no operar requerido pela casa comum.

Por isso, “é preciso subir até à norma moral natural como base da norma jurídica; de contrário, esta fica à mercê de frágeis e provisórios consensos”<sup>230</sup>. Com efeito, a gestação de uma cultura jurídica verdadeira está prisioneira de um esforço para tornar as leis universais ininterruptamente alicerçadas em valores morais e humanos, e assim afastar-se de uma redução estéril às quimeras egoístas e ideológicas. Caso contrário,

---

<sup>227</sup> BENTO XVI, *Mensagem de sua Santidade Bento XVI para a celebração do XLI dia mundial da paz*, nº 8.

<sup>228</sup> *Ibidem*, nº 10.

<sup>229</sup> *Ibidem*, nº 11.

<sup>230</sup> *Ibidem*, nº 12.

estaremos a concorrer com o que hoje se torna claro: “grandes divisões e fortes conflitos que lançam densas sombras sobre [...] o futuro”<sup>231</sup>.

De futuro, será necessário que homem e mulher tenham “uma consciência mais lúcida da sua pertença comum à única família humana e [empenhem-se] por que a convivência sobre a Terra espelhe cada vez mais esta convicção da qual depende a instauração de uma paz verdadeira e duradoura”<sup>232</sup>, a qual comporta um desenvolvimento capaz de gerar bem-estar mundial e não se tornar uma ameaça para o mundo e para a humanidade.

#### 4.4. Pela dignidade natural – mensagem para o dia mundial da paz de 2009

Antes de iniciar o ano de 2009, o Santo Padre Bento XVI lança um desafio à humanidade inteira. Na sua mensagem para o dia mundial da paz, promulgada a 8 de Dezembro de 2008, solicita aos seres humanos que sejam os autênticos promotores da solidariedade global. Com uma palavra essencialmente para a ecologia humana, faz jus à instalação de uma cultura de pobreza não só material como também espiritual, e que, *grosso modo*, tem orientado a vida do ser humano para a avidez e/ou egoísmo exacerbado.

Neste documento, assegura que o fenómeno da globalização, de *per si*, complexo, desfez barreiras, não sem antes gerar outros obstáculos que despoletaram a “marginalização e pobreza relacional, moral e espiritual”<sup>233</sup>. Exemplo disso são os conflitos mundiais, que não só revelam a desigualdade económica mundial, mas também são reflexo da cobiça e domínio arbitrário exercido por alguns diante de outros. Além de

---

<sup>231</sup> BENTO XVI, *Mensagem de sua Santidade Bento XVI para a celebração do XLI dia mundial da paz*, nº 14.

<sup>232</sup> *Ibidem*, nº 15.

<sup>233</sup> BENTO XVI, *Mensagem de sua Santidade Bento XVI para a celebração do XLII dia mundial da paz*, 13 de Dezembro de 2008, nº 2.

todos os atentados à vida no âmbito da medicina, das desigualdades na distribuição de cuidados de saúde e, particularmente, na repartição dos alimentos, que têm gerado precariedade, pressão e desacordo.

Bento XVI garante que “quando o homem não é visto na integridade da sua vocação e não se respeitam as exigências duma verdadeira ecologia humana, desencadeiam-se [...] as dinâmicas perversas da pobreza”<sup>234</sup>. Inevitavelmente, todos os desassossegos em redor da economia e da corrida ao armamento bélico têm desviado a atenção sob os projetos de desenvolvimento da população mundial. Com efeito, são inúmeras as situações onde os ideais de fraternidade e responsabilidade social são aniquilados em detrimento de um crescimento económico e bélico sem valores nem princípios morais. “A própria crise recente demonstra como a atividade financeira seja às vezes guiada por lógicas puramente auto-referenciais e desprovidas de consideração pelo bem comum a longo prazo”<sup>235</sup>.

“Uma das estradas mestras para construir a paz é uma globalização que tenha em vista os interesses da grande família humana”<sup>236</sup>. Para isso, será indispensável dotar a população de uma formação acerca do desenvolvimento integral humano e ambiental, para que, *a posteriori*, seja esboçado um projeto de médio e longo prazo. Não podemos isentar-nos de “uma correcta lógica económica, [...] uma correcta lógica política, [...] uma correcta lógica participativa”<sup>237</sup>. A globalização requer uma profunda solidariedade que origine o bem-estar pessoal e comunitário. Só desta forma construiremos um planeta mais íntegro e próspero para a humanidade.

---

<sup>234</sup> BENTO XVI, *Mensagem de sua Santidade Bento XVI para a celebração do XLII dia mundial da paz*, nº 2.

<sup>235</sup> *Ibidem*, nº 10.

<sup>236</sup> *Ibidem*, nº 8.

<sup>237</sup> *Ibidem*, nº 12.

Para que o primado da caridade seja atingível, a sociedade em geral deverá reformular os padrões de vida, os protótipos de produção e de uso, as estruturas económicas e sociais, os mecanismos de subsistência. Neste âmbito, tudo deve ser sugerido com clareza e sabedoria de conhecimento e experiência, a fim de haver uma simetria de regularidade civilizacional, estadista, ascética e decente, irrompendo a voracidade e magnificência objetada por alguns.

Em suma, “é necessário um código ético comum, cujas normas não tenham apenas carácter convencional mas estejam radicadas na lei natural inscrita pelo Criador na consciência de todo o ser humano”<sup>238</sup>. É essencial que o ser humano aplique medidas preventivas para que a sobrevivência das gerações atuais e futuras não seja posta em causa, assim como, crie sinergias positivas entre as diversas instituições internacionais, promovendo o justo desenvolvimento.

#### 4.5. Desenvolvimento e justiça a partir da *Caritas in Veritate* (2009)

Desde muito cedo, Bento XVI procurou atender às necessidades e esperanças do ser humano contemporâneo. Nesse sentido, através da carta Encíclica *Caritas in Veritate* destaca a importância do desenvolvimento da humanidade e suas comunidades locais, ao mesmo tempo que defende os deveres e direitos associados à atividade antropológica. Neste documento há um fundamento original a ser protegido: a natureza não é fruto de um mero desenvolvimento determinista, tantas vezes ilegítimo, mas desfecho de uma afeição incomensurável e interventiva do Criador, o próprio Deus.

Neste sentido, o Sumo Pontífice sugere ao ser humano a defesa da verdade, porque “propô-la com humildade e convicção e testemunhá-la na vida são formas exigentes e

---

<sup>238</sup> BENTO XVI, *Mensagem de sua Santidade Bento XVI para a celebração do XLII dia mundial da paz*, nº 8.

imprescindíveis de caridade”<sup>239</sup>. Sem essa verdade intergeracional, não há caridade, falta o amor capaz de gerar ainda mais amor. Quando “o amor se torna um invólucro vazio, que se pode encher arbitrariamente”<sup>240</sup>, cometem-se as atrocidades que dominámos à escala global, a escravidão setorial, a subjugação institucional, a degradação ambiental, a servidão humana, entre outras lacunas, peculiarmente reiteradas neste século. Pelo contrário, “a verdade abre e une as inteligências no lógos do amor”<sup>241</sup>. A verdade objetiva é justiça na sociedade e cultura. Por seu turno, a justiça é honrada pela caridade, e a justiça firma-se na verdade, visando o bem comum, e arietando a deterioração.

Corajosamente, o Papa encara o materialismo económico, que vê a natureza como fonte de lucro, e a gnose de louvor a uma divindade disfarçada na natureza, como um camuflado e atroz paganismo. Estas duas proposições erróneas, em face do ser, contrariam a verdade e a caridade. E enquanto posições irregulares, provocam a destruição da natureza, pela exploração materialista (panteísta) e a consideração gnóstica de que a salvação proviria do contacto com o espírito divino sepultado em toda a natureza e que seria preciso libertar. Das conceções deformadas resultaram os danos catastróficos que hoje assolam as criaturas e que não servem ao bem comum.

Por conseguinte, o crente é chamado a reconhecer na natureza a maravilhosa “intervenção criadora de Deus, de que o homem se pode responsabilmente servir para satisfazer as suas legítimas exigências — materiais e imateriais — no respeito dos equilíbrios intrínsecos da própria criação”<sup>242</sup>. Assim, a verdade e caridade far-se-ão sentir pelo amor em favor do ambiente e, simultaneamente, pela estima da própria natureza do indivíduo. A humanidade, de acordo com a sua formação intelectual e cultural, não pode

---

<sup>239</sup> BENTO XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*, 29 de Junho de 2009, nº 1.

<sup>240</sup> *Ibidem*, nº 3.

<sup>241</sup> *Ibidem*, nº 4.

<sup>242</sup> *Ibidem*, nº 48.

estuprar ciclicamente a natureza, mas deverá honrar a obra emoldurada pelo Criador, preenchida pela expressão final e criteriosa de um uso prudente e comiserador.

“O homem interpreta e modela o ambiente natural através da cultura, a qual, por sua vez, é orientada por meio da liberdade responsável, atenta aos ditames da lei moral”<sup>243</sup>. Por conseguinte, qualquer que seja o esboço acerca do desenvolvimento humano integral terá que atender às necessidades das gerações posteriores. Precisamente, os projetos não podem ignorar a solidariedade e justiça entre as linhagens, procurando sempre promover um salutar equilíbrio ecológico, jurídico, económico, político e civilizacional. Qualquer tipo de exploração será improdutora e contrário à ética, estando subjugado ao autoritarismo cerrado pelas grandes potências universais, aniquiladoras dos países com expedientes deficitários. Não há subterfúgios plausíveis e lícitos para a subsistência de tais práticas ainda hoje.

Ao ser humano é legítimo praticar uma gestão consciente e refletida em favor da natureza e humanidade. A sua missão é proteger e cultivá-las em seu benefício, seguindo padrões e critérios sempre atuais e avançados, recorrendo, se possível, à ciência e à tecnologia, mas procurando todos os dias reforçar o acolhimento e serviço prestados às populações mundiais. Nessa ação reconstituída, não se pode descurar o “objectivo de reforçar a aliança entre o ser humano e o ambiente que deve ser espelho do amor criador de Deus, do qual viemos e para o qual caminhamos”<sup>244</sup>. Acresce uma reorientação séria dos modelos de vida contemporânea, promiscuídos pelos cirenaísmos, consumismos, e devassidões oportunistas, alheios às consequências nefastas que disso provém.

A filodoxia e o criticismo da sociedade presente demoliram a convicção da verdade. Ora, sem a verdade, não subsiste progresso nem sequência orgânica, desacata-

---

<sup>243</sup> BENTO XVI, *Caritas in Veritate*, n° 48.

<sup>244</sup> *Ibidem*, n° 50.

se a lei, e atenta-se a caridade e o amor a Deus. Falta o amor ao próximo, como a si mesmo, por amor a Deus. Ao recusar Deus, estiolamos o amor e a própria humanidade. Um pequeno passo, e seremos seres que promovem a disseminação da imoralidade, a avidez do negócio, a crueldade, a impetuosidade grosseira e colossal<sup>245</sup>.

Esta conduta disseminou-se em práticas contraditórias, consumadas em “falsificações” humanas. A este nível, “é preciso afirmar que hoje a questão social tornou-se radicalmente antropológica, enquanto toca o próprio modo não só de conceber mas também de manipular a vida, colocada cada vez mais nas mãos do homem pelas biotecnologias”<sup>246</sup>. Exemplos disto são a fecundação *in vitro*, a clonagem e hibridação humana, a eutanásia. Um âmbito delicado onde o ser humano não pode esquecer que a sua vida é puro dom de Deus, não sendo passível de estar subjugada aos interesses pessoais e até coletivos.

Perante isto, Bento XVI afirma ser fundamental uma educação perspicaz para a formação integral do sujeito, a qual conduz a uma real alteração de pensamento que nos instigue a perfilhar novos estilos de vida, “nos quais a busca do verdadeiro, do belo e do bom e a comunhão com os outros homens para um crescimento comum sejam os elementos que determinam as opções dos consumos, das poupanças e dos investimentos”<sup>247</sup>. A humanidade precisa assumir uma consciência moral e responsabilidade pessoal e social, pois só quando a “ecologia humana é respeitada dentro da sociedade, também a ecologia ambiental é favorecida”<sup>248</sup>. Trata-se de restabelecer a aliança entre o Criador e a criatura.

---

<sup>245</sup> Cf. BENTO XVI, *Caritas in Veritate*, nº 61.

<sup>246</sup> *Ibidem*, nº 75

<sup>247</sup> *Ibidem*, nº 51.

<sup>248</sup> *Ibidem*, nº 51.

#### 4.6. Restabelecer a aliança – mensagem para o dia mundial da paz de 2010

“Pode-se porventura ficar indiferente perante as problemáticas que derivam de fenómenos como as alterações climáticas, a desertificação, o deterioramento e a perda de produtividade de vastas áreas agrícolas, a poluição dos rios e dos lençóis de água, a perda da biodiversidade, o aumento de calamidades naturais, o desfloramento das áreas equatoriais e tropicais?”<sup>249</sup>.

A defesa da criação é fulcral na medida em que ela é obra do nosso Deus. Por isso, todas as leis de salvaguarda ambiental humanas devem ser conjeturadas em prol duma sociedade participativa e inclusiva, nunca delinquente e despótica. Inevitavelmente, “se são numerosos os perigos que ameaçam a paz e o autêntico desenvolvimento humano integral, devido à desumanidade do homem para com o seu semelhante, [...] não são menos preocupantes os perigos que derivam do desleixo, se não mesmo do abuso, em relação à terra e aos bens naturais que Deus nos concedeu”<sup>250</sup>.

Neste sistema, o ser humano, consciente de que a criação é dádiva de Deus à humanidade, terá presente a sua vocação e o seu porte, olhando e contemplando a obra divina. Até porque maravilhar-se com a beleza e encanto da natureza gerada será caminho essencial para reconhecer o amor precursor. No entanto, esta trajetória tem-se reduzido a práticas degenerativas pela exploração absurda da natureza ambiental e humana, pelo poder petrificador do ambiente habitado pelo sujeito. Perante fenómenos crescentes de atentados ambientais, há ainda uma consciência ecológica a ser redescoberta.

“É decisão sensata realizar uma revisão profunda e clarividente do modelo de desenvolvimento e também reflectir sobre o sentido da economia e dos seus objectivos,

---

<sup>249</sup> BENTO XVI, *Mensagem de sua Santidade Bento XVI para a celebração do XLIII dia mundial da paz*, 19 de Dezembro de 2009, nº 4.

<sup>250</sup> *Ibidem*, nº 1.

para corrigir as suas disfunções e deturpações”<sup>251</sup>. Este desígnio é exorado pela contemporaneidade em virtude da condição precária da Terra e, sobretudo, do despesismo cultural e moral do indivíduo, cujas doenças são periódicas, inteligíveis um pouco por todo o universo. Uma profunda renovação cultural precisa de estar no horizonte mundial e assim favorecer a construção de um futuro risonho para todos.

A harmonia natural quebrada por Adão e Eva, e prolongada pelo indivíduo ao longo dos séculos, fruto de uma disposição despótica do sujeito em assumir o centro do mundo (antropocentrismo), clama à sociedade “um modo de viver marcado pela sobriedade e solidariedade, com novas regras e formas de compromisso, apostando com confiança e coragem nas experiências positivas realizadas e rejeitando decididamente as negativas”<sup>252</sup>. Aqui, a degradação e, conseqüente, exterminação de recursos e bens é resultado de projetos políticos centrados unicamente em benefícios económicos, sem pudor em infringir flagelos ao meio ambiente.

Esta crise ecológica implora por argumentos de solidariedade e responsabilidade entre as gerações e dentro de cada geração, balizando estratégias mútuas e sustentáveis para satisfazer as carências de todo o ser humano, em qualquer tempo e lugar. Somos herdeiros de uma oportunidade histórica que precisa de resolução, de uma resposta coletiva capaz de respeitar a criação e o desenvolvimento humano integral. Para Bento XVI, mais do que um desassossego com os terríveis aspetos que a degradação ambiental tem provocado, está patente a inquietação pela “busca duma autêntica solidariedade de dimensão mundial, inspirada pelos valores da caridade, da justiça e do bem comum”<sup>253</sup>.

---

<sup>251</sup> BENTO XVI, *Mensagem de sua Santidade Bento XVI para a celebração do XLIII dia mundial da paz*, nº 5.

<sup>252</sup> *Ibidem*, nº 5.

<sup>253</sup> *Ibidem*, nº 10.

Doravante será visível uma aliança entre a humanidade e o ambiente que tenha a técnica como elemento primordial.

Em suma, esta mensagem traz um estímulo e revela a urgência de eliminar toda a distinção ontológica e axiológica entre sujeito e os seres vivos com o objetivo de criar condições para uma visão equitativa dos mesmos entes. Esta atitude deve ser implementada e defendida no ambiente eclesial, procurando ir de encontro à vontade e propósito do Criador para as suas criaturas. Não nos podemos dispensar de conservar o tesouro humano e ambiental ao dispor da sociedade universal.

## **5. Pontificado de sua Santidade, Francisco (2013 - )**

Em 1936 nasce Jorge Mario Bergoglio, o qual viria a ser o 266.º Papa da Igreja Católica e atual Chefe de Estado do Vaticano, sucedendo ao Papa Bento XVI, que abdicou do papado em 28 de fevereiro de 2013. Este cardeal de Buenos Aires constituiria uma grande novidade para a Igreja Universal: é o primeiro pontífice oriundo do continente americano, o primeiro a utilizar o nome de Francisco e o primeiro papa jesuíta da história.

Desde o início do seu pontificado, tem-se preocupado com a defesa da integridade e dignidade humanas enquanto valoriza o respeito pela casa comum e meio onde o ser humano se projeta, espacial e temporalmente discorre. Com efeito, Francisco torna-se personalidade incontornável pelos distintos contributos aos mais diferentes níveis. Do seu ministério brota uma inquietação constante pelas reflexões feitas acerca da bioética, relações homoafetivas, justiça social, desequilíbrios económicos e culturais, compromissos estatais, e, particularmente, proteção do meio ambiente, a casa comum inúmeras vezes relatada.

A este respeito, na homília da missa inaugural do seu pontificado, Francisco fez-se valer do modelo de Francisco de Assis, para falar do urgente respeito pelas criaturas fundadas por Deus, e apelar ao cuidado justo pelo meio no qual habitamos. Do mesmo modo, tem sustentado o alerta em favor do apreço pela vida humana desde o momento da sua concepção. O Sumo Pontífice considera estes últimos tópicos como alicerces estruturais para se poder avocar de uma justiça social e solidariedade universal, tendo em vista um forte impulso simplificador e contemporâneo, segundo uma linguagem compreensível a toda a humanidade.

“*Evangelii Gaudium*” e “*Laudato si*” são por excelência os dois documentos de Francisco que retratam a promoção e valorização positiva do mundo e do indivíduo. A exortação “*Evangelii Gaudium*” incide, sobretudo, sobre o anúncio missionário do Evangelho e sua relação com a alegria cristã, mas não deixa de equacionar a questão da paz, justiça social, respeito pela criação (ecologia). A Encíclica “*Laudato si*” é uma advertência sobre o cuidado com a casa comum, com críticas severas à depredação ambiental, ao protótipo de crescimento e à ausência de compromisso para com os desfavorecidos. Em suma, este documento apresenta-se como resolução para o problema hodierno, na defesa de uma ecologia integral e de uma conversão e educação ecológicas.

### 5.1. Consciência ecológica na *Evangelii Gaudium* (2013)

“O grande risco do mundo atual, com a sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada”<sup>254</sup>. Sob ritmos frenéticos, o indivíduo contemporâneo vive alheio ao sentido existencial: compromete a sua natureza com visões egocêntricas, devasta o meio circundante com as poses

---

<sup>254</sup> FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, 24 de Novembro de 2013, n.º 2.

utilitaristas e balança nos limites de uma tristeza perpétua graças às graves dificuldades que tem de sustiver. O vazio inócuo e o alento pesaroso acarretam uma existência pouco luzida, visível na ausência de uma eterna novidade com sentido para o futuro.

Pesem embora os sucessos importantes na promoção do bem-estar das pessoas, Francisco considera que há uma alegria desvirtuada, uma escassez de esguardo, um desequilíbrio económico e social, e consequentes atentados violentos. Um desenvolvimento esquizofrénico só poderá redundar em opressão, mediante a qual o ser humano se torna subterfúgio para se bastar a si mesmo e aos outros, e depois de abusado é lançado fora. Com efeito, a política hodierna tem arrebatado inúmeros humanos para a imundície. Por isso, cada um deverá assumir o dever de “assegurar o valor da vida humana [e] dizer não a uma economia de exclusão e da desigualdade social”<sup>255</sup>.

A reboque de uma confiança cândida nas oportunidades prometidas pelos que reinam no ambiente económico e adotam uma postura intransigente pela sacralização do regime financeiro, mas da qual resultam ínfimas abertas a uma inclusão social e/ou cultural, deparamo-nos hoje com uma indiferença globalizada, sem seriedade ou justiça. Para o Sumo Pontífice, o impasse tem a sua génese numa crise antropológica, condescendente com a recusa da excelência humana, mais do que com a inoperatividade parcimoniosa do sistema social e económico.

O oportunismo desenfreado e a avidez de autoridade esgotam as possibilidades de prosperidade civilizacional. Os modelos atuais imprimem uma servidão austera às realidades mundanas, meio ambiente e ao próprio ser humano. Francisco assegura que esta orgânica surge como consequência da repulsa a Deus e recusa de ética, pois “a ética leva a Deus que espera uma resposta comprometida que está fora das categorias do

---

<sup>255</sup> FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n.º 53.

mercado”<sup>256</sup>. A referência à entidade divina é, portanto, vocação à efetivação da predisposição originária, selada por Deus, e compromisso ulterior pela harmonia e sequência social mais integradora, isto é, ética.

Do mesmo modo, “enquanto não se eliminar a exclusão e desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos será impossível desarreigar a violência”<sup>257</sup>. Tudo isto representa para o Sumo Pontífice um “câncer social” animado por ideologias políticas que recriam ambientes de abominação e barbaridade. Nos nossos dias, observa-se um aproveitamento das penúrias sociais e culturais sufragadas a uma parte da população mundial, destinada aos subúrbios dos grandes centros cosmopolitas, albergados nas zonas mais pobres. Este sistema resulta das práticas próprias das sociedades materialistas, consumistas e individualizadas, das quais floresce um relativismo face aos direitos absolutos dos indivíduos, em especial da dignidade do ser humano e do bem comum.

O papa Francisco evoca ainda uma dificuldade originada no âmbito da ação da consciência moral. O problema está, não raras vezes, nas energias mal canalizadas, para fins inapropriados, sem uma espiritualidade que imbua a obra e a volva atraente, porque os indivíduos “chamados para iluminar e comunicar vida, acabam por se deixar cativar por coisas que só geram escuridão e cansaço interior e corroem o dinamismo apostólico”<sup>258</sup>. Associado a esta erosão está um pessimismo acomodado que tem asfixiado o zelo e intrepidez das iniciativas férteis para a humanidade pelas condições vantajosas que superintendam em ordem à prosperidade e esperança justas à ecologia integral.

“O mundo está dilacerado pelas guerras e a violência, ou ferido por um generalizado individualismo que divide os seres humanos e põe-nos uns contra os outros

---

<sup>256</sup> FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n° 57.

<sup>257</sup> *Ibidem*, n° 59.

<sup>258</sup> *Ibidem*, n° 83.

visando o próprio bem-estar”<sup>259</sup>, pelo que importa que cada um assuma e respeite o preceito do amor cordial, dando testemunho da comunhão fraterna a que crentes e não-crentes são chamados a corresponder em cada dia. A este nível, é preciso desenvolver novas apologias e métodos de ação com categorias que permitam a integração do indivíduo, numa sociedade plural mas iluminada pelo mesmo contributo social no qual devem estar implicados todos os sujeitos e os sujeitos no seu todo.

Não podemos cair num laxismo desapropriado e irresponsável, “sem qualquer influência na vida social e nacional, sem nos preocupar com a saúde das instituições da sociedade civil, sem nos pronunciar sobre os acontecimentos que interessam aos cidadãos”<sup>260</sup>. O silêncio diante dos genocídios cometidos em relação ao ambiente e ao ser humano não poderão perdurar por mais tempo. Por isso, é urgente políticas com recursos pedagógicos suficientes tendo em vista a instauração de uma justiça e solidariedade universal capaz de impulsionar o crescimento e prosperidade de um mundo melhor. Convém lembrar que a solidariedade é uma atitude natural de quem perfilha a utilidade coletiva da propriedade e o interesse da aplicação universal dos recursos.

A prosperidade e civilização têm de ser promovidas nos diversos âmbitos. Segundo o Sumo Pontífice, “isto engloba educação, acesso aos cuidados de saúde e especialmente trabalho, porque, no trabalho livre, criativo, participativo e solidário, o ser humano exprime e engrandece a dignidade da sua vida”<sup>261</sup>. A busca de uma deliberação partilhada entre os organismos mundiais será primícia para o êxito de uma resposta ajustada às necessidades do mundo contemporâneo neste domínio ecológico. Primariamente, há uma iminente proposta de combate à desigualdade social e cultural. Aí está situado o epicentro e raiz de todos os males que acometem a humanidade. No esforço

---

<sup>259</sup> FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n° 99.

<sup>260</sup> *Ibidem*, n° 183.

<sup>261</sup> *Ibidem*, n° 192.

veraz de dissipar os males, não se poderá privar de uma abdicação da autonomia obstinada dos mercados e renúncia à especulação financeira.

A prepotência da ideologia do fanatismo de poder por órgãos políticos deve dar lugar à atenção e cuidado diante das fragilidades. Segundo Francisco, “a dignidade de cada pessoa humana e o bem comum são questões que deveriam estruturar toda a política económica”<sup>262</sup>, deixando de ser olhados como meros elementos para embelezar um discurso estético por fora mas vazio e sem programas de verdadeiro desenvolvimento integral. Neste sentido, o crescimento económico precisa de ser acompanhado de cenários, decisões e modelos que promovam a equidade, favorecendo a construção de uma sociedade inteligente e eficiente.

De facto, “a economia deveria ser a arte de alcançar uma adequada administração da casa comum, que é o mundo inteiro”<sup>263</sup>. O sector financeiro existe com uma missão, contribuir para a saúde da economia global e assim potenciar o progresso dos países, sem exceção. Com este objetivo, é fácil perceber que ainda existe um caminho a percorrer: o de reconfigurar os hábitos e estilos de vida/pensamento, que se sugere mais sublime, mais fértil, e merecedor de ser humano.

Por isso, a fragilidade implora às estruturas hodiernas por uma solução preventiva, capaz de aliviar as dores e cicatrizes instaladas no mundo. A abertura pródiga ao outro é princípio elementar para os equívocos sociais e culturais. Diz o Sumo Pontífice: “é indispensável prestar atenção e debruçar-nos sobre as novas formas de pobreza e fragilidade, nas quais somos chamados a reconhecer Cristo sofredor”<sup>264</sup>. Cada ser humano, em constante potência, é irrepitível e, por isso, longe de ser subjugado às dúbias modernizações que, não raras vezes, põe fim à vida dos indivíduos.

---

<sup>262</sup> FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n° 203.

<sup>263</sup> *Ibidem*, n° 206.

<sup>264</sup> *Ibidem*, n° 210.

Não obstante, “a paz social não pode ser entendida como irenismo ou como mera ausência de violência obtida pela imposição de uma parte sobre as outras”<sup>265</sup>, mas antes constrói-se quotidianamente pela dedicação ao trabalho árduo na evolução de um programa cultural de convergência pluriforme, de saberes e aprendizagens, um espaço de acolhimento e agradável partilha. Assim, estaremos a cooperar em redor de uma magistratura ampla e modelada pela proximidade e igualdade.

O papa Francisco aponta quatro linhas mestras indispensáveis numa política madura. Em primeiro lugar, será importante atender ao primado do tempo, por forma a conceber processos e normas, capaz de serem articuladas com a cultura, ao invés, de usufruir até se esgotarem os espaços. “Um dos pecados que, às vezes, se nota na atividade sociopolítica é privilegiar os espaços de poder em vez dos tempos dos processos”<sup>266</sup>. Em segundo, a unidade deve imperar sobre a discórdia. Nos desacordos, nas tensões, as partes em oposição precisam de estabelecer uma ponte de diálogo com o objetivo de promover uma comunhão de diferenças. No terceiro elemento, o papa afirma a primazia da realidade sobre a ideia, pois “a ideia desligada da realidade dá origem a idealismos e nominalismos ineficazes”<sup>267</sup>. Por último, estarão criadas as condições essenciais para um diálogo que promova a paz entre os indivíduos e entre estes e a natureza gerada.

Em suma, esta exortação abre portas a uma reflexão ecológica, que irá ser prosseguida na Encíclica “*Laudato Si*”, apontando critérios estruturais na ação do Estado, na proteção da sociedade contemporânea e procurando ser motor de acordos e diálogo e pelos princípios de equidade e solidariedade contribuir para uma humanidade justa, um desenvolvimento ecológico integral.

---

<sup>265</sup> FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n° 218.

<sup>266</sup> *Ibidem*, n° 223.

<sup>267</sup> *Ibidem*, n° 232.

## 5.2. “Cuidado da casa comum” e *Laudato Si* (2015)

“A nossa casa comum se pode comparar ora a uma irmã, com qual partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços”<sup>268</sup>. Esta afinidade familiar tem-se ressentido nos últimos tempos graças às evasões e atrocidades cometidas desde o seu seio genético. A ordem inicial está afetada pela prática imatura e pela exploração delinquente dos recursos e bens disponíveis. Nos nossos dias, impera um mal que se recria no coração do ser humano, desalinhado de valores e princípios éticos, e que coloca em questão a integridade da Terra e dos seres que a habitam.

A violência, interposta à vocação primeira de paz e justiça, tem acarretado o desgaste do ambiente e do indivíduo. A preocupação com a evolução tecnológica e científica, o desenvolvimento económico e o materialismo desenfreado têm esgotado possibilidades de progresso social e moral. Estes modelos opõem-se à salvaguarda dos elementos naturais e humanos, sufocando as causas e propósitos de desenvolvimento sustentável, apologia celada por tantas instituições.

Francisco propõe o que já tinha sido defendido pelos seus antecessores, uma conversão ecológica global. Para o papa, toda a reivindicação de aperfeiçoar o planeta merece mutações substanciais e “o progresso humano autêntico possui um carácter moral e pressupõe o pleno respeito pela pessoa humana, mas deve prestar atenção também ao mundo natural”<sup>269</sup>. Em certa medida, um mal contraído em prejuízo da natureza é um crime inqualificável, porquanto se trata de um crime com consequências nefastas para o ser humano e interrompe o mandamento do Criador, o respeito e preservação do ambiente.

Para o cuidado responsável e uma vida alegre e autêntica, o papa propõe como modelo Francisco de Assis pelo testemunho que deu em gestos: um forasteiro vivendo

---

<sup>268</sup> FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, 24 de Maio de 2015, nº 1.

<sup>269</sup> *Ibidem*, nº 5.

em harmonia e simplicidade com a natureza, os outros e o próprio Criador. Este apelo requer outra compreensão: “o urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral”<sup>270</sup>. Para tal, um dos passos apontados é o de reconhecer a diligência e proeminência do repto instaurado na sociedade contemporânea. Primeiramente, é aconselhável estruturar trilhos educativos e pedagógicos para, em seguida, avançar com linhas e programas concretos de responsabilidade pelo bem-estar universal.

A celeridade imposta pelas mudanças de vida e trabalho contrasta com o progresso, temporalmente moroso, da natureza. Por conseguinte, esta situação estará a instigar um desgaste no ambiente e no coração do ser humano. A este respeito, convém elencar as agruras pelo seu nome. Assim sendo, o Sumo Pontífice começa por chamar a atenção para a poluição que, a par de uma cultura do descarte, tem afetado o ambiente. Não obstante, “o clima é um bem comum, um bem de todos e para todos”<sup>271</sup>, exigindo da humanidade um compromisso na luta ao aquecimento que emerge das atividades desregradadas do indivíduo. De seguida, a escassez observada na obtenção de água potável, bem como a privatização deste bem natural, é, nos nossos dias, um dos entraves à gestão digna dos recursos. A perda de biodiversidade e, conseqüente, extermínio de ecossistemas contradiz algumas preocupações na conservação de lugares onde fauna e flora são abundantes. Mesmo assim, “cada território detém uma parte de responsabilidade no cuidado desta família”<sup>272</sup>.

Em igual proporção, assiste-se à degradação social e cultural, devido a um progresso assente em critérios caóticos, onde a aberração conflui com insensatez, a contaminação visual e auditiva toca a congestão, onde os espaços verdes são esgrimidos

---

<sup>270</sup> FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 13.

<sup>271</sup> *Ibidem*, nº 23.

<sup>272</sup> *Ibidem*, nº 42.

por entre paredes manchadas a cor. Com efeito, “a verdadeira sabedoria, fruto da reflexão, do diálogo e do encontro generoso entre as pessoas, não se adquire com uma mera acumulação de dados”<sup>273</sup>. O choque destes desequilíbrios tem gerado conflitos e ainda mais pobreza entre os já pobres, conflitos civilizacionais na conquista de recursos, a que acresce uma visão despótica do planeta à mercê dos magnatas.

Neste contexto, os interesses filodoxos e oportunistas, da parte de uma minoria, não podem dominar sob o bem comum. O mercado terá que se adaptar aos contornos ecológicos e, assim, contribuir para uma melhor qualidade de vida. Os próximos investimentos terão que ser canalizados para o enriquecimento ambiental, o aformoseamento dos edifícios com toda a componente ecológica, e ainda para o rejuvenescimento das energias limpas. Deste modo, poderá haver um compromisso em defesa da criação.

Com efeito, embora haja uma certa visão venturosa dos acontecimentos, não podemos deixar de acolher uma leitura exata dos elementos que chegam até nós e, através dos quais, ganhamos consciência que os graves contornos de uma ecologia fragilizada têm a sua origem no *modus operandi* e *modus vivendi* da humanidade. A soberania humana sobre o porvir da tecnologia e ciência tem-se revelado significativo para o progresso, mas, também fator de usurpação de poder, catalisando consigo governações autoritárias e fechadas sobre um horizonte bélico. A este nível, a liberdade do ser humano enfraquece, “quando se entrega às forças cegas do inconsciente, das necessidades imediatas, do egoísmo, da violência brutal”<sup>274</sup>. Os comportamentos sobre a inovação, a técnica e a economia misturados aos elevados proveitos de alguns em detrimento de

---

<sup>273</sup> FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 47.

<sup>274</sup> *Ibidem*, nº 105.

outros, minoram a autonomia pura, o juízo cauteloso, e o espaço para uma fecundidade nova e, esteticamente, bela.

O mundo atual suscita um olhar desperto, uma educação refinada, uma política inclusiva, e estilos de espiritualidade que promovam a dignidade e integridade do sujeito, mas também sejam capazes de proteger o planeta e os seres que nele se reproduzem. Por isso, o papa Francisco garante que “a cultura ecológica não se pode reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais para os problemas que vão surgindo à volta da degradação ambiental, do esgotamento das reservas naturais e da poluição”<sup>275</sup>. Os preceitos do antropocentrismo contemporâneo visam um incremento numeral, longe de uma cultura de diálogo, erudição e afeto. Assente sobre raciocínios erróneos, a visão egoísta do indivíduo configura-se com estilos de vida equivocados, absortos em si mesmos, dos quais sobressaem interesses individuais e prioridades relativas, provocando a degradação ambiental e social dos nossos dias.

Com certeza, o sujeito é o primeiro e último garante de uma vida social e de um sistema económico *continuum*, no qual é chamado a envolver-se e trabalhar para prol de uma sociedade mais íntegra. Com a missão de pugnar pelo bem comum, o sujeito está apto a ser portador de uma criatividade e originalidade laboral e cujos bens devem ser disponibilizados para dispêndio de todos, sem discriminação. Ao mesmo tempo, torna-se imprescindível um ensaio verídico da realidade onde coabitam os seres vivos com o objetivo claro de melhorar as condições de vida social e cultural, e defender a sobrevivência das gerações atuais e vindouras. Este é um desafio que se impõe face à “deterioração ética e cultural, que acompanha a deterioração ecológica”<sup>276</sup>. Por outra forma, prosseguiremos um rasgo utilitarista, auferindo e explorando de modo

---

<sup>275</sup> FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 111.

<sup>276</sup> *Ibidem*, nº 162.

esquizofrénico a beleza da natureza onde fomos procriados. Na verdade, “os conhecimentos fragmentários e isolados podem tornar-se uma forma de ignorância, quando resistem a integrar-se numa visão mais ampla da realidade”<sup>277</sup>.

Outro dos desafios será edificar uma solidariedade à escala global reconduzida por valores e princípios morais capazes de promover a fraternidade leal entre os povos. Assim, será compreensível o propósito de uma autêntica equidade coletiva, sistematizada em orientações e ações de estímulo ecológico. A política internacional tem-se preocupado com a salvaguarda da dignidade antropológica e preservação do meio ambiente, não obstante esse esforço parece ser insuficiente num conjunto de problemas que afetam a todos. A proteção ambiental e promoção da integridade humana não podem estar reféns de avaliações de custo e benefício com incentivos que atentam as primeiras. Uma preocupação taxativa com a tecnologia e ciência não resolvem as equações ecológicas que perduram no tempo e espaço sem resolução à vista. Será fundamental uma inteligência matura e audaz através da qual se crie uma estrutura pluriforme de obra em pensamento e recursos, mas, ao mesmo tempo, seja capaz de promover um ambiente saudável e uma vida com qualidade.

As disfunções civilizacionais podem ser corrigidas sem termos de prescindir dos modelos de progresso até agora difundidos. No entanto, é importante que estes comecem a obedecer às regras e valores que impliquem um sentido responsável sobre a economia e seus fins. A redefinição do projeto de desenvolvimento comportará uma produtividade que não acarrete doenças à saúde ambiental e humana. Os sacrifícios e as renúncias neste campo serão expressivos e nos encetarão as pálpebras para a luminosidade de dias saudáveis, saídos de uma obscuridade sem valor.

---

<sup>277</sup> FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 138.

Em suma, durante anos “fabricámos” um mundo confundido por leis deploráveis e vadias, isentas de moral, imunes à benignidade, à fé, à realidade e precisão. Hoje, chegou o tempo de admitir a superficial banalidade de uma vida somente multiplicada do ponto de vista biológico e fisicista, e reconhecer os seus fracassos. Mais do que nunca, é hora de acolher a plenitude existencial, epifania esplendorosamente transfigurada na alegria de uma esperança sem ocaso, buscando a credibilidade e legitimidade para os comportamentos na comunidade. Assim sendo, asseveramos, as relações humanas e afinidades entre a economia, política e cultura obrigam a um toque especial, a bondade. “O amor à sociedade e compromisso pelo bem comum são uma forma eminente de caridade”<sup>278</sup>.

## **6. Síntese programática, um epílogo como início de caminho**

O conjunto dos problemas ecológicos refletem o estado extremo e grave, que o mundo atual enfrenta, fruto de anos consecutivos a estabelecer relações criminosas com a natureza e com a humanidade. Somos débeis na corruptibilidade e, desse modo, impotentes face às dimensões catastróficas que comportamentos alheios à moral impuseram na nossa «casa comum», perante os quais não podemos tolerar uma passividade sufocante. Somos testemunhas de como as nossas condutas estão a degradar tudo o que nos foi ofertado pelo Criador e, pior do que isso, a destruir o ser humano na sua integridade e dignidade.

Uma ação centrada e articulada entre todos poderá favorecer uma resolução apropriada ao problema equacionado. É fundamental restabelecer pontes entre as

---

<sup>278</sup> FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 231.

coletividades, a par de um compromisso individual, em ordem a uma autêntica conversão ecológica. Os conhecimentos fragmentários e isolados podem contribuir e atestar a visão ampla que devemos lograr ao observar a realidade. Todos os contributos merecem ser atendidos, e a união fortalecerá uma resposta sóbria ao problema. Neste momento, é ilegítimo continuar a credenciar postergamentos de solvências, uma vez que a objeção tem de ser dada no imediato, com pena de agrilhoarmos de feição absoluta as afinidades da vida.

Sabemos que só uma metamorfose cognitiva, uma reestruturação do pensamento e consciência globais, poderá conduzir o sujeito a modelos de ação com eficácia entre a situação de desequilíbrio. Acomodada à ordem do dia, a ecologia integral não pode ser, somente, pluralizada em postulados morais, mas carece que esses mesmos axiomas sejam empregáveis e empregados. Em cada coração humano é recomendada uma teodiceia reflexiva e esquemática, tornada veraz na práxis quotidiana, excludente de disfunções e riscos, dissabores e deceções, desencantamentos e sortes cabais. Na lealdade, somos provocados a uma solução indissolúvel, erigindo a reabilitação do meio e progredindo na solidariedade universal. Aqui, “uma justa concepção do desenvolvimento não pode prescindir do respeito pelos seres que formam a natureza visível”<sup>279</sup>.

O antropocentrismo exacerbado, os atropelos de políticas individuais e egocentrismos desmesurados terão conduzido à crise civilizacional, onde o relativismo prolífera e a satisfação despótica é meta, com procedimentos arbitrários e intuições corrosivas, como indicam as assimetrias entre pobres e ricos, a desigualdade na distribuição dos recursos, as disparidades na repartição da vanguarda tecnológica e científica. Tudo isto está encetado num ciclo vicioso. Aqui florescem as grandes

---

<sup>279</sup> JOÃO PAULO II, *Sollicitudo Rei Socialis*, n° 34.

humilhações e dramaticidades observáveis. Esta é uma repetição monótona e fatídica, perante a qual o indivíduo parece desejar permanecer.

O lugar que ocupamos no mundo está desvirtuado. Atentados por quimeras prepotentes, homem e mulher, “criados à imagem e semelhança de Deus” (Gn 1, 27), foram perdendo a honradez no desempenho das responsabilidades próprias a que foram chamados, no zelo e interesse pela comunidade humana, e no respeito pela casa comum. A falta de sensibilidade e equidade fermentou um bem-estar oculto e eclipsado, com reminiscências possessivas e evasivas. Hodiernamente, os direitos são reclamados e os deveres esquecidos. Não obstante, acreditamos que o sujeito poderá sair desta encruzilhada pelos seus próprios meios, quando aberto a novas sensibilidades pessoais e sociais.

Necessariamente, a solução passa por ganharmos consciência que fomos criados uns para os outros, pois enquanto tal só podemos pugnar por um desenvolvimento sustentável para continuidade das atuais e vindouras gerações, o que irá exigir uma maturação universal jubilosa e esperançosa, assente em princípios lúcidos e coerentes. Cremos que o caminho far-se-á em sacrifício de comunhão, de íntima união, até porque “uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto clamor da terra como o clamor dos pobres”<sup>280</sup>.

O Pai Criador confiou-nos um colossal cargo: preservar a casa comum. Não foi aos animais irracionais, mas sim aos humanos racionais que destinou esse mandato, porque os julgou competentes para tal compromisso. Diariamente, somos interpelados a cuidar do nosso meio, a operar nos elementos disfuncionais, a cicatrizar as feridas abertas, e levar a alegria e amor onde permanece a obscuridade e intransigência. O crente deve

---

<sup>280</sup> FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 49.

sentir isto com maior intensidade, com melhor autenticidade. Não esqueçamos que “uma ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação”<sup>281</sup>. Um desafio pedagógico e programático que encetará o ser humano na abertura à beleza e verdade, à bondade e criatividade.

Tenhamos a certeza de que o indivíduo pode dispor do mundo sem Deus, mas “sem Deus só a pode organizar contra o homem. Humanismo exclusivo é humanismo desumano”<sup>282</sup>. O estilo de vida granjeado pela honestidade e por um caminho encetado pela verdadeira liberdade é mote para alcançarmos a sustentabilidade, a justiça e a paz. Devemos reconhecer que “o Deus da Aliança confiou a vida de cada homem ao homem, seu irmão, segundo a lei da reciprocidade no dar e no receber, no dom de si e no acolhimento do outro”<sup>283</sup>. A mesma hospitalidade estará presente na administração ecológica da natureza.

Em suma, o caminho proposto pelo Magistério da Igreja é um itinerário de todos e para todos, exigindo uma marcha longa e laboriosa, mas capaz de apresentar soluções eficazes para grande parte dos problemas ecológicos. Todos são interpelados a um empenho e compromisso salutar, na certeza que “o bem tende a comunicar-se. Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão”<sup>284</sup>.

---

<sup>281</sup> FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 225.

<sup>282</sup> Henri-Marie DE LUBAC, *O drama do humanismo ateu*, Porto Editora, Porto 1943, pág. 10.

<sup>283</sup> JOÃO PAULO II, *Evangelium Vitae*, nº 76.

<sup>284</sup> FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, nº 9.



# **Balanço Sistemático**

## **Capítulo III**

“É nosso dever e salvação dar-vos graças, sempre em todo o lugar,

Senhor, Pai santo, criador do mundo e fonte da vida.

Nunca abandonais a obra da vossa sabedoria, agindo sempre no meio de nós.”

(Prefácio da Oração Eucarística IV)



## 1. Ecologia integral numa ótica global

Na expressividade de uma multiplicidade de aceções, articular as responsabilidades individuais e coletivas subjacentes à consolidação de uma ecologia integral é compromisso melindroso. A sociedade hodierna encontra-se num impasse quanto à definição de artifícios ecológicos, consensuais entre a comunidade universal, a serem adotados pelas instituições públicas e privadas. Da mesma forma, observa-se na contemporaneidade a significação de conceitos apriorísticos acerca da ecologia. Não raras vezes, esta é confinada somente à intelecção, negligenciando-se o plano da prática e execução de normas segundo os direitos de cada qual.

O sensato é aquele que discerne, mediante dados apreendidos de uma educação factual, e por isso sabe converter problemas, resolver equações e descobrir os resultados melhores, sem prejuízo das distintas partes outorgantes. É prudente aquele que é capaz de construir um discurso coerente, o que pauta a sua vida mediante aquilo em que acredita e que procura estimular. A ecologia estimula-nos a esse exercício metódico. Ela é espelho de uma inteligência prática e superior, com critérios e fundamentos discriminados, uma arte retórica e aplicativa nas diferentes possibilidades de ação.

Ora, o ser humano ao “não dar-se conta de outros significados do seu ambiente natural, para além daqueles que servem somente para os fins de um uso ou consumo imediatos”<sup>285</sup>, estará absorto de um campo pluriforme de eventualidades que permitiriam melhorar o património comum, preservando-o e perpetuando-o por entre as várias gerações. Este sentido pleno dos factos é premissa fulcral para aquele que é o critério estruturante do desenvolvimento sustentável: o progresso humano.

---

<sup>285</sup> JOÃO PAULO II, *Redemptor Hominis*, nº 287.

Contudo, tal só é possível através de um compromisso que ressalve as condições morais e éticas que completam a ecologia integral. Um dos enunciados para esse termo poderá partir de uma sentença equacionada pelo papa Francisco: passemos “do consumo ao sacrifício, da avidez à generosidade, do desperdício à capacidade de partilha”<sup>286</sup>, criando os motores para a verdadeira “aldeia global” que vive da partilha e doação de todos e para todos. A perspectiva de uma reciprocidade originária alimenta a humilde crença de uma comunhão entre raças, culturas e civilizações distintas, ajudando-se mutuamente, implicando-se reciprocamente, sem se aniquilarem umas às outras, uma vez que a “reciprocidade de consciências é pedra angular à solidariedade de salvação, numa estrada para mais luz, mais liberdade, mais dignidade”<sup>287</sup>.

Em inúmeras ocasiões é possível observar os procedimentos diplomáticos e sociais a percorrer o sentido contrário à direção da unidade superior, norma do direito que prevê a salvaguarda da ordem estabelecida, em última instância, da relação entre Criador e criatura, e particularmente das criaturas entre si<sup>288</sup>. Por isso, assegurada esta norma, a ecologia poderá ser o retrato de um modo de conceber e praticar, distinto dos restantes, que prevê o bem comum e a solidariedade universal. Na verdade, esta competência, que começa por ser manual, deverá progressivamente desenvolver-se para outras extensões da existência, transfigurando o prudente e o sábio num timoneiro de retos procedimentos.

Entre os sujeitos estarão os dirigentes e todos os que logram um estatuto social irrepreensível que, pela sua exemplaridade, devem ser modelos a seguir por toda a comunidade. Antes de construir políticas e normas globais, devem ser capazes de

---

<sup>286</sup> FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 9.

<sup>287</sup> Bernhard HÄRING, *Teologia moral para o terceiro milênio*, Edições Paulinas, São Paulo 1991, pág. 47.

<sup>288</sup> “A autoridade é uma exigência natural da sociedade, que só pode ser salva do caos graças a ela” (José Ramón AYLLÓN, *En torno al hombre*, Edições Rialp, Madrid 1993, pág. 117. A tradução de todas as citações de origem espanhola serão da nossa responsabilidade.)

observar o ser humano, os seus comportamentos e, assim, traçar o melhor rumo para a sociedade mundial. Deste modo, o ser humano, diante do sentimento ecológico, poderá aspirar à superior sabedoria, um entendimento que não se restringe a um instinto de sobrevivência banal, mas que atende à oblatividade, a um coração cheio de razão, capaz de discernir o bem do mal.

Neste processo, sem dúvida devemos aspirar à sabedoria descrita por Gerhard von Rad: “conhecimento prático das leis da vida e do universo, baseado na experiência”<sup>289</sup>, e similarmente, sustentada “no humanismo e na reflexão sobre o decurso das coisas e da conduta do Homem”<sup>290</sup>. Superada a técnica de um combate fugaz e imaturo, o instinto elementar e irracional, e galgando para um nível posterior, poderemos depor as supérfluas armas de sobrevivência e encontrar preceitos de conhecimento e sabedoria, primordiais para uma visão e conversão ecológica total. Tudo isto se queremos colocar um travão definitivo à esquizofrénica conduta de uma subsistência ridícula assente em quantidades, indiferente às qualidades. Sendo certo que as questões ecológicas não respeitam fronteiras e todos sofrem os sintomas de um ambiente corrompido e poluído, então também as reflexões ambientais e humanas devem ser avaliadas a um nível mundial para que seja possível manter as cidades e aldeias limpas.

Os últimos retratos de uma humanidade dilacerada e ferida pelo desrespeito não são abonatórios, ainda mais quando os “quadros clínicos” mostram ecossistemas completamente exterminados. Ruiz de la Peña corrobora que “uma massa imponente de recursos monetários, naturais e humanos está a ser desviada do seu caminho racional para

---

<sup>289</sup> Gerhard von RAD, *Teología del Antiguo Testamento I*, Sígueme, Salamanca 1972, pág. 508. A tradução de todas as citações de origem espanhola serão da nossa responsabilidade.

<sup>290</sup> Henry CAZELLES, *Bible, sagesse, science*, «RSR» 48 (1960), pág. 42. A tradução de todas as citações de origem francesa serão da nossa responsabilidade.

alimentar esta febre enlouquecida de um sábado-noite sem domingo de ressurreição”<sup>291</sup>. Uma visão subterfugia da realidade e aplicada nas condutas humanas em redor do seu *habitat* evidencia a ausência de um sistema de valores e de sentido que acondicionem uma nova situação, um novo lugar, uma nova casa comum, respirável e saudável.

Qualquer indivíduo ciente das suas responsabilidades tem necessidade de cuidar com apurmo a sua habitação, educar o seu lar e amparar a sua família. Esse sentimento, que é maior que um dever pois se afirma como direito humano, poderia ser maior quando se trata do cuidado para com o património comum, uma casa que herdamos e que trabalhamos, a qual não poderemos deixar degradar. Lembremos o enunciado anteriormente proposto relativo à unidade e agora proposto por Lyon Dahl com outra intensidade: “todos os membros da sociedade e particularmente os seus líderes, devem aceitar o princípio essencial da unidade da humanidade e o ideal que lhe está associado, o da cidadania do mundo”<sup>292</sup>.

Este projeto comum baseia-se no reconhecimento de uma força maior na ordem social própria do direito universal, cuja finalidade plural será o já mencionado bem comum. É preciso encorajar os povos a tomarem o seu lugar no mundo com total independência, mas ao mesmo tempo despertando-os para a sadia convivência. A seu modo, trata-se de uma espiritualidade vivificante, imprescindível para a relação com o meio, não opcional, mas urgente na vida de todos e para todos. Este *modus vivendi* e *modus operandi* será possível com a esperada harmonia entre os elementos que constituem o vasto e rico património legado e eternizado ao longo dos séculos. Aí, o amor

---

<sup>291</sup> Juan Ruiz de la PEÑA, *Teología de la creación*, Sal Terrae, Salamanca 1996, pág. 187.

<sup>292</sup> Arthur Lyon DAHL, *O princípio Ecológico*, Instituto Piaget, Lisboa 1996, pág. 252

é a expressão de “uma abertura ao outro e uma com-vivência e co-munhão com o outro”<sup>293</sup>.

Como é possível avaliar, para muitos teólogos a ecologia integral faz-nos enfrentar um campo relacional de harmonização de elementos. Este prisma aclara uma área que abrange uma conformidade com a natureza ou a criação, sobre a qual, e para a laborar e modificar, o ser humano procura aprofundar um conhecimento das leis da vida e do universo. A acrescentar a esta relação, estará a afinidade no coletivo e as teias sociais nas comunidades que se avizinham, para por último reinventar a relação com a própria interioridade, que, num sentido mais lato, garante um quociente de felicidade e bem-estar.

É tempo de passar à prática os conceitos e procedimentos anteriormente estudados, de modo a fomentar um novo desenvolvimento categorial de cultura integrante e agregadora. A mudança de paradigma alimenta um sonho pertinaz: mais que uma ecologia escrava do intelecto, poderá salientar-se um projeto pedagógico, um decurso maiêutico, pelo qual os “discípulos” são confrontados com a beleza das formas e a verdade dos elementos. A este nível, Adolphe Gesché refere: “O mundo é belo. Deus disse-o na sua primeira palavra. Nós temos que voltar a dizê-lo”<sup>294</sup>.

Esta é uma educação produzida segundo um trâmite deducional, que com certeza se inicia na natureza ou criação, para de seguida se apartar dela o essencial. Até porque a primeira direção da ecologia é sempre a que vai ao encontro do ser humano, capaz de lhe instruir sobre as causas mais nobres e belas que podem potenciar o mundo e a humanidade nos seus modos de habitar a terra<sup>295</sup>.

---

<sup>293</sup> Leonardo BOFF, *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, Vozes, São Paulo 1999, pág. 111.)

<sup>294</sup> Adolphe GESCHÉ, *Dios para pensar II.Dios – El Cosmos*, Les editions du Cerf, Salamanca 1997, pág. 317.

<sup>295</sup> Leonardo BOFF, *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, Vozes, São Paulo 1999, pág. 91.)

A ecologia integral, por tudo isto, interage com a vida. É disso que vamos tratar nos próximos raciocínios acerca dos impactos e, particularmente, alienações, muitas deles altamente irreversíveis pela exposição dos danos, visíveis a olho nu e que, a seu modo, evidenciam uma humanidade pouco preparada para buscar soluções preventivas para os problemas contemporâneos.

### 1.1. Alienações paradigmáticas

Vivemos na contemporaneidade uma crise económica, exemplar pela duração e, a tal ponto, que muitos consideram já uma eternidade. Contudo, são poucos os que descobriram em seu redor as disfunções ou que, pela mesma via, tentaram sanar as alienações onde se promiscuaram e deixaram seduzir homens e mulheres. Em virtude de poucos se empenharem na correção das anomalias, cremos cada vez mais que, à medida que a crise aumenta a humanidade a procura esquecer, resoluções viáveis parecem ser postas de parte, pois exigem mudança dos padrões de vida até agora concebidos.

Como vimos, ao longo deste trabalho, a administração humana não tem sido eficaz aos mais diferentes níveis. No entanto, é notório que ela procede de uma irresponsabilidade e desmemória, prescindindo da sabedoria teórica e prática para resolver as dificuldades hodiernas. Muitos dos desequilíbrios são fruto da crueldade e brutalidade que corrói as vontades e pensamentos humanos<sup>296</sup>. É certo que o governo do mundo e de cada território é exigente, mas pode ser um mecanismo de criteriosamente fazer reinar a justiça, a estabilidade, a solidariedade. Assim não tem sido graças ao pecado instaurado na humanidade. Analisaremos cada qual a seu modo.

---

<sup>296</sup> Aurelio Fernández garante que “A exploração desconsiderada da natureza é levada a cabo por uma minoria de povos e faz-se em benefício de muito poucos homens.” (Aurelio FERNÁNDEZ, *Teología Moral III. Moral Social, Económica y Política*, Facultad de Teología-Burgos, Madrid 2001, pág. 910. A tradução de todas as citações de origem espanhola serão da nossa responsabilidade.)

Começemos por reparar que os recursos económicos começam a ser escassos para uma grande maioria da população, acumulados e esbanjados por grandes empresas e senhores que geram monopólios exorbitantes. A diferença salarial e a disponibilidade financeira acaba por ser um fator de maiores assimetrias, quando a disparidade da recetividade de recursos é uma dificuldade sem solução pela frente. As circunstâncias atuais, longe do direito à dignidade humana, comprometem as iniciativas que visam uma melhoria regrada e gradual das condições de vida dos sujeitos.

Esta instabilidade agravou-se mais quando, para “responder a todas as necessidades básicas da população do planeta, em alimento, em energia e água, se promoveu a degradação ambiental [...] a par da delapidação dos recursos naturais”<sup>297</sup>. Os reflexos dessa insustentabilidade são consequência de uma atitude relutante que se afasta do compromisso social e comunitário. Por isso, os primeiros problemas relativos à questão ecológica são as alienações sociais que, cada qual com a sua importância, deixam marcas profundas no agir humano. As pressões exercidas pelas grandes potências são sempre espelho do que falamos: as sociedades abastadas assentaram o seu progresso, quase exclusivamente, na exploração de terceiras<sup>298</sup>.

Desse modo, o subdesenvolvimento nas regiões paupérrimas, não raras vezes provocado pela comunidade, são resultado dos escassos recursos e da exploração de terceiros levada a cabo pelos “senhores do mundo”, despojando muitas civilizações dos seus recursos naturais, da sua cultura e, em última instância, dos autóctones mais capazes, de onde se criou o conceito da “fuga de cérebros”<sup>299</sup>.

---

<sup>297</sup> Helena FREITAS, *Sobre o (des)equilíbrio ecológico da Terra*, «Bíblica – série científica» 12 (2003) pág. 183 e 184.

<sup>298</sup> Cf. François RAMADE, *Éléments d'écologie – écologie appliquée*, Ediscience International, Paris 1992, pág. 40. A tradução de todas as citações de origem francesa serão da nossa responsabilidade.

<sup>299</sup> Acresce que, “o subdesenvolvimento em muitos países e regiões resulta não só de possuírem fracos recursos e maus governantes, mas também do facto de terem sido explorados durante séculos, despojados

As alienações sociais são estimuladas com a putrefação e fanatismos antropocêntricos. A má utilização dos recursos ainda existentes deixa estigmas, estando em causa a aproveitação destes para fins perniciosos, fins esses que não olham a meios, nem respeitam a uniformidade, a evolução e a cortesia associadas ao seu uso. Este aproveitamento mancha, polui, deteriora a terra que habitamos e, especificamente, exhibe um modo deplorável de construir relação e conexão entre vontades e desejos humanos.

E habitar a Terra vai além do simples trabalhar. Pelo contrário, são inúmeros os casos em que o ser humano usa da sua violência para explorar e devastar áreas de fauna e flora abundante. O empobrecimento da biodiversidade deve-se em grande medida às “atividades humanas, quer sejam para transformar a floresta em terra agrícola ou para simplesmente extrair recursos”<sup>300</sup>. A auxiliar esta desarborização está a poluição e o efeito de estufa, consequência das condutas irresponsáveis dos indivíduos. Trata-se, portanto, de uma perícia especial que conduz à destruição, isto é, o ser humano anda sedento de morte e destruição, sem nunca ter consciência dessa sua fragilidade.

Vejamos que a exploração desestruturada dos recursos é sedimentada por uma reduzida densidade populacional, fazendo-se também representar como benefício para uma pequena comunidade de pessoas. Por seu turno, as ingerências prejudiciais ao nível ecológico podem garantir a sustentabilidade dessa minoria, mas ao mesmo tempo estarão a prejudicar grande parte da sociedade. Este “incremento contínuo e ascendente de procura de recursos conduzirá diretamente ao colapso planetário”<sup>301</sup>, tantas vezes ofuscado pelos planos e programas lançados pelas grandes empresas que dizem contribuir

---

dos seus recursos naturais, da sua cultura específica e das suas elites dirigentes mais capazes”. (João Joanaz de MELO e Carlos PIMENTA, *Ecologia e Ambiente*, Difusão Cultural, Lisboa 1993, pág. 35)

<sup>300</sup> AA.VV. *A floresta ameaçada*, in Martine BARRERE (dir.), *Terra Património Comum*, Instituto Piaget, Lisboa 1993, pág. 55.

<sup>301</sup> Juan Ruiz de la PEÑA, *Teología de la creación*, Sal Terrae, Salamanca 1996, pág. 185.

para a qualidade do ambiente, mas que no seu dia-a-dia continuam a dirigir as suas ações práticas por terrenos perigosos para a ecologia. Não se trata de condenar o progresso, nem tão pouco defender uma visão negativa dos factos, olhando com desconfiança a tecnologia e a ciência, mas antes de assumir uma posição criteriosa em relação aos intentos menos favoráveis para a humanidade, associados aos modelos de crescimento da sociedade atual.

É expectável que uma parte considerável dos círculos financeiros e culturais tentem ofuscar o problema ecológico dos debates mundiais. Contudo, é ridículo o seu modo de atuar, procurando conservar os procedimentos de sempre, aqueles que conduziram a comunidade à crise. Esta perspetiva reducionista tem-se agravado e os exemplos de arbitrariedade são hoje conhecidos, inclusive fortemente divulgados pela comunicação social. No entanto, não deixa de ser expressivo que a autoridade se concentre nos mesmos de outros tempos e, em particular, a acumulação de poderes superabunde, somente, entre os governantes e empresários acreditados, mesmo pautando eles a sua vida por fracos valores<sup>302</sup>.

Este esvaziamento de participação social e consequente centralização de tomadas de decisões faz despontar a dramática guerra entre gerações. Em termos práticos, gerações atuais esgotam as possibilidades às gerações futuras, ainda que, todavia, enquanto ser em relação, o indivíduo devesse pautar a sua vida pela sadia familiaridade com os seus descendentes. Assim, “a supre elite da nova era estará constituída pelos Condicionadores, os Controladores, os Motivadores”<sup>303</sup>, isentos dos modelos éticos e indiferentes aos imperativos da consciência.

---

<sup>302</sup> Não esqueçamos que “os poderes da geração presente reduzem dramaticamente os da seguinte geração” (Juan Ruiz de la PEÑA, *Teología de la creación*, Sal Terrae, Salamanca 1996, pág. 188.)

<sup>303</sup> Juan Ruiz de la PEÑA, *Teología de la creación*, Sal Terrae, Salamanca 1996, pág. 185.

Perante atrocidades desta magnitude, só questionando o futuro e a esperança depositada nele pela sociedade contemporânea poderemos nutrir a expectativa de um rumo diferente e consentâneo com o desenvolvimento integral e sustentável. A gestão do erário público e privado terá que ser bem articulada entre as gerações para que uns não sejam desprestigiados em detrimento dos outros. O enquadramento legal deste quadro comunitário assentará na maximização e eficiência dos recursos disponíveis, sem nunca atentar contra a subsistência destes<sup>304</sup>. Além do mais, antes de aprovar qualquer norma deverá ser estudada a sua eficácia a curto, médio e longo prazo. Sem essa atitude, será difícil encontrarmos uma solução preventiva para o problema ecológico.

Obviamente, todas as alienações paradigmáticas que aqui vamos exposto resultam de uma interação de fatores, desde a contaminação, passando pela extinção dos recursos, agravando-se com um aumento populacional desordenado. Estes elementos são fruto de um progresso que não calculou os meios para atingir os fins. Com efeito, consideramos que a sociedade hodierna se afastou do ideal de desenvolvimento para satisfazer as suas necessidades tirânicas, vindo a desvirtuar-se o próprio conceito. A partir de então, o crescimento da sociedade viria a pautar-se por vetores que levariam à degradação ambiental<sup>305</sup>.

Na verdade, a imagem de desenvolvimento foi perdendo o seu alcance inicial, desconetado do seu verdadeiro sentido, unicamente centrado numa minoria e na fruição

---

<sup>304</sup> Não temos o direito de hipotecar o futuro e reduzir a esperança das gerações vindouras. Pelo contrário, “devemos reconhecer-lhes o direito a um mundo com potencialidades intactas sobre as quais possam exercer a sua escolha” (Otto SCHÄFER-GUIGNIER, *Ecologia e Cristianismo*, Perpétuo Socorro, Porto 1999, pág. 74.)

<sup>305</sup> Convém lembrar que “não é desenvolvimento qualquer intento de esgotar a natureza, com um domínio caprichoso e despótico, e tampouco o é a produção de bens que não aperfeiçoe o ser humano do homem, mas que o degrade” (Aurelio FERNÁNDEZ, *Teología Moral III. Moral Social, Económica y Política*, Facultad de Teología-Burgos, Madrid 2001).

do imediato. Esta fronteira trouxe consigo a enunciação de realidades limitadas por uma procura do essencial, em particular da busca por uma melhor qualidade de vida para a sociedade em geral. Porém, os proveitos do progresso foram canalizados para uma minoria, deixando de parte uma larga maioria sem recursos nem bens, imprescindíveis à sua subsistência. Ao não se ter em conta toda comunidade, o desenvolvimento foi considerado essencialmente pelos remédios que trazia ao tempo presente, desprezando as consequências nefastas e prejudiciais para o tempo futuro<sup>306</sup>.

Os modelos económicos e sociais atuais, nos quais estão implicadas as vidas de todos os seres vivos, evidenciam-se pela sua debilidade histórica, ao encontrarmos neles profundas lacunas que levaram a crises sucessivas. A evolução dos cenários sociais e económicos mostra avanços, prontamente seguidos de inapropriados retrocessos. Ora, não podemos continuar a qualificar de desenvolvimento o que apenas traz favores ao presente, vindo a esgotar as possibilidades no futuro. Efetivamente, os modelos socioeconómicos vigentes são regidos por padrões de consumo e de exploração, motores esses maioritariamente egoístas e despóticos. Para muitos sociólogos o problema reside na “privatização do Estado e dos anéis burocráticos que ligam a alta administração do Estado aos grupos privados”<sup>307</sup>.

Em pleno século XXI, o progresso continua refém dos crimes cometidos e dos flagelos impostos à mãe-natureza, agravando-se com os arbítrios caprichosos dos indivíduos que se julgam donos do mundo. É em torno destes que a economia gravita, sendo esta praticamente esquizofrénica e exploratória. Vejamos que o progresso tinha

---

<sup>306</sup> Entre essas consequências está a sentença de Clive Staples Lewis: “a conquista da natureza pelo homem culminará com a conquista do homem pela natureza” (Clive Staples LEWIS, *La Abolición del Hombre*, Ediciones Encuentro, Madrid 1994, pág. 19. A tradução de todas as citações de origem espanhola serão da nossa responsabilidade.)

<sup>307</sup> Ignacy SACHS, *Que desenvolvimento para o século XXI?*, in Martine BARRERE (dir.), *Terra Património Comum*, Instituto Piaget, Lisboa 1993, pág. 94.

como justificação libertar o ser humano das masmorras da fadiga e stress do trabalho diário, minorar e distribuir equitativamente o tempo imprescindível para produzir os bens e serviços que a população necessita. Por sua vez, o tempo livre deveria ser motivo de preenchimento cultural, enquanto a superfluidade económica devia estar subordinada à autonomia económica. Estamos demasiado longe desta meta e da redução do tempo de trabalho passamos à proliferação da vaga de desemprego sem igual.

Neste imbróglio, “o futuro [...] dependerá da capacidade comum de reconstruir o tecido das instituições e relações internacionais, de maneira a criar sinergias e complementaridades”<sup>308</sup>. Naturalmente, o progresso e/ou crescimento económico são necessários, mas não são suficientes, nem tão pouco pode o ser humano afinar a sua vida por essas pautas. Não se trata de descurarmos o passado e recomeçarmos de novo, mas de aprender com os limites dos caminhos anteriormente trilhados e, progressivamente, reconstruirmos um círculo virtuoso, onde a racionalidade socio-ecológica seja imprescindível.

Em causa está a adaptabilidade a um outro modo de estruturar e fomentar o desenvolvimento, indagando a harmonia entre a sociedade e o ambiente/natureza. Como fomos observando, a degradação ambiental e corrupção social conduziram-nos a um péssimo desenvolvimento. Reflexo disso mesmo foi a debilidade na promoção da integridade e dignidade humana. Nunca o indivíduo tinha sido colocado numa posição de vulnerabilidade como no presente e, ainda mais pelo próprio. Enfim, a esperança terá que ser depositada na justiça social pró-ativa, na prudência ecológica persuasiva e na eficácia económica agregadora.

---

<sup>308</sup> Ignacy SACHS, *Que desenvolvimento para o século XXI?*, in Martine BARRERE (dir.), *Terra Património Comum*, Instituto Piaget, Lisboa 1993, pág. 95.

A eventualidade de uma tecnologia galopante no imediato deve atemorizar todos, não para ficarmos no nosso canto como no passado, mas para adotarmos soluções precaucionais em relação ao presente e ao vindouro. A interferência na natureza terá que ser regradada, dando espaço ao seu normal funcionamento e desenvolvimento, para que a sua sobrevivência não seja afetada. A evolução da humanidade deverá passar por achar resoluções verídicas para o problema ecológico, onde os efeitos prejudiciais desse uso sejam os menores.

A este propósito, “a luta contra os desequilíbrios ecológicos não justifica, de modo nenhum, o congelamento do desenvolvimento nem a manutenção dos desequilíbrios económicos e sociais”<sup>309</sup>. O ser humano tem a capacidade de fazer o mal, ser cruel e exterminar tudo o que o rodeia, isso já o mostrou com as discórdias armamentistas. No entanto, acreditamos que o mesmo ser humano é capaz de praticar o bem, ser bondoso e embelezar o património comum. Não se trata de uma esperança utópica, mas de uma certeza efetiva: o sujeito, “criado à imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,2), pode acolher a criação e potenciá-la como dom concedido pela Alteridade. Sem dúvida alguma, a competência e qualificação humanas são o padrão do autêntico desenvolvimento.

Não obstante, o desafio equipara-se a uma outra categoria. As alienações paradigmáticas derivam de uma outra alienação que acompanha o ser humano desde sempre: o mal e/ou pecado, “desmascarado como abuso da liberdade dada por Deus, com a inevitável consequência que uma liberdade roubada transmuta-se em rebelião contra a origem deste grande dom e conduz à escravidão”<sup>310</sup>. Decerto, encontramos nestes a origem dos desequilíbrios vividos e sentidos pelo ser humano. Eles condicionam a

---

<sup>309</sup> Otto SCHÄFER-GUIGNIER, *Ecologia e Cristianismo*, Perpétuo Socorro, Porto 1999, pág. 74.

<sup>310</sup> Bernhard HÄRING, *Teologia moral para o terceiro milênio*, Edições Paulinas, São Paulo 1991, pág. 46

liberdade humana, despertando-nos para uma versão dos factos despótica, como anteriormente falávamos. É sobre o mal que procuraremos discernir agora.

### 1.2. A liberdade mal usada

Na sua vulnerabilidade, o indivíduo, enquanto ser contingente, pauta as suas condutas por valores mais ou menos precisos, orientando a sua vida por caminhos direitos ou tortuosos, respetivamente. Nesta ordem dos factos, o problema está no mau uso da liberdade, característica radical do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus. Na mesma ordem, o amor gratuito de Deus manifesta-se nas decisões livres dos sujeitos, pois Deus não permuta, mas fomenta a responsabilidade na nossa liberdade<sup>311</sup>.

Contudo, este compromisso e agir evangélico nem sempre é aperfeiçoado, nem tão pouco notado. É aqui que o crescimento na vocação à liberdade é atentado, precisamente, quando o ser humano se desvia do bem e das realidades a ele associadas. Isto porque o sujeito também é capaz de pautar a sua atividade pelo mal. Nesta caminhada, aflora uma conclusão premeditada da vitória do indivíduo sobre a natureza: “a submissão de toda a raça humana a alguns homens, e estes homens sujeitos ao que neles é puramente natural, os seus impulsos irracionais”<sup>312</sup>. Com efeito, estamos perante uma alienação de ordem moral que levanta questões do foro antropológico e ontológico. A seu tempo, passaremos a analisar.

A “caixa de ressonância” na qual germina o mal é complexa e, tantas vezes, difícil de explicar. Já Santo Agostinho dizia que o mal era unicamente privação do bem: “o mal

---

<sup>311</sup> Sobre a responsabilidade e liberdade, José Ayllon elucida-nos: “Os atos pertencem ao agente porque sem o seu querer não se tinham produzido. E é o agente quem conhece a finalidade dos seus atos e, por conseguinte, quem melhor pode dar explicações sobre os mesmos” (José Ramón AYLLÓN, *En torno al hombre*, Edições Rialp, Madrid 1993, pág. 117.)

<sup>312</sup> Clive Staples LEVIS, *La abolición del hombre*, Ediciones Encuentro, Madrid 1994, pág. 67.

não tem natureza alguma, pois a privação do bem é que tomou o nome de mal”<sup>313</sup>. Por sua vez, São Tomás de Aquino, no seu estudo sobre o mal, corroborava a existência do mal em função da existência do bem: “o mal não é um ser, mas está num ser, que o mal priva de um determinado bem”<sup>314</sup>.

Para melhor entender o mal, há que ir à revelação que nos propõe uma conspeção, tanto quanto ela é possível, do mistério a ele associado no decorrer da Sagrada Escritura. Esta imagem surge, especificamente, nos elementos descritivos da reflexão sapiencial ostentada pelo terceiro capítulo do Génesis: no início o ser humano era muito bom (Gn 1, 31), e por isso o pecado não pertence à essência ontológica do ser humano; mas posteriormente a serpente leva o ser humano ao pecado (Gn 3,1). Precisamente, vejamos que o pecado se concretiza a partir de uma atitude livre de Adão e Eva (Gn 3,6), de tal forma que “o homem não inventa o mal, mas deixa-se seduzir sem considerar a transcendência deste acontecimento na história da humanidade”<sup>315</sup>.

Face ao mal com contornos e propósitos diversos, o sujeito facilmente cede, separando-se de Deus. Em certa medida, o mal e/ou pecado é a inversão da ordem natural dos acontecimentos e dos elementos e, por isso, representa um afastamento moral<sup>316</sup>. Embora este afastamento não se efetive, pois Deus mantém-se presente, o ser humano recusa a sua presença. Daí começa a sua desintegração moral, social, cultural e espiritual. O mal prolifera quando somos pávidos e surdos à aliança com Deus e com os irmãos, quando nos esgotamos na autossuficiência<sup>317</sup>.

---

<sup>313</sup> STO AGOSTINHO, *Cidade de Deus*, XI, 9.

<sup>314</sup> SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Questões disputadas sobre o mal*, t. II.

<sup>315</sup> Pedro Urbano MENESES, *No princípio Deus criou*, Diel, Lisboa 2009, pág. 90.

<sup>316</sup> Alcindo COSTA, *Génesis - das lendas e mitos da Criação à fé no Deus Criador*, Difusora Bíblica, Lisboa 2002, pág. 77.

<sup>317</sup> Joseph Ratzinger considera que o pecado é muito mais do que a negação de Deus: “a primeira coisa não é a negação de Deus, mas a dúvida acerca da sua aliança, acerca da comunidade de fé e oração, dos

No plano de Deus, o egocentrismo e a avidez desregradas não têm lugar, pois esgotam os dons que deviam ser repartidos por toda a comunidade. De igual modo, este pecado, que acompanha o ser humano desde sempre, torna-se evasivo e expõe feridas cujas cicatrizes são inúmeras vezes difíceis de curar. Na sua natureza, o mal e/ou pecado são ressonância de uma liberdade mal aconselhada, de uma consciência mal formada e de uma vontade desapropriada. Como nos refere André Wénin, o ser humano “pretendendo assim possuir tudo, espalha a morte. Sobre a natureza, sobre os animais e sobre ela mesma, semeia violência e morte”<sup>318</sup>.

A falta humana começa quando se toma e se come, isto é, se usa dos bens e recursos para devastar, absorver, fazer seu o que é de todos e para todos. Trata-se de uma monopolização imprópria, culminada pela ambição, concupiscência e zelotipia vãs. Na verdade, o mal tem associado à sua natureza a gravidade de uma ação inoportuna, geradora de situações constrangedoras e de suma perigosidade para o ser humano e tudo quanto o rodeia e nesse mal se vê implicado.

Porventura, essa mesma perigosidade tem-nos tornado indiferentes a tanta maleficência e, hoje, já nem se fala de pecado com medo de exasperar a sociedade contemporânea. Por isso, “em quase todo o lado, o pecado tornou-se um dos assuntos de que não se fala. [...] Numa tal atmosfera quantitativa, toda a ideia do que é moral foi completamente abandonada”<sup>319</sup>. Neste contexto, encontramos o epicentro da nossa reflexão: o ser humano não reconhece nem quer reconhecer o valor das leis porque as vê como sintomas de uma liberdade condicionada.

---

mandamentos, de tudo quanto é contexto para viver a aliança de Deus. (Joseph RATZINGER, *No princípio Deus criou o céu e a terra*, Princípia Editora, Lisboa 2009, pág. 61.)

<sup>318</sup> André WÉNIN, *O homem bíblico – leituras do primeiro testamento*, Edições Loyola, São Paulo 2006, pág. 37.

<sup>319</sup> Joseph RATZINGER, *No princípio Deus criou o céu e a terra*, Princípia Editora, Lisboa 2009, pág. 58 e 59.

Embora exista uma sensibilidade atenuada a alguns males instalados na comunidade global, não podemos negar a sua existência nem tão pouco esquecer os prejuízos provocados. Em termos práticos, vem sendo tempo de negarmos uma certa oligarquia, renunciando à ilusão da autonomia e poderio, para crescermos em comunhão e solidariedade, tendo presente os sentimentos que favorecem a saudável e normal convivência entre os seres vivos. Assim sendo, o mal é uma experiência que exige do ser humano a sua redenção, até porque “a nossa natureza, sem dúvida ferida, não está de nenhuma maneira perdida e corrompida”<sup>320</sup>.

Em tempos incertos, as atitudes humanas vêm-se apartadas das orientações morais, não raras vezes derivando nos relativismos e fundamentalismos hodiernos. A cultura secular pediu o divórcio dos princípios e valores<sup>321</sup>. Hoje, a laicidade prolifera por todos os cantos do mundo e, sem barreiras nem entraves, é um propósito de toda a humanidade. Porém, as interferências deste estilo de vida, desnorteado e descomedido, estão a contribuir para a degradação ambiental como também para a desestruturação humana. É evidente que a crise ecológica e humana são o desfecho de uma vida arredada dos valores, de uma ética social e teológica.

No epicentro da nossa comunidade, facilmente encontraremos uma premissa: o problema ecológico e todo o enquadramento da ecologia integral não se esgotam em si mesmos, mas encontram a sua natureza e ulterior cogitação num campo mais vasto, numa outra crise perturbadora. Trata-se de uma insatisfação do ser humano generalizada, que

---

<sup>320</sup> Adolphe GESCHÉ, *Dios para pensar II. Dios – El Cosmos*, Les editions du Cerf, Salamanca 1997, pág. 290.

<sup>321</sup> No seu tratado sobre a teologia e a teoria social, John Milbank qualifica o secular como “um espaço artificial que era puro *dominium*, ou esfera do arbitrário.” (John MILBANK, *Teologia e Teoria Social*, Edições Loyola, São Paulo 1995, pág. 33.)

Marciano Vidal qualificou de “mal-estar moral”<sup>322</sup> e que diz respeito, não somente ao modo como o indivíduo cuida da sua espécie, como também aos procedimentos utilizados na relação com o meio que o rodeia, e neste caso, especificamente, com a ecologia.

Esta perigosa crise atinge o sujeito desde o seu íntimo, no seu temperamento, vindo a manifestar-se no modo como se relaciona com o mundo que o rodeia. Se noutros tempos dúvidas houvesse acerca do desvio de valores, a atualidade indica-nos uma certeza: a crise ecológica está implantada numa crise de valores sem precedentes. Com efeito, este problema afigura-se-nos bem mais complexo do que possamos imaginar, uma vez que por ele toda a humanidade está em risco de colapsar. A crise ecológica “é somente a ponte do iceberg, a parte visível, mediatizada e explorada”<sup>323</sup>, pois a extensão do seu sentido é mesmo a congelação dos valores humanos.

De novo, o relativismo e o fundamentalismo são modelos sociais que nos fazem chegar a um acabamento adverso: “um antropocentrismo desordenado gera um estilo de vida desordenado”<sup>324</sup>. A negatividade deste estilo de vida é unilateral. O indivíduo deixou de cuidar de si próprio, não gosta de si, vivendo empenhado em encobrir e disfarçar as suas imperfeições e limitações exteriores, sem nunca se preocupar com as incorreções e os vícios interiores. Joseph Ratzinger considera que o sujeito foi o desmedido “perturbador da paz”<sup>325</sup>, comprometendo a ordem civil e a convivência social.

---

<sup>322</sup> O nosso autor considera que a realidade pós-conciliar (Concílio Vaticano II) afigurou-se penosa. Enquanto, a Igreja procurava fomentar os valores evangélicos e humanos, a humanidade parece ter-se fechado e esgotado nos relativismos e fundamentalismos atuais. Este processo foi denominado por Marciano Vidal de “mal-estar moral”. (Marciano VIDAL, *Orientaciones éticas para tempos inciertos*, Editorial Desclée de Brouwer, Bilbao 2007, pág. 16. A tradução de todas as citações de origem espanhola serão da nossa responsabilidade.)

<sup>323</sup> Isabel VARANDA, *Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador*, «Theologica» 38 (2003) pág. 305.

<sup>324</sup> FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 122.

<sup>325</sup> Cf. Joseph RATZINGER, *Creación y pecado*, EUNSA, Pamplona 2005, pág. 62.

Por conseguinte, o problema ecológico assume-se irreversível, em virtude do seu modelo difuso e complexo, onde o real é todos os dias posto em causa. Este é um problema globalizado e pode-se evocar como uma “crise da totalidade do sistema com todos os seus sistemas parciais, desde a extinção dos bosques até à propagação das neuroses, desde a poluição das águas até ao sentimento niilista vital de muitos habitantes das cidades massificadas”<sup>326</sup>.

Deste modo, falar de crise ecológica é muito pouco quando, na verdade, o que está em causa é a ausência de valores, um golpe nas aspirações que cada quadro deontológico deve preservar. Por seu turno, a destruição e os crimes cometidos que constam da normalidade do quotidiano de todas as comunidades contemporâneas, provocando enfermidades fatais, nocivas para os organismos vivos, evidenciam os resultados concomitantes de um sistema de vida cuja fatalidade é o fim. A destruição ambiental, mais do que representativa do desgaste dos recursos e bens materiais, é espelho de uma vida sem sentido, desnordeada<sup>327</sup>.

A perda de sentido do valor da vida é constante perante momentos de tensão e/ou de negatividade. O ser humano, não sendo capaz de tratar os efeitos contraproducentes de uma situação constrangedora, acaba por questionar a sua existência e pô-la em causa, uma vez que não vê futuro nem esperança no meio da mais pequena desilusão. A falta de uma visão mais ampla, que garanta novos elementos que sirvam de fuga aos contextos opressivos, revela-se inoperante para quem uma equação libertadora parece não ter significado na sua vida.

Não é por acaso que tantos indivíduos procuram uma resolução fácil face aos momentos de fracasso, de desgosto, seja na sua vida profissional ou pessoal. No entanto,

---

<sup>326</sup> Jürgen MOLTSMANN, *Dios en la creacion*, Sígueme, Salamanca 1987, pág. 36.

<sup>327</sup> Cf. *Ibidem*, pág. 37.

essa solução parece passar, para muitos, pelo suicídio, incapazes de ponderar sobre as suas vidas e dar um novo rumo à sua existência. Esta esquizofrenia humana, como aqui já apreciamos em diversos momentos, explica o reduzido grau de aceitação de si próprio. Aliás, o ser humano tomando consciência do seu pecado e do mal praticado, esconde-se e aborrece-se de si, ao invés de procurar solucionar as dificuldades das suas práticas egoístas. Posto isto, a posição quando levada ao extremo assume contornos novos. Com profundas alterações psicológicas e psiquiátricas, o sujeito atenta contra a sua vida e a vida dos outros através dos morticínios, pois perde a consciência de que “não pode salvar-se sozinho”<sup>328</sup>.

Não há incertezas acerca do enquadramento da crise ecológica. Ao longo dos últimos séculos, a tranquilidade foi ameaçada pela falta de respeito para com a natureza e para com o ser humano. A crise ecológica é um problema moral, gerado na autossuficiência e prepotências humanas, que sustentou utopias progressistas, cujo desfecho foi somente a produção massificada de bens e serviços, sem atender aos recursos consumidos<sup>329</sup>. Tratou-se de um desenvolvimento que não foi propriamente, em virtude de não contribuir para um progresso sustentável mas implicar a devastação e exoneração.

Mediante estas referências, compreendemos que a crise ecológica começou quando a vontade humana, diante da sua liberdade, se inclinou para o mal, deixando-se cativar pela fruição do imediato, e despreocupada com os quadrantes menos abonatórios para a sobrevivência dos ecossistemas. Hoje, fala-se facilmente, “com boa vontade, sobre a liberdade, mas não se pensa, com boa vontade, na fidelidade”<sup>330</sup>, isto é, em ser-se promotor de uma liberdade e fidelidade criativas ao primeiro chamamento, o da vida. Este

---

<sup>328</sup> Joseph RATZINGER, *Creación y pecado*, EUNSA, Pamplona 2005, pág. 100.

<sup>329</sup> “A crise ecológica é também, e sem dúvida fundamentalmente, uma crise dos nossos valores” (Otto SCHÄFER-GUIGNIER, *Ecologia e Cristianismo*, Perpétuo Socorro, Porto 1999, pág. 8.)

<sup>330</sup> Bernhard HÄRING, *Teologia moral para o terceiro milênio*, Edições Paulinas, São Paulo 1991, pág. 28

modo de prosperar no espaço foi arrojado uma vez que desde sempre o ser humano teve plena consciência dos efeitos prejudiciais das suas condutas. A larga experiência dos seus antepassados poderia ter servido de exemplo para não se cair novamente no mal já anteriormente praticado.

Não obstante, as dificuldades criadas pelo pecado praticado, a sua natureza espelha uma realidade diferente, a necessidade de conversão e reconciliação que fazem parte da dinâmica da vida moral. Por isso, do mesmo modo que o indivíduo pratica o mal, também tem a possibilidade de corrigir os erros, procurando a redenção com a criação. De uma sociedade refratária das equações morais passaremos a uma comunidade permeável aos princípios e valores que decorrem do círculo ético. Deste modo, a crise ecológica será sanada com a redescoberta dos alicerces do nosso sustento, com o aumento da qualidade de vida e com o apreço e defesa do maior tesouro que nos foi oferecido: a vida<sup>331</sup>.

Só então teremos condições para fomentar a educação e espiritualidade ecológicas e humanas, encontrando novo rumo para as atitudes humanas. Neste patamar, a educação poderá fornecer elementos de discernimento para uma maior receptividade, enquanto a espiritualidade poderá ser a mãe para a inteção do valor ostentado pela riqueza natural e patrimonial do ambiente e do próprio ser humano. De seguida, trataremos disso mesmo.

---

<sup>331</sup> Cf. André WÉNIN, *O homem bíblico – leituras do primeiro testamento*, Edições Loyola, São Paulo 2006, pág. 149.

## 2. Primórdios de uma transformação

Entre leis e normas da comunidade internacional, entre protocolos e pactos sociais promulgados pelos Estados, vemos uma preocupação superior pela natureza, que ainda está refém de interesses económicos e políticos. Nos dias que correm, são muitas as resistências à preservação e ao cuidado do ambiente, isto porque o ser humano continua subalterno de um desenvolvimento tecnológico que implica o esgotamento dos recursos e, conseqüente, deterioração da fauna e flora<sup>332</sup>. Mas, estaremos a avançar com uma teoria que avalie todos os dados científicos da transformação do meio ambiente a uma escala planetária? As diferentes teorias que vão surgindo, aqui e ali, são reflexo de uma atitude preventiva e universal? O que fazer para mudar esta conjuntura?

Há muito que se vem argumentando a necessidade de uma integração multidisciplinar das diferentes ciências do meio ambiente a fim de arquitetarem uma única e autêntica ciência da biosfera. No entanto, consideramos já haver formulações, possivelmente em demasia, sobre o estado e a representatividade da fauna e flora na Terra. O que está em falta, será antes uma tal teoria que inclua as alterações espaciais e temporais dos processos ecológicos, persuasiva na melhoria feita aos dados essenciais sobre a natureza, e cuja evolução seja avaliada de forma qualitativa e, posteriormente, quantitativa. Num primeiro plano, interessa a qualidade do ambiente e, subsequentemente, a quantidade dos recursos naturais.

Em plena era tecnológica e científica dispomos de ferramentas nunca antes conhecidas, instrumentos esses que deveriam ser postos à disposição da comunidade

---

<sup>332</sup> “No uso desmedido dos bens criados e no abuso da natureza [...] está latente um conceito consumista da vida, uma falsa apreciação do progresso e a redução do desejo de bem-estar humano ao ideal de um gozo material sem limites nem fronteiras” (Aurelio FERNÁNDEZ, *Teología Moral III. Moral Social, Económica y Política*, Facultad de Teología-Burgos, Madrid 2001. pág. 33.)

internacional com o fim último de aperfeiçoar a nossa relação com o ambiente. Na verdade, “temos à nossa disposição os instrumentos necessários – computadores, dispositivos sofisticados de análise química, observação via satélite, etc. –, mas temos necessidade de mudar em profundidade as nossas mentalidades e os nossos programas científicos”<sup>333</sup>.

Deste modo, com novos paradigmas de enquadramento teórico sobre o valor da ecologia, que sejam concludentemente ministrados nos locais apropriados (escolas, família, catequese, etc.), poderá o ser humano modelar a sua vida pelos princípios que fomentem a coesão social e promovam o desenvolvimento sustentável, defendendo a Terra, um património de todos e para todos.

Não nos podemos dar por vencidos face ao problema ecológico que teima em permanecer como problema crónico da nossa civilização, muito menos ficar imóveis no fundo do abismo, carregado de tons cinzentos e pouco alegres. É preciso acreditar que o novo dia despontará harmonioso e tranquilo, melódico e sorridente, como assim deve ser. A nossa geração terá que dar prova de uma imaginação fecunda e de uma perseverança afincada, acreditando estar nas suas mãos um futuro melhor e, corretamente, essa imagem poderá traduzir-se como perceção das qualidades imprescindíveis à conservação da vida na Terra.

Sendo assim, torna-se necessária uma educação que sirva de invocação à ética, um ensino multidisciplinar que avalie as consequências positivas e negativas de todos os comportamentos, para, de seguida, defender os comportamentos exemplares para a defesa e cuidado da natureza. Prontamente, poder-se-á construir uma sociedade justa e equilibrada, símbolo da convivência harmónica entre os seres que a integram. Deste

---

<sup>333</sup> Daniel BOTKIN, *Que ecologia para o século XXI?*, in Martine BARRERE (dir.), *Terra Património Comum*, Instituto Piaget, Lisboa 1993, pág. 16.

modo, também o ambiente sairá a lucrar quando se fizer da ecologia integral “uma chamada constante contra a degradação a que pode chegar a sociedade quando perde o verdadeiro sentido dos bens criados”<sup>334</sup>.

Embora alguns críticos tracem um futuro com rasgos sombrios, acreditamos ser possível uma alteração na essência dos padrões de comportamento do indivíduo, em particular, através de um papel pró-ativo a ser desenvolvido pelas ciências do meio ambiente e pela comunidade em geral. Estas poderão pautar a sua ação pela educação e espiritualidade ecológicas, onde o dever comum seja imagem de um desenvolvimento e solidariedade, e promova uma moral das atitudes mais íntegra e capaz de ser observada pelo sujeito hodierno. Sem dúvida alguma, a resolução do problema ecológico terá que partir da instrução, para depois ser exequível uma alteração de comportamentos.

### 2.1. Compromisso ético-ecológico (educação e espiritualidade)

A deliberação do problema ecológico passa, em grande medida, pela articulação dos elementos e seu discernimento, a partir dos quais será possível empreender uma alteração de padrões sociais. Deste modo, crê-se que a resolução da crise ecológica e humana tenha como principal motor uma transformação interior e profunda do ser humano. Nada se pode conjecturar senão a partir de uma ótica humana, onde mais do que soluções exteriores são exigidas mudanças no comportamento dos indivíduos<sup>335</sup>. De igual modo, só haverá garantia de solvências externas se cada indivíduo mudar de hábitos.

Com efeito, a solução preventiva do problema ecológico passará, necessariamente, pela formação das consciências humanas e educação da liberdade para

---

<sup>334</sup> Otto SCHÄFER-GUIGNIER, *Ecologia e Cristianismo*, Perpétuo Socorro, Porto 1999, pág. 11.

<sup>335</sup> Tenhamos presente que a crise ecológica põe em questão a nossa vida. “Interroga-nos a respeito: dos fundamentos da vida, da qualidade da vida, do respeito pela vida” (Otto SCHÄFER-GUIGNIER, *Ecologia e Cristianismo*, Perpétuo Socorro, Porto 1999, pág. 11).

a responsabilidade<sup>336</sup>. As comunidades internacionais e locais são vocacionadas a um compromisso de singelo valor: fomentarem uma educação integral dos seus descendentes para que possa ser assegurada a sobrevivência da sua espécie<sup>337</sup>. Se até agora nos descuidamos deste trabalho, é hora de nos aplicarmos num zelo escrupuloso para a instrução dos nossos jovens, e ao mesmo tempo formar os nossos adultos para um cuidado da natureza.

Por isso, “a catástrofe ecológica pode ser interrompida unicamente a partir de uma instância ética que dirija e controle os programas técnico-científicos, que mobilize a população mundial e a motive para tomar as decisões”<sup>338</sup>. Esta instância ética terá que ser fruto da afirmação do bem comum sobre os bens comuns, da solidariedade sobre o lucro individual, da justiça sobre a desigualdade social. Como já vimos, se o problema é moral, então o desfecho da equação ecológica será, somente, afincarmos o pé numa educação integral que promova o respeito e regule os comportamentos humanos.

Durante o crescimento, todo o recém-nascido vai sendo educado pelos progenitores acerca do recomendável, ou pelo contrário o facilmente reprovável e “uma boa educação escolar em tenra idade coloca sementes que podem produzir efeitos durante a vida toda”<sup>339</sup>. Assim também devemos garantir uma formação coesa sobre os limites da atividade humana, fronteiras essas que não podem ir além dos princípios de valor. Tudo o que seja exploração, usurpação, extermínio representam males instalados na sociedade

---

<sup>336</sup> A este nível, diz-nos Marciano Vidal: “A responsabilidade é uma das categorias básicas da teoria ética, e é também um dos elementos constitutivos da vida moral” (Marciano VIDAL, *Orientaciones éticas para tempos inciertos*, Editorial Desclée de Brouwer, Bilbao 2007, pág. 134.)

<sup>337</sup> O papa Francisco garante que “a educação na responsabilidade ambiental pode incentivar vários comportamentos que têm incidência directa e importante no cuidado do meio ambiente, tais como evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, ...” (FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 211)

<sup>338</sup> Juan Ruiz de la PEÑA, *Teología de la creación*, Sal Terrae, Salamanca 1996, pág. 191.

<sup>339</sup> FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 213.

e que devem ser severamente punidos pelo crivo do direito. Nesta conjuntura, há um caminho a trilhar de autêntica conversão ecológica, o qual não pode prescindir de um olhar renovado sobre a vida em comum<sup>340</sup>.

A este respeito, a conversão ecológica é atingida quando o ser humano se fizer mais próximo da Terra, não com o sentimento de a explorar e tirar dividendos dela, mas reconhecer o mundo como dom recebido, do qual deve cuidar<sup>341</sup>. Trata-se de um exercício complexo, mas fulcral para reconhecermos o espaço que habitamos como casa-comum. A metanoia de que falamos passará por purificar a visão falsificada do desenvolvimento tecnológico e a superação de uma visão deturpada dos estilos de vida atuais, pois o crescimento nem o estilo de vida hodiernos permitem a sustentabilidade do planeta. O desempenho deste objetivo não é opcional, mas compulsório.

A construção de uma comunidade viável depende dos critérios pelos quais se rege. Quanto mais zelar pela sua proteção e resguardo, fazendo reinar os valores da equidade e da solidariedade, mais a sociedade próspera na sua futuridade<sup>342</sup>. A educação das sociedades seculares poderão convergir num sentimento de maior partilha de distribuição, de informação e recursos, a fim de que todos sejam integrados na mesma coletividade, e nunca marginalizados. Por isso, a educação nos diferentes ambientes terá que primar pela disciplina ética que preceitue os avanços científicos e tecnológicos e cuja utilização dos seus bens seja posta à disposição de toda a sociedade e para bem da humanidade<sup>343</sup>.

---

<sup>340</sup> FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 217: “a crise ecológica é um apelo a uma profunda conversão interior”.

<sup>341</sup> “Todos nós somos a *única* humanidade, formada por Deus da *única* da terra” (Joseph RATZINGER, *Creación y pecado*, EUNSA, Pamplona 2005, pág. 69.)

<sup>342</sup> Cf. Bernhard HÄRING, *Teologia moral para o terceiro milênio*, Edições Paulinas, São Paulo 1991, pág. 52.

<sup>343</sup> Cf. John HAUGHT, *The Promise of Nature. Ecology and Cosmic Purpose*, Wipf and Stock Publishers, Eugene 1993, pág. 83. A tradução de todas as citações de origem inglesa serão da nossa responsabilidade.

Enquanto ser ontológico, o ser humano terá que afinar a sua interioridade, algo que vai além do visível e do palpável. Deste modo, não pode o ser humano pautar a sua evolução pelo desenvolvimento externo, mas necessita de corrigir os intentos menos favoráveis da sua consciência, para que não cometa mais fraudes. “A crise ecológica acaba por nos revelar que não pode haver boa ciência sem boa consciência; que uma ciência sem consciência é uma ciência inconsciente e desalmada; que toda a ciência legítima deve estar acompanhada de uma tomada de consciência”<sup>344</sup>. Daí resulta a necessidade de formar na sua totalidade a consciência humana.

O problema ecológico comprova as alienações estruturais sedimentadas por consciências mal formadas, por liberdades desregradas, e pensamentos imorais. O mesmo é dizer que não podemos prescindir de um olhar efetivo da educação para os valores morais e éticos, ao mesmo tempo, que devemos garantir o seu respeito e observação. Ninguém poderá ficar eximido do cumprimento da norma, muito menos se julgar superior à moral que regula uma sociedade desenvolvida. Por seu turno, a instrução dos limites da ação moral e ética deverá elucidar uma escala de valores que regule o comportamento, que seja primórdio e baliza do caminho trilhado, e que faça apelo a uma liberdade com responsabilidade.

Mais do que a falsificação das atividades sociais e económicas, o sujeito, num primeiro momento, deverá tomar consciência da necessidade de mudança. Aqui, a formação ética é fundamental para que cada elemento seja calculado com eficácia, para que cada componente ocupe o lugar que lhe é destinado desde o princípio da criação. O ser humano poderá evitar os sentimentos de supremacia sobre os demais e, simultaneamente, reconhecer a importância de cada espécie na manutenção do ecossistema global e, inclusive, da sua própria espécie.

---

<sup>344</sup> Juan Ruiz de la PEÑA, *Teología de la creación*, Sal Terrae, Salamanca 1996, pág. 193.

De facto, esta conjectura em que o problema ecológico se vem disseminando e, por seu turno, a relação entre seres vivos tem sido alvo de estudos consecutivos por parte das epistemologias éticas, recuperando e validando os modelos axiológicos, leva-nos a crer que o problema é nos nossos dias generalizado e disperso. Para além de ser um sinal de que o ser humano suplantou as barreiras do tolerável, não deixa de ser um apelo à transformação, a uma alteração de comportamentos que devem de ser incutidos por via da disciplina e educação a nós que nos dizemos promissores do desenvolvimento<sup>345</sup>.

Efetivamente, “o homem está integrado num sistema de valores; não pode ignorá-los nem circundá-los arrogantemente, porque então não seria mais o valor supremo; a cúpula seria, no máximo, um ponto inextenso, sem espessura, sem densidade e sem base de sustentação”<sup>346</sup>. É sobre esse círculo de valores que poderá propor-se a educação hodierna, para que o ser humano se torne mais ser humano, e a sociedade prospere de forma autêntica. A intemperança de tempos antigos terá que dar lugar à esperança dos tempos novos, onde o indivíduo reconheça que o mundo é casa comum, nossa morada, na qual fomos gerados, nos movemos e existimos. Por isso, não nos podemos arredar de um cuidado singelo mas convincente, capaz de olhar os recursos não como quem os quer para seu belo prazer, mas como oportunidade de coexistir com esses dons recebidos de um ser superior<sup>347</sup>.

---

<sup>345</sup> A crise ecológica é “uma chamada constante contra a degradação a que pode chegar a sociedade quando perde o verdadeiro sentido dos bens criados” (Aurelio FERNÁNDEZ, *Teología Moral III. Moral Social, Económica y Política*, Facultad de Teología-Burgos, Madrid 2001, pág. 542).

<sup>346</sup> Juan Ruiz de la PEÑA, *Teología de la creación*, Sal Terrae, Salamanca 1996, pág. 197.

<sup>347</sup> “Cuidar da nossa saúde significa manter nossa visão integral, buscando o equilíbrio sempre por construir entre o corpo, a mente e o espírito e convocar o médico (corpo), o terapeuta (mente), e o sacerdote (o espírito) para trabalharem juntos visando a totalidade do ser humano” (Leonardo BOFF, *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, Vozes, São Paulo 1999, pág. 147).

Não obstante, esta educação não pode prescindir de um reconhecimento estrutural e que será o limite necessário frente aos excessos estapafúrdios de um antropocentrismo e cosmocentrismo esgotados. Essa identificação só será possível com uma espiritualidade consciente e atenta, que terá de partir do “reconhecimento do autêntico centro da realidade, a afirmação de um Absoluto absoluto de quem todo depende inclusivamente o absoluto relativo que é o Homem”<sup>348</sup>.

A evolução sistêmica da espiritualidade no seio humano assegura a importância desta no modo de viver e habitar a Terra. O sujeito religioso logra uma consciência atenta sobre o seu proceder, de tal forma que encontra critérios pelos quais pauta a sua ação. Neste sentido, ao cristão exige-se não só a inteligência para cultivar uma formação ética, mas também seja capaz de acolher uma espiritualidade vivificante, associada a uma vida plena. A própria evolução no modo de celebrar e viver a fé cristã necessita de se fundar em memórias de natureza antropológica, sociológica e ecológica. Por isso, a espiritualidade poderá ser motor para a reinvenção da vida-comum, encorajando os povos a tomarem o lugar que lhes está destinado na criação.

Ora, a humanidade não pode renunciar ao estudo dos ecossistemas nem à compreensão da dinâmica entre Criador e criatura, para poder desenvolver uma relação de paz e amizade com a natureza. No âmago desta questão está o empreendimento de um projeto comum entre a Alteridade e o ser humano, na salvaguarda de uma esperança e destino partilhados<sup>349</sup>. O modelo da hospitalidade arquitetado na espiritualidade cristã precisa de ser praticado na ordem social e ecológica, ou seja, o humano deveria sentir-se hóspede nesta bela natureza, acolhido pelo meio que lhe providencia o necessário. Esta

---

<sup>348</sup> Juan Ruiz de la PEÑA, *Teología de la creación*, Sal Terrae, Salamanca 1996, pág. 198.

<sup>349</sup> Estudando os fatores sociais e humanos decorrentes do problema ecológico, o papa Francisco na sua obra “Laudato Si” chega à conclusão: “Falta a consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e dum futuro partilhado para todos”. (FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 202.)

hospitalidade originária seria reconhecimento de uma pertença comum e de uma sorte distribuídas<sup>350</sup>.

Nos nossos dias, falta a lucidez para a renovação das teias relacionais, uma tarefa imensa estimulada no seio da religiosidade. Num sentimento de precariedade e insegurança alastrados, acreditamos que os indivíduos “são capazes de se olhar a si mesmos com honestidade, externar o próprio pesar e encetar caminhos novos rumos à verdadeira liberdade [...pois...] não há sistemas que anulem, por completo, a abertura ao bem, à verdade e à beleza, nem a capacidade de reagir que Deus continua a animar no mais fundo dos nossos corações”<sup>351</sup>. A este respeito, acrescente-se que granjear a sustentabilidade é pelear sofregamente pela equidade e pela tranquilidade, fatores de gratidão e comemoração da vida humana.

A disposição para a auto-sublimidade é nuclear no processo valorativo das criaturas, para um cuidado sentido dos seres vivos e da natureza, rasgando com a consciência mal formada e isolada. Somente uma atitude versada sobre uma espiritualidade vivificante poderá aquietar a amargura e a deterioração que nos rodeia. No fundo, trata-se de ultrapassar os individualismos e fanatismos próprios da nossa época, para fortalecermos um modo de vida opcional no qual esteja presente a afinidade entre a humanidade e a natureza.

Convém lembrar que o ser humano hodierno tem sido o precursor da destruição e aniquilamento das diferentes formas de vida na Terra. O sociólogo Max Scheler afirmava que o sujeito da atualidade era um desertor de vida pela espontaneidade com

---

<sup>350</sup> José Tolentino Mendonça, teólogo português, acredita ser ainda necessário trilhar um caminho trabalhoso: “Há um trabalho a fazer para passar do apego narcisista a uma idealização da vida, à hospitalidade da vida como ela nos assoma, sem mentira e sem ilusão, o que requer de nós um amor muito mais rico e difícil. (José Tolentino MENDONÇA, *A mística do instante – o tempo e a promessa*, Paulinas Editora, São Paulo 2014, pág. 112.)

<sup>351</sup> FRANCISCO, *Laudato Si*, nº 205.

que consentia e adotava substitutos do viver. Na verdade, os desejos egoístas, aliados ao fascínio pela técnica, tem prejudicado e reduzido as especulações acerca das questões da existência humana, unicamente formuladas do ponto de vista da natureza técnica.

A ciência, acoplada pela técnica, engendrou um estilo de vida exterior do qual parece difícil libertar-nos. Assim, têm-se formado corpos de práticas e condutas pré-determinadas que funcionam como masmorras para a vida do sujeito e que, em detrimento de tal, determinam os modos de vida e as representações de valores. Esta mentalidade calculista tem os seus frutos: o humano, o afetivo, o natural, o comunitário, o sagrado ficam de parte, gerando os desequilíbrios atuais.

O preço que estamos a pagar é elevado. Vejamos que a ineficiência dos sistemas sociais começa agora a ter os primeiros sintomas com o seu definhamento. O lucro e a produtividade, já mencionada em excertos anteriores, alienados de argumentos éticos, começaram a expor “feridas” de grande dimensão. Perante estas, o ser humano vai ignorando ou mesmo camuflando-as para não ter que enfrentar-se com a sua miséria. A hipertrofia da materialidade e a atrofia da espiritualidade têm degradado a qualidade de vida humana. Por isso, a curto e médio prazo a humanidade terá que reencontrar-se consigo mesma. Neste sentido, a reaproximação ao fenómeno religioso e a descoberta espiritual poderão ser elementos a auxiliar neste processo<sup>352</sup>.

Por natureza, o ser humano não é uma máquina, mas um ente em potência. E um ser assim só poderá avaliar-se do ponto de vista humano e religioso. São estes constituintes que permitirão uma reta apreciação das vivências humanas. Neste sentido,

---

<sup>352</sup> Nesta reaproximação “o ser humano-corpo-alma tem uma singularidade: pode sentir-se parte do universo e com ele conectado; pode entender-se como filho e filha da Terra, um ser de interrogações derradeiras, de responsabilidade por seus atos e pelo futuro comum com a Terra”. (Leonardo BOFF, *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, Vozes, São Paulo 1999, pág. 149).

o espiritual é força para encontrarmos elementos que sirvam de apoio a uma descentralização do exterior, para recuperarmos as necessidades do nosso interior.

No horizonte próximo, vislumbramos uma criação a implorar redenção, uma criação a suplicar auxílio, uma criação que “geme e clama por libertação” (Rom 8,22). Esta redenção será tanto mais possível quanto mais o ser humano reassumir o seu lugar e respeitar o espaço que a criação ocupa. Assim será mais fácil curar as feridas abertas e sangrentas. A reintegração da criação na respetiva ordem trará uma nova qualidade de vida para o nosso habitar o mundo, capaz de garantir uma comunhão e solidariedade próximas<sup>353</sup>.

Consequentemente, garantidas a educação moral e ética nos ambientes sociais e reencontrada a espiritualidade que nos permite um quotidiano regido pela vida gratificante na Terra com toda a criação, faltará a transformação dos nossos passos. Na verdade, depois de um discernimento correto, impõem-se a todo o ser humano, e particularmente ao cristão, atitudes novas, condutas independentes e atividades promissoras do bem-estar universal. Por isso, o ser humano terá que ser portador de um valor noético nas relações sociais e de um domínio com doçura no trato com as criaturas, sem espezinhar nem aniquilar ninguém. É esse valor que queremos ver depositado nos comportamentos.

## 2.2. A reconfiguração das atitudes

A fenomenologia dos comportamentos humanos é complexa, diferenciando-se pela sua natureza, origens e motivações. Qualquer atitude do ser humano tem associada a si um conjunto de requisitos que determinam a sua causa e a consequência premeditada

---

<sup>353</sup> Cf. Leonardo BOFF, *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, Vozes, São Paulo 1999, pág. 134.

ou espontânea provocada. Também assim o é, no que diz respeito aos comportamentos observados com a natureza e o ambiente. O modo de “utilizar” os recursos nessa esfera restringe a sobrevivência e manutenção das espécies.

Não há dúvidas de que as atitudes humanas contribuem para a qualidade geral da ecologia e que, por seu turno, a crise ecológica que vivemos é consequência de comportamentos de risco<sup>354</sup>. Na Terra que habitamos, construímos relações e estabelecemos teias sociais que podem ser positivas, quando contribuem para o conforto de todos, ou negativas, quando são a base da degradação. No entanto, como vimos no início deste capítulo, nem sempre o ser humano agiu com responsabilidade, respeitando e zelando pelo interesse universal acima dos interesses individuais.

Para corrigir este processo, propusemos anteriormente uma educação e espiritualidade ecológicas como constituintes de uma transformação de consciências e vontades. Agora importa uma mudança global nas ações humanas que minimize os estragos provocados, e seja a aposta de uma nova relação com a criação<sup>355</sup>. A ética e moral terão o seu sentido se forem corretamente aplicadas na vida do dia-a-dia. Por isso, os valores e princípios carecem de ser cumpridos para que se dê a promoção de uma solidariedade cívica heroica.

Os ideais de responsabilidade, solidariedade, gratuidade, hospitalidade e recetividade, estruturais no respeito pelo lugar que cada criatura ocupa, têm de ser executados para que façam sentido e possam nortear as condutas humanas. Sem essa execução não há mudança possível e os erros do passado vão ser novamente cometidos, sem nunca procurarmos soluções eficazes para os problemas. Embora a alteração dos

---

<sup>354</sup> A este propósito, deve intervir a “decisão ética que regule as possibilidades científicas e oriente a sua utilização para o bem de toda a humanidade” (Juan Ruiz de la PEÑA, *Teología de la creación*, Sal Terrae, Salamanca 1996, pág. 192).

<sup>355</sup> Cf. Otto SCHÄFER-GUIGNIER, *Ecologia e Cristianismo*, Perpétuo Socorro, Porto 1999, pág. 66.

hábitos e costumes instalados seja penosa, uma vez que “os sistemas de valores e de sentido enraizaram-se profundamente no subconsciente dos homens no decurso de uma história prolongada”<sup>356</sup>, acreditamos ser possível essa mesma alteração de comportamentos fruto de uma formação prévia.

Com a tomada da consciência dos direitos do indivíduo e das criaturas, o indivíduo desempenhará mais facilmente as funções que lhe são exigidas, até porque “se a ética introduz algo próprio e específico na consideração social é a responsabilização do homem dentro do dinamismo transformativo”<sup>357</sup>. De facto, é preciso acreditar na mudança para se alterarem os padrões e sistemas vulgares. A transformação é possível, pois embora as formulações éticas possam parecer fantasiosas e idealistas, isto “não está para além do nosso alcance”<sup>358</sup>.

Na eminência de um colapso da velha ordem, é urgente preparar uma nova estrutura, que na sua raiz seja símbolo de uma mudança radical, sinal de uma conversão de sentido. Esse sentido último a indagar terá que prever uma alteração de projetos: dos planos económicos e financeiros assentes no lucro, reconfigurando-se no princípio da subsidiariedade; do plano social versado sobre o isolamento e egocentrismo, aperfeiçoando-se na comunhão e partilha; do plano ambiental assente numa tendência exagerada de aproveitamento, centrando-nos na preservação e valorização. Com efeito, tudo o que é dom recebido, ofertado pela Alteridade criadora, é digno de apreço. Aliás, a “Natureza é respeitável por si mesma e não só pelo interesse da humanidade”<sup>359</sup>.

---

<sup>356</sup> Jürgen MOLTMANN, *Dios en la creacion*, Sígueme, Salamanca 1987, pág. 37.

<sup>357</sup> Marciano VIDAL, *Moral das atitudes*, Editora Santuário, Aparecida 1980, pág. 606.

<sup>358</sup> Arthur Lyon DAHL, *O princípio Ecológico*, Instituto Piaget, Lisboa 1996, pág. 258.

<sup>359</sup> Otto SCHÄFER-GUIGNIER, *Ecologia e Cristianismo*, Perpétuo Socorro, Porto 1999, pág. 65.

Urge o tempo de uma revolução ativa e positiva que traga ao ser humano novos modos de vivência e relação<sup>360</sup>. Este passo é fundamental para que se origine e conserve um *status quo* de habitação responsável, em que a Terra seja o lar desejável para esta geração e todas as gerações que virão. Nesse sentido, a revolução terá de partir de uma nova relação com as criaturas, mais humana e integradora. O desencadeamento deste motim não será tanto o “resultado de uma limitação do princípio de que o homem é um lobo para o homem [...nem tão pouco...] limitação de que o homem é para o homem”<sup>361</sup>, mas antes desfecho de uma justiça responsabilizada e controlada.

A moral das atitudes e condutas humanas necessita de ser enobrecida por melhores atributos. Falamos da prevenção, cuidado e responsabilidade quanto ao uso dos recursos naturais, especialmente dos recursos não renováveis. De facto, como nos garante Leonardo Boff, o cuidado como apanágio do *éthos* humano é elemento hegemónico no ser essencial da humanidade<sup>362</sup>. Com efeito, para que o futuro seja repleto de esperança positiva torna-se insubstituível assumir este novo *éthos* de cuidado, da gratuidade, de recetividade e doação pela Terra, a comunidade e a vida, esta última com um valor inalienável, a qual o indivíduo não pode tirar nem esgotar.

Neste sentido, o primeiro sustentáculo de atuação da formação integral, ambiental e humana, deverá contribuir para transformar em gestos a solidariedade, a equidade e o respeito frente aos últimos moldes de ação democrática baseadas em puras práticas especulativas<sup>363</sup>. Isto materializa-se num único objetivo, o de criar novas atitudes e

---

<sup>360</sup> Cf. Marciano VIDAL, *Moral das atitudes*, Editora Santuário, Aparecida 1980, pág. 614.

<sup>361</sup> Emmanuel LEVINAS, *Ética e infinito-diálogos com Philippe Nemo*, Edições 70, Lisboa 1980, pág. 72.

<sup>362</sup> Cf. Leonardo BOFF, *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, Vozes, São Paulo 1999, pág. 39.

<sup>363</sup> “Foi com cuidado que Cuidado moldou o ser humano. Empenhou aí dedicação, ternura, devoção, sentimento e coração. E com isso criou responsabilidades e fez surgir a preocupação com o ser que ele

condutas que façam jus ao consumo e dispêndios da nossa comunidade universal, com o fim último de criar condições de sustentabilidade. Só depois de uma abordagem multirreferencial, com seus campos epistemológicos, seus conceitos e noções, relativos a várias áreas de saber, poderemos eternizar comportamentos modestos, categoricamente reelaborados para desenvolvimento da *praxis* quotidiana.

A “conversão ecológica” proposta pelo Papa Francisco não significa poupar água ou mesmo gastar menos energia, mas antes praticar uma autêntica ecologia integral, adotar formas de vida sustentável, reprimir a deterioração dos recursos e transformar a mentalidade humana de dominadora em hospitaleira. Efetivamente, pretende-se educar a moral das atitudes para um sentimento maior de sensibilidade e afeto, de compaixão e misericórdia. Isto inclui praticar a excelência da alma, adestrar a afabilidade do espírito e as atitudes da vontade.

O cumprimento das normas associadas à educação civil não é mero instrumento de coesão social, mas imperativo categórico para uma ética pessoal e social, isto é, convida-nos a superar os nossos egoísmos e a sermos transmissores de um amor divino. Contudo, para chegarmos a esse nível precisamos de nos revestir das boas intenções nas nossas condutas. Na verdade, a regra de ouro está “em Mateus e Lucas no contexto das bem-aventuranças, na renúncia à justiça comutativa, no amor aos inimigos, na exigência de sermos perfeitos e misericordiosos como o Pai celestial”<sup>364</sup>.

*A priori*, trata-se de empreender um caminho de discernimento, à semelhança de Ransom, protagonista no livro “Além do Planeta Silencioso” de Clive Lewis. O herói conclui que é possível uma convivência harmónica que transcende as dissemelhanças

---

plasmau” (Leonardo BOFF, *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, Vozes, São Paulo 1999, pág. 101).

<sup>364</sup> Joseph RATZINGER, *Princípios de Moral Cristiana*, Edicep, Valencia 2002, pág. 80. A tradução de todas as citações de origem espanhola serão da nossa responsabilidade.

físicas e culturais entre povos. Isto porque uma raça não precisa de subjugar ou mesmo dissolver a outra para o seu desenvolvimento, nem tão pouco precisa de criar escalas gradativas entre povos inferiores e superiores para garantir a sua existência. Só assim se poderia manter a harmonia inicial e celestial, a já referida ordem do *cosmos*<sup>365</sup>.

Acreditamos que a atitude humana atinge a sua plenitude a partir do momento que, motivada pelos princípios e valores éticos, é expressão de uma vida em consonância com a verdade, a beleza e a bondade. Aí o ser humano pode buscar o sentido da sua existência e encontrar os motivos pelos quais foi vocacionado: tudo quanto respira louve o Senhor (Sl 150,5). Nesta marcha, quer jovial quer penosa, a Terra avança, permeável às manifestações humanas, mas na qual a coisa admirável deve ser admirada.

Assim, uma vez que dos problemas ecológicos emerge a grande ofensa humana, não só a da exploração excessiva, desregrada e despótica dos recursos, como também a escravização do indivíduo pelo indivíduo, infligindo sofrimento nas criaturas e natureza, pedem-se à humanidade novas atitudes, concentradas sobre o essencial, associadas estas a uma conversão de sentido que depreenda o valor das inter-relações harmoniosas entre os humanos. A crise ecológica é refém da crise humana de valores e de relação, da ausência das grandes referências e referenciais, uma crise profunda entre o ser humano e Deus.

Por conseguinte, só a redescoberta do Deus da vida e a reintegração da espiritualidade humana, assente na experiência da dileção, tornaria possível a superação dos problemas atuais, pois, “a fé que ama é experiência do eterno [...e pelo contrário...]”

---

<sup>365</sup> Cf. Clive Staples LEWIS, *Lejos del planeta silencioso*, Ediciones Encuentro, Madrid 1994, pág. 158 e 159. A tradução de todas as citações de origem espanhola serão da nossa responsabilidade.

a perda de fé resulta num enigma insolúvel”<sup>366</sup>. Somos convidados a munirmo-nos de uma ciência consciente e de uma espiritualidade responsável, ético-ecológica, sinal sensível e visível da reparação da harmonia entre Deus, o ser humano e a natureza. Por isso, a ecologia inspira-nos uma ética assente na responsabilidade e compromisso, movida pela consciência moral, uma ética de recetividade, gratuidade, amor oblativo, graça, de esperança e equidade<sup>367</sup>.

A única ética ecológica, vivenciada nas atitudes por ser relacional, aberta e difusora de vida, diz-nos o que a própria fé assegura: “o realmente belo brilha de onde o mesmo real adquire forma e se supera a contradição enganosa entre ilusão e desilusão. A totalidade da existência segue sendo um mistério, cuja forma de manifestação não é, sem embargo, um enigma estranho para o homem experimentado, provado na existência, mas converte-se num espaço afirmado, iluminado”<sup>368</sup>.

Como qualquer sábio só entende o mistério do seu ser através da experiência do ser, também na definição dos princípios ecológicos deverá o sujeito organizar informação e dilatar princípios, fruto de uma experiência já sedimentada, que salvaguardem os direitos de todos. Trata-se de construir uma teodiceia ecológica que abrirá novos caminhos de relação, novos horizontes de conduta, e novos princípios que salvaguardem

---

<sup>366</sup> Hans Urs von BALTHASAR, *Glória – una estética teológica (vol. 1 – La percepcion de la forma)*, Ediciones Encuentro, Madrid 1985, pág. 216. A tradução de todas as citações de origem espanhola serão da nossa responsabilidade.

<sup>367</sup> Trata-se de enobrecer a nossa conduta com o sentimento de hospitalidade. A este propósito Leonardo Boff chama a atenção: “a hospitalidade é por excelência a virtude dos nômadas, migrantes e peregrinos. De certa forma, todos somos peregrinos, pois somos viandantes pelos caminhos da vida e frequentemente estamos às voltas como estrangeiros, merecedores de hospitalidade. Sem hospitalidade, as pessoas, as comunidade e os povos não alimentam a reciprocidade entre si e nem reforçam o laço da paz e de amizade entre eles” (Leonardo BOFF, *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, Vozes, São Paulo 1999, pág. 178.)

<sup>368</sup> Hans Urs von BALTHASAR, *Glória – una estética teológica (vol. 1 – La percepcion de la forma)*, Ediciones Encuentro, Madrid 1985, pág. 217.

a natureza e a humanidade. Num futuro, abonado pela força do Espírito, a humanidade é interpelada a rever-se na comunhão e comunicação de vida, a cultivar e gesticular a justiça social e solidária.

### **3. Teodiceia ecológica – linhas programáticas e futuristas**

Há certamente nos nossos dias menor sensibilidade para a responsabilidade que o ser humano ostenta enquanto ser racional, dotado de consciência esclarecida e ciência reflexiva. Ao contrário do que seria expectável, o ser humano esqueceu o compromisso social com os seus semelhantes e os restantes seres-vivos que partilham a condição de habitantes da Terra. As condutas de desrespeito, consecutivas, para com a natureza e a humanidade, deixam clara essa mesma falta de afeição, de uma vertiginosa ataraxia, ao ver ser destruído o ambiente, eliminado o indivíduo e despojados os direitos dos restantes seres. Enfim, uma sensibilidade esvaziada de dileção por aqueles que preenchem o nosso quotidiano e formam o nosso lar familiar<sup>369</sup>.

Todavia, cremos ser possível uma teodiceia ecológica que parta da contemplação e admiração do belo, do sumptuoso, que só a natureza nos provoca por via dos nossos sentidos. O mundo continua em evolução permanente, avança de etapa em etapa, de estádio em estádio. Ele próprio marca o ritmo dessa teodiceia. Na verdade, aqui está a existência admirável, graças a essa marcha versada sobre novas ocorrências, novas concreções e novos exórdios. Desenrola-se a trama de uma vida geradora de mais vida, em pleno evento escatológico e soteriológico.

---

<sup>369</sup> “A natureza merece respeito e escuta, escuta poética, já que tem valor por si mesma” (Adolphe GESCHÉ, *Dios para pensar II. Dios – El Cosmos*, Les editions du Cerf, Salamanca 1997, pág. 151).

Vejam os que na vida os que vivem à míngua tendem naturalmente à altura a fim de encontrar a luz, um escape para a sua sobrevivência. De igual modo, “o que é pobre, trata de ser rico: em força, em calor, mediante a sabedoria e simpatia”<sup>370</sup>. Esta lei do mundo deverá ser aplicada à reinvenção dos projetos de vida e modos de alimentar a espiritualidade, isto é, se até agora jogamos fora uma existência moral e espiritual, alheia às dificuldades da ecologia integral, é hora de nos enobrecermos com as retas condutas e tendermos para a claridade de uma vida onde o tempo e a promessa se cumpram, como refere José Tolentino Mendonça.

Ora, a evolução de uma inteligência capaz de respeitar o sujeito e a natureza só poderá partir de uma nova abordagem emotiva e flexível, de uma cultura dos sentidos onde o saber e o sabor confluem para caucionar e perpetuar cada instante, cada segundo de beleza. Trata-se de uma cultura de sentidos despertada pelo amor e que tende a respeitar e zelar aquilo que se sente e se conhece, em oposição ao que foi o “excesso de estimulação sensorial [...que nunca...] amplia a nossa capacidade de sentir, mas contamina-a com uma irremediável atrofia”<sup>371</sup>.

Inevitavelmente, num tempo de desencanto profundo, onde o humano se aborrece de ser humano, todo o indivíduo terá que fazer um percurso de reconfiguração e não esquecer que os sentidos informam e dão corpo ao que muitas vezes não pode ser explicado por palavras. Por isso, qualquer cogitação acerca da natureza e do ser humano deveria ser potenciada pelo pasmo e estupefação do belo, por aquilo que de mais representativo e original há na ordem geral do Universo. A cada passo, será fundamental perceber, “com uma daquelas certezas que brotam inegociáveis do fundo da própria alma,

---

<sup>370</sup> Hans Urs von BALTHASAR, *El corazón del mundo*, Ediciones Encuentro, Madrid 2009, pág. 25. A tradução de todas as citações de origem espanhola serão da nossa responsabilidade.

<sup>371</sup> José Tolentino MENDONÇA, *A mística do instante – o tempo e a promessa*, Paulinas Editora, São Paulo 2014, pág. 17.

se estamos dispostos a amar a vida como esta se apresenta<sup>372</sup> e a experimentar pelos sentidos o que ela nos desperta.

Neste amor oblato, a receptividade, já mencionada neste estudo, poderá ser o elemento de referência para uma melhor consciencialização dos encargos que cada indivíduo logra no meio<sup>373</sup>. Daí que o ser-se responsável envolve uma estrutura de resposta e dever para com a criação, crendo na “convenção” d’Aquele que no-la confiou. A superação dos entraves seculares será possível quanto mais estivermos cientes da inviolabilidade da dignidade e integridade humana e de todas as criaturas.

Ao depender do rumo humano, o futuro sustentável do nosso planeta dependerá da obediência a uma ética que faça superar a crise ecológica e de valores, uma ética articulada e enraizada nos princípios de Deus, uma vez que é o único capaz de autenticar valores inalienáveis e princípios conserváveis. Vejamos que é Ele que no livro do Génesis aparece a criar os seres mundanos, a ordena-los segundo o seu valor e a estratificá-los para que a ordem geral do planeta seja respeitada. Nesta estrutura cada qual é chamado a desempenhar a sua função, sem prejudicar os demais, uma estrutura onde Deus, o ser humano e a natureza ocupam cada um o seu lugar, e quando há lacunas a ordem é colocada em causa. Não é por acaso que muitos estudiosos garantem que a crise “origina-se não na religião mas na desintegração da religião”<sup>374</sup>.

---

<sup>372</sup> José Tolentino MENDONÇA, *A mística do instante – o tempo e a promessa*, Paulinas Editora, São Paulo 2014, pág. 111.

<sup>373</sup> A receptividade rasga as nossas entranhas e marca a identidade pessoal do mais ínfimo ser e coletiva de um povo. Neste processo, “o modo de ser cuidado só convence verdadeiramente quando se transforma em saga na biografia de pessoas e modela situações existenciais” (Leonardo BOFF, *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, Vozes, São Paulo 1999, pág. 167.)

<sup>374</sup> John HAUGHT, *The Promise of Nature. Ecology and Cosmic Purpose*, Wipf and Stock Publishers, Engene 1993, pág. 83.

Ter presente essa hierarquia é dispormos das mesmas afeições de Francisco de Assis: o ser humano “no meio do mundo criado, [...] sente-se não apenas em paz por reconhecer nele a marca do seu Criador e Salvador; ao confraternizar com todos os seres criados, sente-se deslumbrado, extasiado”<sup>375</sup>, na certeza que cada criatura ostenta uma excepcional parte de ser. Desde que somos gerados, todos exprimimos uma parte do próprio Ser que é Deus, por isso com dignidade inviolável e integridade absoluta<sup>376</sup>. A via sacramental “convida-nos a apreciar o mundo natural num espírito de gratidão pelo dom que é”<sup>377</sup>, a torná-lo no futuro um *habitat* com condições de habitabilidade.

Neste sentido, “o nosso destino depende completamente de que consigamos defender esta dignidade moral do homem no mundo da técnica e de todas as suas possibilidades”<sup>378</sup>, para que a tentação tecnológica e científica não esgotem as escolhas sustentadas de uma vida com esperança, porque “a esperança é capaz de dialogar com o futuro e de o aproximar”<sup>379</sup>, promovendo a qualidade de vida desejada por todos. Pela mesma via, o combate aos totalitarismos e às autocracias depende profundamente do sentimento de misericórdia de cada sujeito, pois “numa situação em que muitos dos nossos contemporâneos se sentem sem alento, desesperançados e desorientados, a mensagem de misericórdia divina deverá valer enquanto mensagem de confiança e esperança”<sup>380</sup>.

---

<sup>375</sup> AA.VV., *A Espiritualidade de Francisco de Assis*, pág. 235.

<sup>376</sup> Cf. João DUQUE, *Homo Credens – Para uma teologia da fé*, Universidade Católica Editora, Lisboa 2004, pág. 205.

<sup>377</sup> John HAUGHT, *The Promise of Nature. Ecology and Cosmic Purpose*, Wipf and Stock Publishers, Eugene 1993, pág. 83.

<sup>378</sup> Joseph RATZINGER, *Creación y pecado*, EUNSA, Pamplona 2005, pág. 71.

<sup>379</sup> José Tolentino MENDONÇA, *A mística do instante – o tempo e a promessa*, Paulinas Editora, São Paulo 2014, pág. 65.

<sup>380</sup> Walter KASPER, *La misericordia – clave del evangelio e de la vida cristiana*, Sal Terrae, Maliaño 2012, pág. 19. A tradução de todas as citações de origem espanhola serão da nossa responsabilidade.

Embora o caminho seja extenso, não podemos desperdiçar os momentos oportunos para o fazer, até porque, assegurando que “é místico aquele ou aquela que não pode deixar de caminhar”<sup>381</sup>, teremos a certeza da responsabilidade de cada qual e sua importância enquanto ser. Ninguém se pode julgar imune à batalha a emprender em defesa da vida e do bem comum, afastando-se dos comportamentos mercantilizados que conduzem a um grau de anonimato relevado. Pelo contrário, revestidos de uma espiritualidade disciplinada, poderemos crescer como dominadores responsáveis e amáveis para a criação a nós confiada.

De *per si*, o papel dos Estados, e particularmente da religião, terá que ser refletido na restauração e conservação da ecologia terrestre e humana, provendo dos materiais necessários para projetarmos uma ecologia integral não só nas exortações éticas como também apoiada no cultivo vital de uma relação equilibrada com o meio ambiente. Com efeito, a missão está bem delimitada: salvar o mundo. A religião e sobretudo o cristianismo têm como fim último esse acontecimento soteriológico. Acreditamos que poderá ser uma mais-valia neste processo.

Não esqueçamos, “o «tu não matarás» é a primeira palavra do rosto. Ora, é uma ordem. Há no aparecer do rosto um mandamento, como se algum senhor falasse. Apesar de tudo, ao mesmo tempo o rosto de outrem está nu; é o pobre por quem posso tudo e a quem tudo devo. E eu, que sou eu, mas enquanto «primeira pessoa», sou aquele que encontra processos para responder ao apelo”<sup>382</sup>. Concluimos, “todo o ato humano, de conhecimento ou vontade, ao dar-se à realidade sobre a qual se exerce uma solidez e

---

<sup>381</sup> Michel de CERTEAU, *La fable mystique*, Vol. 1, Gallimard, Paris 1987. A tradução de todas as citações de origem francesa serão da nossa responsabilidade.

<sup>382</sup> Emmanuel LEVINAS, *Ética e Infinito-diálogos com Philippe Nemo*, Edições 70, Lisboa 1982, pág. 80.

sentido, apoia-se secretamente em Deus”<sup>383</sup>. Assim, somos convidados a rever-nos nas figuras paradigmáticas do peregrino e do convertido, não só pela mobilidade religiosa, mas essencialmente pela afirmação de um sentido de vida com valor, onde a experiência é motor para novos ensaios<sup>384</sup>. Oxalá possamos nós cantar, dia e noite, com o Salmista:

<sup>1</sup>Bendiz, ó minha alma, o SENHOR!  
SENHOR, meu Deus, como Tu és grande!  
Estás revestido de esplendor e majestade!

<sup>2</sup>Estás envolto num manto de luz  
e estendeste os céus como um véu.

<sup>3</sup>Fixaste sobre as águas a tua morada,  
fazes das nuvens o teu carro,  
caminhas sobre as asas do vento.

<sup>4</sup>Fazes dos ventos teus mensageiros,  
e dos relâmpagos, teus ministros.

<sup>5</sup>Fundaste a terra sobre bases sólidas,  
ela mantém-se inabalável para sempre.

<sup>6</sup>Tu a cobriste com o manto do abismo  
e as águas cobriram as montanhas;

<sup>7</sup>mas, à tua ameaça, elas fugiram,  
ao fragor do teu trovão, estremeceram.

<sup>8</sup>Ergueram-se as montanhas, cavaram-se os vales  
nos lugares que lhes determinaste.

<sup>9</sup>Puseste limites às águas, para não os ultrapassarem,  
e nunca mais voltarem a cobrir a terra.

<sup>10</sup>Transformas as fontes em rios,  
que serpenteiam entre as montanhas.

<sup>11</sup>Eles dão de beber a todos os animais selvagens,  
neles matam a sede os veados dos montes.

<sup>12</sup>Os pássaros do céu vêm morar nas suas margens;  
ali chilreiam entre a folhagem.

---

<sup>383</sup> Henri-Marie DE LUBAC, *Por los caminos de dios*, Ediciones Encuentro, Madrid 1993, pág. 35. A tradução de todas as citações de origem espanhola serão da nossa responsabilidade.

<sup>384</sup> Cf. Danièle HERVIEU-LÉGER, *O Peregrino e o Convertido. A Religião em Movimento*, Gradiva, Lisboa 2005, pág. 257

<sup>13</sup>Das tuas altas moradas regas as montanhas;  
com a bênção da chuva sacias a terra.

<sup>14</sup>Fazes germinar a erva para o gado  
e as plantas úteis para o homem,  
para que da terra possa tirar o seu alimento:

<sup>15</sup>o vinho, que lhe faz brilhar o rosto,  
o azeite, que lhe faz brilhar o rosto,  
e o pão, que lhe robustece as forças.

<sup>16</sup>Matam a sua sede as árvores do SENHOR,  
os cedros do Líbano que Ele plantou.

<sup>17</sup>Nelas fazem ninho as aves do céu;  
a cegonha constrói a sua casa nos ciprestes.

<sup>18</sup>Os altos montes são abrigo para as cabras,  
e os rochedos, para os animais roedores.

<sup>19</sup>A Lua cumpre as várias estações  
e o Sol conhece o seu ocaso.

<sup>20</sup>Tu estendes as trevas e faz-se noite,  
nela vagueiam todos os animais da selva.

<sup>21</sup>Rugem os leões em busca da presa,  
pedindo a Deus o seu alimento.

<sup>22</sup>Mas, ao nascer do Sol, logo se retiram,  
para se recolherem nos seus covis.

<sup>23</sup>Então o homem sai para o trabalho  
e moureja até anoitecer.

<sup>24</sup>SENHOR, como são grandes as tuas obras!  
Todas elas são fruto da tua sabedoria!  
A terra está cheia das tuas criaturas!

<sup>25</sup>Lá está o mar, grande e vasto,  
onde se agitam inúmeros seres,  
animais grandes e pequenos.

<sup>26</sup>Nele passam os navios e ainda o Leviatan,  
monstro que Tu criaste, para ali brincar.

<sup>27</sup>Todos esperam de ti  
que lhes dês comida a seu tempo.

<sup>28</sup>Dás-lhes o alimento, que eles recolhem,

abres a tua mão e saciam-se do que é bom.

<sup>29</sup>Se deles escondes o rosto, ficam perturbados;  
se lhes tiras o alento, morrem  
e voltam ao pó donde saíram.

<sup>30</sup>Se lhes envias o teu espírito, voltam à vida.  
E assim renovas a face da terra.

<sup>31</sup>Glória ao SENHOR por toda a eternidade!  
Que o SENHOR se alegre em suas obras!

<sup>32</sup>Ele olha para a terra e ela estremece,  
toca nos montes e eles fumegam.

<sup>33</sup>Cantarei ao SENHOR, enquanto viver;  
louvarei o meu Deus, enquanto existir.

<sup>34</sup>Que o meu cântico lhe seja agradável,  
pois no SENHOR encontro a minha alegria.

<sup>35</sup>Desapareçam da terra os pecadores!  
Os ímpios deixem de existir!  
Bendiz, ó minha alma, o SENHOR!

*Aleluia!*<sup>385</sup>

## CONCLUSÃO

Num estudo desta natureza, apresentar uma questão na fronteira entre as ciências sociais e a teologia permite escassas e definitivas conclusões, embora possamos retirar daqui algumas reformulações para a vida humana. Com efeito, o esboço arquitetado conduz-nos a um caminho distinto, o de ponderar procedimentos e alterar condutas, por forma a minimizar a pegada ecológica deixada. Antes da apresentação de conclusões, será fundamental tomar consciência do longo caminho a percorrer entre as ciências e a teologia. Aliás, em virtude da fugacidade e da instabilidade que o mundo moderno ostenta, auxiliada pela crescente e difícil hierarquização do ser humano face ao que o rodeia, não seria, nem é, criterioso declarar soluções permanentes.

Pelo contrário, será ajuizado delinear grelhas fenomenológicas, em cada período, mediante tudo quanto foi refletido e de acordo com os utensílios disponíveis. Tal postura não deve orientar-se para o desânimo, mas algo que deva estimular à reflexão incessante e que traga novos traços esperançosos para a ecologia integral, como espelho, uma fé vivida e praticada no quotidiano. Os progressos celebrados nas ciências sociais, mormente na ecologia e sua relação com o humano, permitiram um novo olhar sobre o mundo e os fenómenos: um planeta complexo, com uma multiplicidade de acontecimentos, provocados pelos mais diferentes acidentes, não raras vezes impulsionados pelo ser humano.

Certamente, só uma mudança nas consciências humanas, nos procedimentos e escolhas da humanidade, poderá significar uma transformação da situação calamitosa que presenciamos. A preservação e o cuidado da casa comum, deste espaço partilhado, deve ser objetivo a cumprir por cada cidadão e, ulteriormente, por cada instituição

governamental e não-governamental. Ninguém se exclui nem ninguém pode sentir-se excluído. Esta é uma tarefa universal.

Tendo por base este sentimento de salvaguarda do *habitat*, uma das exigências da nossa fé, que se concretiza na atividade que empreendemos, deve ser incutida no indivíduo contemporâneo uma nova sensibilidade diante das consequências deploráveis da ação humana. Os anos volvidos evidenciam que a egolatria é um dos primeiros fatores para a crise dos nossos dias. Este sentimento de autossuficiência desmesurada conduziu cada ser humano, cada Estado, as empresas e instituições, a políticas desacertadas, a promover um fosso enorme entre pobres e ricos. Embora o progresso científico e tecnológico trouxesse vantagens ao potenciar a “*aldeia global*”, não deixou de fomentar o contraste na distribuição de recursos, bens e serviços, e, em última instância, da repartição de riqueza. Não é por acaso que a tecnologia e a ciência chegam a apenas uma parte do planeta, a outra fica sem acesso e fora dessa “*aldeia global*”. Ora, o desenvolvimento quer-se universal e disseminado por todas as comunidades.

Este mundo de contraste foi crescendo gradualmente, não raras vezes explorado de acordo com os prazeres individuais, gerando uma amnésia sem limites no dever e obrigação de cuidado do ambiente, bem como no esquecimento do próprio sujeito. Caído nesta esquizofrenia complexa, o ser humano evita confrontar-se com a gravidade das suas ações, e na liberdade que lhe é característica abusa da libertinagem, pois a sua consciência foi mal formada, esquecidos estão os valores. Note-se que na sua gênese, o antropocentrismo pressupunha uma humanidade de paridades, não assim. Como podemos chamar ao rumo que construímos desenvolvimento, se está unicamente ao serviço dos magnatas? Como podemos afirmar a vanguarda tecnológica e científica fatores de coesão para o terceiro milénio, se assistimos ao incremento das diferenças entre povos? Será que podemos garantir a sustentabilidade do planeta quando destruimos progressivamente a

Terra? Não podemos depositar a sustentabilidade do planeta nas mãos do nosso irmão, quando na verdade devemos ser os primeiros a garanti-la.

Os despotismos e tiranias hodiernos são os grandes motores da fragmentação da sociedade contemporânea, agravando a violência do indivíduo para com o indivíduo e, posteriormente, para com a natureza. A prepotência nunca foi boa conselheira, e produziu inevitavelmente uma sociedade desalinhada com as responsabilidades que cada ser individual ostenta no coletivo. Daí resultou esta insensibilidade quanto à pertença do espaço que habitamos e o compromisso que temos sobre ele, um encargo que exige de cada um a proteção e salvaguarda do que é único, o nosso planeta no seu todo.

O problema ecológico gerou-se pela conduta nefasta de várias gerações, da nossa geração, que aproveita de modo inescrupuloso os recursos que a Terra concede, atentando contra a dignidade e a integridade humana. Todos somos responsáveis por cada passo dado, pela situação que multiplicamos. Da mesma forma, teremos que assumir esse compromisso de segurança, de resolução dos problemas. Será bem mais fácil se o fizermos na comunhão e solidariedade de irmãos que somos, no respeito pelos direitos e cumprimento dos deveres. Vivemos num ecossistema universal, composto por diversos *habitats* e nichos, que carecem de uma proteção arrojada. Embora seja uma tarefa árdua, ao ser humano foi dada a capacidade, segundo a sua inteligência e vontade, de assegurar o desenvolvimento integral da casa comum. É este o mandato consignado por Deus ao ser humano: “Crescei e multiplicai-vos, enchei e submetei a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra” (Gn 1,28).

Um estudo sobre a conduta humana não terá sentido se não incutir a educação da consciência tendo em vista a mudança de conduta. A alteração de comportamentos é fundamental, e recuperar a ecologia integral como propósito da Humanidade no seu todo

também. De facto, cremos ser possível a cada sujeito rever-se nas diferentes dimensões da ecologia integral com o fim último de promover a paz com toda a criação. A ecologia enquanto ciência questiona o ser humano, interroga os seus procedimentos e a gradação do progresso alcançado. Com o mesmo propósito, o magistério da Igreja procurou, desde a segunda metade do século XX, valorizar o empenho do indivíduo que procura o bem comum e promove a casa que habita. As reflexões papais promovem uma consciência humana sobre a atenção e louvor, agradecimento e contemplação de tudo quanto nos rodeia, atitudes essas imprescindíveis para melhorar os sentimentos que nutrimos pelo ser humano e pelo ambiente.

Este trabalho pode ser entendido como um ensaio, onde se procurou abordar uma questão marcadamente complexa pelos horizontes sempre novos a estudar. Aqui, tentamos enquadrá-la segundo o plano comportamental, olhando os procedimentos e motivações do ser humano contemporâneo. Insistimos nas conceções que levaram o indivíduo a se esquecer de proteger e cuidar o seu mundo. Sem dúvida, a crise de valores espoletada pelo egocentrismo atual fez perder essa sensibilidade interior e exterior para com a vida, a comunhão e a natureza.

No final deste estudo, fica a sensação de que as direções ainda por explorar são muito vastas e temerosas. A reflexão científica e teológica aprofunda-se continuamente e a partir de uma tradição. Disso são exemplo as múltiplas preocupações despertadas em redor do problema ecológico e que deram a conhecer um espaço mais alargado do prejuízo da pegada ecológica de que somos herdeiros e patrocinadores. E com o advento de uma responsabilização efetiva, quer individual, quer coletiva, ainda mais podemos vir a aprofundar. Certamente a investigação trará novas descobertas para os próximos tempos, as quais subsidiarão a teologia, numa ótica interdisciplinar, a melhor compreender o ser humano e a sua relação com a criação. Por seu turno, a teologia poderá

e deverá cooperar com a perspectiva cosmológica, teológica e antropológica que lhe é peculiar, para que o conhecimento da realidade não se reduza a uma mera ilustração, antes a um saber com sabor e sentido.

Deste modo, torna-se compreensível que as direções a explorar sejam, momentaneamente, as limitações deste trabalho. Provisoriamente, foi possível apontar alguns traços e caminhos introdutórios, em virtude da brevidade do trabalho, quer pela pouca maturidade do compositor, quer pela pouca bibliografia disponível na academia. Mesmo assim, e apesar das várias contingências, procurou-se elaborar um trabalho sério sobre a consciência responsável por esta casa comum, para com um ambiente partilhado, que atesta a beleza e magnitude do Ser que a criou, um Ser que só poderia ser de amor. Possam as instituições representativas e os cidadãos enobrecer as suas práticas na delicadeza para com a Terra, dom e sinal do Amor.



**BIBLIOGRAFIA**

AA. VV., *A Espiritualidade de Francisco de Assis*, trad. de FONSECA, José Maria da, Editorial Franciscana, Braga 1993.

AA.VV., *Ecologia*, in CASTELEIRO, João Malaca (dir.), *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea. Academia das Ciências de Lisboa – Fundação Calouste Gulbenkian*, Vol. 1º, Verbo, Braga 2001.

AA.VV., *Ecologia*, in HAYES, David, *New Standard Encyclopedia*, vol. 6º, Ferguson Publishing Company Chicago 2000.

AA.VV., *Ecologia*, in LORIMER, Lawrence (dir.), *Encyclopedia of Knowledge*, vol. 6º, Grolier Incorporated Danbury, United States of America 1991.

AA.VV., *Ecologia*, in SOARES, Maria Fernanda Martins e FERREIRA, Vítor Wladimiro (dirs.), *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube*, vol. 7º, Ediclube, Alfragide 1996, 2175-2176.

ALVES, Herculano, *A terra no Antigo Testamento*, «Bíblica – série científica» 12 (2003) 95-144.

AYLLÓN, José Ramón, *En torno al hombre*, 2ª ed., col. «Biblioteca de Educación y Ciencias Sociales. Serie Técnicas y Estudios Experimentales» 14, Edições Rialp, Madrid 1993.

BALTHASAR, Hans Urs von, *Glória: una estética teológica*, vol. 1 La percepción de la forma, Ediciones Encuentro, Madrid 1985.

– *El Corazón del Mundo*, Ediciones Encuentro, Madrid 2009

BARRÈRE, Martin, *Terra – Património Comum. A ciência ao serviço do meio ambiente e do desenvolvimento*, trad. de Dulce Matos, col. «Perspectivas Ecológicas» 3, Instituto Piaget, Lisboa 1992.

BENEDICTI XVI PP, *Litterae Encyclicae «Caritas in Veritate»* (29 mensis Iunii 2009), in AAS 101 (2009) N.8 1-69.

– *Mensagem para a celebração do XL Dia Mundial da Paz «A pessoa humana, coração da paz»*, in OR (16 Dez. 2006) 6-7.

– *Littera Encyclica «Spe Salvi»*, in OR (8 Dez. 2007) 7-15.

– *Mensagem para a celebração do XLI Dia Mundial da Paz «Família humana, comunidade de paz»*, in OR (15 Dez. 2007) 8-9.

– *Mensagem para a celebração do XLII Dia Mundial da Paz «Combater a pobreza, construir a paz»*, in OR (13 Dez. 2008) 8-10.

– *Mensagem para a celebração do XLIII Dia Mundial da Paz «Se quiseres cultivar a paz, preserva a criação»*, in OR (19 Dez. 2009) 8-10.

BOFF, Leonardo, *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*, 11ª ed., Vozes, Petrópolis 2004.

BUBER, Martin, *Eu e Tu*, trad. de Newton Aquiles vin zuben, Cortez & Moraes, São Paulo 1979.

CAZELLES, Henry, *Bible, sagesse, science*, «RSR» 48 (1960), 40-55.

CERTEAU, Michel de, *La fable mystique*, Vol. 1, Gallimard, Paris 1987.

CONGAR, Yves, *Église et Papauté*, Éditions du Cerf, Paris 2002

COSTA, Alcindo, Génesis. *Das lendas e mitos da Criação à fé no Deus Criador*, 2ª ed., Difusora Bíblica, Lisboa 2002.

COUTINHO, Jorge, *Caminhos da razão no horizonte de Deus*, Universidade Católica Portuguesa, Braga 2004.

– *Filosofia do conhecimento*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa 2003.

DAHL, Arthur Lyon, *O princípio Ecológico. Ecologia e Economia em simbiose*, trad. de Teresa Coelho e Gonçalo Couceiro Feio, col. «Perspectivas Ecológicas» 28, Instituto Piaget, Lisboa 1996.

DE LUBAC, Henri-Marie, *Por los caminos de dios*, trad. de Leandro de Sesma, col. «Ensayos» 70, Ediciones Encuentro, Madrid 1993

– *O drama do humanismo ateu*, trad. Irodino Teixeira de Aguiar, Porto Editora, Porto 1943.

DUQUE, João, *Homo Credens. Para uma teologia da fé*, col. «Teologia Fundamental» 3, Universidade Católica Editora, Lisboa 2002.

ERICKSON, Jon, *O nosso planeta está a morrer – a extinção das espécies e biodiversidade*, Makron Books, São Paulo 1992.

FABIÃO, António Manuel e LOUSÃ, Mário, *Ecologia*, in CHORÃO, João Bigotte (dir.), *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 9º, «Edição Século XXI», Editorial Verbo, Lisboa São Paulo 1999, 1155-1159.

FERNÁNDEZ, Aurelio, *Teología Moral III. Moral Social, Económica y Política*, Facultad de Teología-Burgos, Madrid 2001.

FRANCISCI PP., *Adhortatio Apostolica «Evangelii Gaudium»* (24 mensis Novembris 2013), in AAS 105 (2013) N.12 1-119.

– *Litterae Encyclicae «Laudato Si'»* (24 mensis Maii 2015), in AAS 107 (2015)

FREITAS, Helena, *Sobre o (des)equilíbrio ecológico da Terra*, «Bíblica – série científica» 12 (2003) 183-188.

GESCHÉ, Adolphe, *Dios para pensar II. Dios – El cosmos*, col. «Verdad e Imagem» 136, Sígueme, Salamanca 1997.

GEVAERT, Joseph, *El problema del hombre. Introducción a la antropología filosófica*, col. «Lux Mundi» 48, 20ª ed., Ediciones Sígueme, Salamanca 1976.

GILES, Thomas Ranson, *História do Existencialismo e da Fenomenologia*, Editora da Univ. de S. Paulo, São Paulo 1975.

GOLDSMITH, Edward, *O desafio ecológico – Uma Ecologia Cultural*, col. «Perspectivas Ecológicas» 10, trad. de Miguel Serras Pereira, Instituto Piaget, Lisboa 1995.

GOLEMAN, Daniel, *Inteligência social. A nova ciência do relacionamento humano*, trad. de Mário Dias Correia, Temas e Debates, Lisboa 2006.

GOODIN, Robert, *La utilidad e el bien*, in SINGER, Peter, *Compendio de ética*, trad. de Jorge Vigil Rubio e Margarida Vigil, col. «Alianza Diccionarios», Alianza Editorial, Madrid 2007.

HÄRING, Bernhard, *Teologia moral para o terceiro milênio*, trad. de Frangiotti Roque, col. «Nova Coleção Ética» 5, Edições Paulinas, São Paulo 1991.

HAUGHT, John, *The Promise of Nature. Ecology and Cosmic Purpose*, Wipf and Stock Publishers, Eugene 1993.

HELFRICH, Harold W. (coord.), *A Crise Ambiental – A Luta do Homem para Viver Consigo Mesmo*, trad. de Cláudio Gilberto Froelich e Fernando de Castro Ferro, Edições Melhoramentos, São Paulo 1970.

HERVIEU-LÉGER, Danièle, *O Peregrino e o Convertido. A Religião em Movimento*, trad. de Catarina Silva Nunes, col. «Religião Aberta» 2, Gradiva, Lisboa 2005.

JOANNES PAULUS PP. II, *Litterae Encyclicae «Redemptor Hominis»* (4 mensis Martii 1979), in AAS 71 (1979) 257-324.

– *Litterae Encyclicae «Sollicitudo Rei Socialis»* (30 mensis Decembre 1987), in AAS 80 (1988) 513-586.

- *Mensagem para a Celebração do XXIII Dia Mundial da Paz «Paz com Deus Criador, Paz com toda a Criação»*, in OR (17 Dez. 1989) 5-7.
- *Lettera Apostolica «Centesimus Annus»*, in OR (5 Maio 1991) 5-16.
- *Litterae Encyclicae «Evangelium Vitae»* (25 mensis Martii 1995), in AAS 87 (1995) 401-522.
- *Exhortación Apostólica «Pastores Gregis»*, in OR (25 Out. 2003) 7-26.

KASPER, Walter, *La misericordia – clave del evangelio e de la vida cristiana*, 3ª ed., trad. de José Manuel Perona, col. «Presencia Teológica» 193, Sal Terrae, Maliaño 2012.

KÜNG, Hans, *O Cristianismo. Essência e História*, trad. de Gemaniano Cascais Franco, Circulo de Leitores, Braga 2002.

LARRÈRE, Catherine e LARRÈRE, Raphaël, *Do Bom Uso da Natureza – Para uma filosofia do meio ambiente*, trad. de Armando Pereira da Silva, col. «Perspectivas Ecológicas» 30, Instituto Piaget, Lisboa 1997.

LEBRET Louis Joseph, *Dynamique concrete du développement*, Les Editionis Ouvrières, Paris 1961.

LEIS, Hector Ricardo, *A Modernidade Insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea*, Vozes, Petrópolis 1999.

LEVINAS, Emmanuel, *Ética e infinito-diálogos com Philippe Nemo*, trad. de João Gama, col. «Biblioteca de Filosofia Contemporânea» 7, Edições 70, Lisboa 1980.

LEWIS, Clive Staples, *La Abolición del Hombre*, 2ª ed., trad. Javier Ortega García, Ediciones Encuentro, Madrid 1994.

- *Lejos del Planeta Silencioso*, trad. Magdalena Barrera, Ediciones Encuentro, Madrid 1994.

MARTINS, Moisés de Lemos, *A Linguagem, a verdade e o poder: ensaio de semiótica social*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2002.

MELO, João Joanaz de e PIMENTA, Carlos, *Ecologia e Ambiente*, col. «O que é» 6, Difusão Cultural, Lisboa 1993.

MENDONÇA, José Tolentino, *A Mística do Instante. O tempo e a promessa*, Paulinas Editora, Prior Velho 2014.

MENESES, Pedro Urbano López de, *No Princípio Deus Criou. Iniciação à Teologia da Criação*, DIEL, Lisboa 2009.

MIERMONT, Jacques, *Ecologia das relações afetivas. Para um paradigma ecossistémico*, Instituto Piaget, Lisboa 1996.

MILBANK, John, *Teologia e Teoria Social. Para além da razão secular*, trad. de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves, Edições Loyola, São Paulo 1995.

MOLTMANN, Jürgen, *Dios en la creacion. Doctrina ecológica de la creación*, col. «Verdad e Imagem» 102, Sígueme, Salamanca 1987.

– *L'Église dans la Force de L'Espirit. Une contribution à l'ecclésiologie moderne*, Éditions du Cerf, Paris 1980.

MORRIS, Peter e THERIVEL, Riki, *Methods of Environmental Impact Assessment*, UCL Press Limited, London 1995.

NEVES, Joaquim Carreira das, *Do Homem de Terra ao Homem-Deus: da Criação à Encarnação (perspectiva bíblica e franciscana)*, «Bíblica – série científica» 12 (2003) 155-173.

ODUM, Eugene, *Fundamentos da Ecologia*, 3ª ed., trad. de Baeta Neves, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2001.

OREA, Domingo Gómez, *Evaluacion de impacto ambiental*, 3ª ed, Editorial Agrícola Española, Madrid 1998.

PAULUS PP. VI, *Litterae Encyclicae «Populorum Progressio»* (26 mensis Martii 1967), in AAS 59 (1967) 257-299.

– *Epistula Apostolica «Octogésima Adveniens»* (14 mensis Maii 1971), in AAS 63 (1971) 401-441.

– *Litterae Apostolicae sub plumbo datae «Apostolorum Limina»* (23 mensis Maii 1974), in AAS 66 (1974) 298-307.

PEÑA, Juan Ruiz de la Peña, *Las nuevas antropologías. Un reto a la teología*, 2ª ed., col. «Punto Limite» 17, Editorial “Sal Terrae”, Santander 1983.

– *Teología de la creación*, 4ª ed., col. «Presencia Teológica» 24, Editorial “Sal Terrae”, Salamanca 1996

RAD, Gerhard von, *Teología del Antiguo Testamento I*, Sígueme, Salamanca 1972.

RAMADE, François, *Éléments d'écologie – Écologie Appliquée*, 3ª ed, Edscience International, Paris 1989.

RATZINGUER, Joseph, BALTHASAR, Hans Urs Von, e SCHÜRMAN, Heinz, *Principios de Moral Cristiana*, 2ª ed., trad. de Miguel Antolí, col. « Compendios de Estudios Teológicos» 10, Edicep, Valencia 2002.

RATZINGER, Joseph, *A Europa de Bento. Na crise de Culturas*, trad. de António Rocha, Alêtheia Editores, Braga 2005.

– *No Princípio Deus Criou o Céu e a Terra*, 1ª ed., trad. de Alfredo Dinis e Miguel Panão, Príncipe Editora, Cascais 2009.

– *Creación y pecado*, EUNSA, Pamplona 2005.

ROSELLÓ, Francesc Torralba, *Antropología del Cuidar*, Editorial Mapfre, Madrid 2005.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Constitutio Dogmatica de Ecclesia «Lumen Gentium»*, in AAS 57 (1965) 5-67.

– *Constitutio Pastoralis de Ecclesia in Mundo Huius Temporis «Gaudium et Spes»*, in AAS 59 (1967) 257-299.

SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Questões disputadas sobre o mal*.

SAVATER, Fernando, *Convite à ética, Fim de século*, Lisboa 2008.

SCHÄFER-GUIGNIER, Otto, *Ecologia e Cristianismo*, trad. de António Maia da Rocha, col. «Breve» 6, Editorial Perpétuo Socorro, Porto 1999.

SESBOÛÉ, Bernard, *Creer – Invitación à la fé católica para las mujeres e los hombres del siglo XXI*, San Pablo, Madrid 2014.

SIMMONS, Ian G., *Humanidade e Meio Ambiente: Uma Ecologia Cultural*, trad. de Lígia Teopisto, col. «Perspectivas Ecológicas» 33, Instituto Piaget, Lisboa 1997.

SIMÕES, Maria de Fátima, *Relações interpessoais: perspectivas e fundamentos*, «Brotéria» 152 (2001) pág. 147-157.

SINGER, Peter, *Um só Mundo: a ética da globalização*, trad. de Maria de Fátima St. Aubyn, col. «Filosofia Aberta» 14, Gradiva, Lisboa 2004.

– *Unsanctifying Human Life: essays on ethics*, Blackwell Publishers, Oxford 1946.

SOROMENHO-MARQUES, Viriato, *Regressar à terra – consciência ecológica e política de ambiente*, Fim de Século, Lisboa 1994.

SOTTOMAYOR, A. P. Ferreira, *Prometeu*, in CHORÃO, João Bigotte (dir.), Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura, vol. 24º, «Edição Século XXI», Editorial Verbo, Lisboa São Paulo 2001, col. 34.

SPÍNOLA, Hélder (coord.), *1985/2005 – 20 anos Quercus*, Fernandes e Terceiro, Lisboa 2005.

STENGER, Mgr Marc (org.), *Écologie et création*, Parole et Silence, Angers 2008.

STO AGOSTINHO, *Cidade de Deus*.

TAYLOR, Charles, *A Era Secular*, Instituto Piaget, Lisboa 2012.

VARANDA, Isabel, *Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador*, «Theologica» 38 (2003) 187-306.

VAZ, Armindo dos Santos, *Origem da Terra segunda a Bíblia. Mito e fé*, «Bíblica – série científica» 12 (2003) 49-86.

VIDAL, Marciano, *Moral das atitudes. Moral social (vol.3)*, Editora Santuário, Aparecida 1980.  
– *Orientaciones éticas para tiempos inciertos. Entre la Escila del relativismo y la Caribdis del fundamentalismo*, col. «Biblioteca Manual Desclée» 53, Editorial Desclée de Brouwer, Bilbao 2007.

WÉNIN, André, *O Homem Bíblico. Leituras do Primeiro Testamento*, trad. Maurilo D. Sampaio, Edições Loyola, São Paulo 2006.

ZOHAR, Danah e MARSHALL, Ian, *Inteligência espiritual*, col. «Outro Olhar» 32, Sinais de Fogo, Lisboa 2004.



## ÍNDICE

<b>RESUMO</b> .....	1
<b>ABSTRACT</b> .....	2
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	3

### CAPÍTULO I

#### ECOLOGIA - ESTADO DA QUESTÃO

<b>1. Terminologia de ecologia</b> .....	11
<b>2. Crise ecológica</b> .....	16
2.1. <i>Contexto geral do problema ecológico</i> .....	19
2.2. <i>Uma crítica valorativa num horizonte ecologista</i> .....	29
<b>3. Uma ecologia integral</b> .....	37
3.1. <i>Ecologia ambiental e social</i> .....	40
3.2. <i>Ecologia cultural</i> .....	43
3.3. <i>Ecologia individual e comunitária</i> .....	47
3.4. <i>Ecologia espiritual</i> .....	51
<b>4. A ecologia integral e o “lugar de Deus”</b> .....	57
4.1. <i>Doutrina da criação (Gn 1,28)</i> .....	60
4.2. <i>Limites da discussão</i> .....	65

## CAPÍTULO II

### INTERVENÇÕES DO MAGISTÉRIO ACERCA DA ECOLOGIA

<b>1. Concílio Vaticano II</b> .....	71
1.1. <i>Justiça e caridade num cuidado ecológico à luz da Gaudium et Spes</i> .....	72
<b>2. Pontificado de Sua Santidade, Paulo VI (1963-1978)</b> .....	75
2.1. <i>Consciência ecológica com a Populorum Progressio</i> (1967).....	76
2.2. <i>Destruição e exploração lavradas na Octogésima Adveniens</i> (1971) .....	79
2.3. <i>Os problemas da humanidade a partir da Apostolorum Limina</i> (1974).....	83
<b>3. Pontificado do Sumo Pontífice, João Paulo II (1978-2005)</b> .....	84
3.1. <i>Uma economia para todos pela Redemptor Hominis</i> (1979).....	86
3.2. <i>Ritmos e anseios na mãe natureza, Sollicitudo Rei Socialis</i> (1987) .....	89
3.3. <i>Identidade ecológica – Mensagem no dia mundial da paz em 1990</i> .....	93
3.4. <i>Encíclica Centesimus Annus e a descoberta da ecologia humana</i> (1991)....	97
3.5. <i>Apelo na Evangelium Vitae</i> (1995) .....	100
3.6. <i>Exortação pós-sinodal Pastoris Gregis</i> (2003).....	103
<b>4. Pontificado do Sumo Pontífice, Bento XVI (2005-2013)</b> .....	105
4.1. <i>Para um humanismo integral – mensagem para o dia mundial da paz de 2007</i> .....	106
4.2. <i>A esperança de um respeito maior pela ecologia na Spe Salvi</i> (2007) .....	108
4.3. <i>Abertos à solidariedade – mensagem para o dia mundial da paz de 2008</i> ...111	
4.4. <i>Pela dignidade natural – mensagem para o dia mundial da paz de 2009</i> ...114	
4.5. <i>Desenvolvimento e justiça a partir da Caritas in Veritate</i> (2009) .....	116
4.6. <i>Restabelecer a aliança – mensagem para o dia mundial da paz de 2010</i> ....120	
<b>5. Pontificado do Sumo Pontífice, Francisco (2013 - )</b> .....	122
5.1. <i>Consciência ecológica na Evangelii Gaudium</i> (2013).....	123
5.2. <i>Cuidado da casa comum e Laudato Si</i> (2015) .....	129

<b>6. Síntese programática, um epílogo como início de caminho .....</b>	<b>134</b>
---	------------

### **CAPÍTULO III**

#### **BALANÇO SISTEMÁTICO**

<b>1. Ecologia integral numa ótica global.....</b>	<b>141</b>
1.1. <i>Alienações paradigmáticas .....</i>	<i>146</i>
1.2. <i>A liberdade mal usada .....</i>	<i>154</i>
<b>2. Primórdios de uma transformação .....</b>	<b>162</b>
2.1. <i>Compromisso ético-ecológico (educação e espiritualidade).....</i>	<i>164</i>
2.2. <i>A reconfiguração das atitudes .....</i>	<i>172</i>
<b>3. Teodiceia ecológica – linhas programáticas e futuristas.....</b>	<b>179</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>187</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>193</b>
<b>ÍNDICE.....</b>	<b>201</b>